

**RAFAEL DE SOUZA ALVES**

**NAÇÃO CRIOLA:**

**estudo sobre a releitura da personagem Fradique Mendes**

**ASSIS**

**2016**

**RAFAEL DE SOUZA ALVES**

**NAÇÃO CRIOLA:**

**estudo sobre a releitura da personagem Fradique Mendes**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Rubens Pereira dos Santos

**ASSIS**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

A474n Alves, Rafael de Souza.  
Nação crioula: estudo sobre a releitura da personagem  
Fradique Mendes / Rafael de Souza Alves. Assis, 2016.  
93 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista  
Orientador: Prof. Dr. Rubens Pereira dos Santos

1. Mendes, Carlos Fradique. 2. Literatura angolana  
(Português). 3. Agualusa, José Eduardo – 1960 – Nação  
crioula. I. Título.

CDD 869.899

Com muito carinho aos meus pais, Sinézio e Rose, e à minha namorada Daniela, por todo apoio e incentivo.

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que fizeram parte desta caminhada até aqui, durante estes anos, nos quais muitas pessoas passaram e, cada um a seu modo, muito contribuíram não apenas para o desenvolvimento de minha pesquisa, mas também para meu crescimento como ser humano. Pensando nisto, me esforçarei para tentar não deixar de citar todos aqueles que tiveram grande importância em minha vida, acadêmica ou não, durante este período que se iniciou na Graduação e se estende até o Mestrado.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por tudo que me proporciona a cada dia, por ser meu pilar de sustentação a cada vez que o desânimo ou as dúvidas apareciam, e aparecem, sempre me trazendo paz e tranquilidade e me ajudando a superá-las.

Em especial à minha namorada Daniela de Oliveira Lima que, presente durante todo este tempo, carinhosamente me apoiou, me aconselhou e me acolheu mesmo nos momentos mais complicados, sempre com uma palavra positiva e um lindo sorriso. Obrigado também por toda a disposição em ler, reler e revisar este trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rubens Pereira dos Santos, por toda a disponibilidade, atenção e paciência sempre que precisei, pelas indicações, conversas e sugestões que foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço, também, por me apresentar o fascinante mundo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Aos meus pais, Sinézio e Rosemary, que, apesar da distância, sempre me apoiaram, das mais diversas maneiras possíveis. Tudo que conquistei foi possível graças a vocês, que acreditaram e me incentivaram a sempre seguir adiante, apesar de todas as dificuldades. Vocês são meus exemplos.

À minha irmã Marianne, sempre amiga, exemplo de dedicação e comprometimento, pelas longas conversas e momentos de descontração, mesmo estando distante. Muito obrigado, irmãzinha!

Ao Prof. Dr. Márcio Roberto Pereira, pelas críticas, sugestões e indicações em relação a este trabalho durante o Exame de Qualificação, e aos professores Dr. Francisco Cláudio Alves Marques e Dr<sup>a</sup> Susana Ramos Ventura pelas questões, observações e sugestões que foram de grande importância para seu melhor desenvolvimento.

Aos amigos, Ana Maria Lange Gomes, Bruna Carolina de Almeida Pinto, Clauber Ribeiro Cruz e Wesley Dartagnan Salles pelo apoio e motivação, além das conversas, viagens e bons momentos, fossem estes de caráter acadêmico ou não.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da Biblioteca “Acácio José Santa Rosa”, da UNESP / Assis, por toda a paciência, atenção e disposição.

À CAPES, que me permitiu, através da bolsa de estudos, desenvolver a presente pesquisa.

*“Victorino não simpatizou com ele. Irritavam-no as opiniões definitivas de Fradique, o seu ceticismo, a facilidade com que, recém-desembarcado, já teorizava sobre todos os grandes problemas de Angola. Irritava-o ainda mais aquilo que ele próprio definia como “a encadernação”: a casaca perfeitamente ajustada ao tronco, a camisa sem mácula, a pérola no esplendor do peitilho. Quase se ofendeu quando lhe propus que o convidasse para cear em nossa casa: “Aquilo não é um homem”, murmurou, “é uma invenção literária”. Suspeito que sentia ciúmes.” (José Eduardo Agualusa)*

ALVES, Rafael de Souza. **Nação Crioula: estudo sobre a releitura da personagem Fradique Mendes**. 2016. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Assis, 2016.

## RESUMO

Fradique Mendes é uma personagem criada entre 1868 e 1869 por Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós como poeta e que, alguns anos mais tarde, reaparece em *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), romance escrito por Eça de Queirós. Esta personagem é retomada por José Eduardo Agualusa, em *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), obra na qual o escritor apresenta, através da publicação de suas cartas, aquela que seria uma parte desconhecida da história de Fradique Mendes, sua viagem para a África. Esta dissertação tem como objeto de estudo o protagonista do romance angolano e para seu desenvolvimento optamos por sua divisão em três capítulos, nos quais discutiremos a releitura da personagem por José Eduardo Agualusa e sua inserção neste novo contexto, em contato com outras culturas, como a angolana e a brasileira. Pretendemos analisar as características, a maneira como se realiza sua adaptação, assim como a relação com temas como o tráfico de escravos entre África e Brasil. Esta pesquisa nos possibilita refletir sobre como o autor, por meio da retomada desta personagem, discute questões como a relação entre estes três países.

**Palavras-chave:** Personagem. Fradique Mendes. Nação Crioula. Literatura Angolana. José Eduardo Agualusa.

ALVES, Rafael de Souza. **Nação Crioula: study about the re-reading of the character Fradique Mendes**. 2016. 93f. Dissertation (Master in Letters) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Assis, 2016.

## ABSTRACT

Fradique Mendes is a character created between 1868 and 1869 by Antero de Quental, Jaime Batalha Reis and Eça de Queirós as a poet and, a few years later, reappears in *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900) novel written by Eça de Queirós. This character is resumed by José Eduardo Agualusa in *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), a work in which the writer presents, through the publication of his letters that would be an unknown part of the history of Fradique Mendes, his trip to África. This dissertation has as object of study the protagonist of the Angolan novel and for its development we chose to divide it in three chapters, in which we will discuss the re-reading of the character by José Eduardo Agualusa, the insertion in this new context, in contact with other cultures, such as Angolan and Brazilian. We intend to analyze the characteristics, the way how is realized its adaptation, as well as the relation with themes such as the slavery between Africa and Brazil. This research allow us to reflect how the author, through the resumption of this character, discuss questions as the relationship between these three countries.

Key words: Character. Fradique Mendes. Nação Crioula. Angolan Literature. José Eduardo Agualusa.

## SUMÁRIO

<b>Considerações iniciais</b> .....	11
<b>Capítulo 1 – Fradique Mendes : da poesia à luta antiescravista</b> .....	18
1.1 Fradique Mendes .....	19
1.1.1 O poeta.....	19
1.1.2 Fradique Mendes e <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> .....	21
1.1.3 <i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> .....	23
1.2 <i>Nação Crioula</i> : a luta contra a escravidão .....	25
1.2.1 A luta contra a escravidão .....	25
1.2.2 Romance epistolar .....	26
1.2.3 A personagem.....	32
<b>Capítulo 2 – Fradique Mendes e suas relações com Angola, Brasil e Portugal</b> .....	39
2.1 Primeiras impressões .....	42
2.2 Angola .....	43
2.3 Brasil.....	51
2.4 Portugal.....	56
2.5 Um português em trânsito .....	59
<b>Capítulo 3 – Entre escravos e negreiros: a escravidão, o espaço e o trânsito em <i>Nação Crioula</i></b> .....	64
3.1 A escravidão em <i>Nação Crioula</i> .....	67
3.2 Escravos e negreiros .....	69
3.3 O espaço .....	77
3.4 Trânsitos .....	83
<b>Considerações finais</b> .....	87
<b>Referências</b> .....	91

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em literatura nos deparamos, algumas vezes, com personagens que transpõem as obras das quais se originaram, tornando-se conhecidas mesmo por aqueles que nunca tiveram contato com os livros das quais participam, casos como os de Dom Quixote ou Sherlock Holmes, por exemplo. Há também a possibilidade de nos depararmos com uma personagem transitando entre obras, sejam estas do mesmo autor ou até mesmo de diferentes escritores, inseridas em outros contextos ou mesmo propondo uma releitura. Temos, neste caso, o romance *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, escrito por José Eduardo Agualusa e publicado em 1997. Nesta obra Fradique Mendes é retomado pelo autor angolano para protagonizar sua história, apresentada através do gênero epistolar.

Carlos Fradique Mendes foi criado no final da década de 1860, em Portugal, por um grupo de amigos que "tinha o ideal comum de tirar o seu país do obscurantismo, do atraso intelectual e das amarras da religião" (THIMÓTEO, 2001, p.24). A "Geração de 70" consistia em um grupo de jovens intelectuais de diversas áreas, liderados por Antero de Quental e que contava ainda com nomes como Eça de Queirós, Teófilo Braga, Oliveira Martins e Jaime Batalha Reis, entre outros. Segundo Massaud Moisés (1994), esta geração "empenhada em mudar os padrões políticos, econômicos, sociais, religiosos, culturais e estéticos de sua época, encontravam na Arte um eficaz meio para expressar suas ideias." (p.139). O grupo estivera ligado à Questão Coimbrã, ocorrida entre os anos de 1865 e 1866, considerada o marco inicial do Realismo em Portugal. Em relação a este desentendimento entre os dois grupos, de um lado liderado por Antônio Feliciano de Castilho e de outro por Antero de Quental, Benjamin Abdala Júnior afirma

A polêmica envolveu partidários dos dois lados e assinala o triunfo de uma nova camada de intelectuais, mais atualizada e dinâmica, sobre o provincianismo dos ultra-românticos portugueses. Mais do que isso: assinala o triunfo de uma concepção de literatura que tinha como objetivo central a intervenção do escritor no sentido de diagnosticar os problemas sociais do país. Pretendiam uma revolução no pensamento e na sociedade, como ocorria na Europa. (1982, p.101).

Os partidários do Realismo haviam saído vitoriosos e, em 1868, se reuniram novamente e formaram o Cenáculo, em Lisboa, assim como decidiram por organizar as Conferências do Cassino, iniciando suas apresentações em 1871. Tais reuniões tinham como objetivo, segundo Massaud Moisés, "conscientizar a Nação, acordando-a para as

transformações sócio-político-econômicas por que atravessava o resto da Europa (1994, p.102). Totalizavam, conforme o programa, dez conferências, das quais Antero de Quental encarregou-se da abertura, em 22 de maio daquele ano, intitulada “O espírito das conferências”, na qual apresenta sua proposta, de “inserir Portugal no contexto europeu, fazendo-o acompanhar as novas tendências culturais do século” (MOISÉS, 1994, p.102). A segunda, sob as “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos”, também foi proferida por Antero. Na sequência, Augusto Soromenho discutia “A literatura portuguesa”. A quarta conferência foi apresentada por Eça de Queirós com o título de “A literatura nova (o Realismo como nova expressão da arte)”, em que defendia o Realismo como “a expressão artística mais consentânea com os novos tempos” (MOISÉS, 1994, p.103). Adolfo Coelho apresentou “O ensino”, que acabou sendo a última a se realizar. As conferências seguintes, “Os historiadores críticos de Jesus”, por Salomão Sáraga, “O socialismo”, de Jaime Batalha Reis, “A república”, de Antero de Quental, “A instrução primária”, de Adolfo Coelho, e “A dedução positiva da ideia democrática”, de Augusto Fuchini, foram proibidas por meio de portaria, de autoria do Marquês d’Ávila e de Bolama, que alegava que estas conferências ofendiam as leis do reino, e “propunham sustentar doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado” (MOISÉS, 1994, p.103). A suspensão das Conferências do Cassino Lisboense causou polêmica e gerou protestos, mas elas acabaram por não se realizar.

A personagem surgiria em meio a este grupo, pelas mãos de três de seus integrantes, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós. Fradique Mendes apareceria pela primeira vez com a publicação de algumas poesias, ainda em 1869. Mas sua “existência” não se resumiria ao poeta. Eça de Queirós, dentre os três idealizadores da personagem, foi aquele que deu continuidade à sua existência fictícia. Escreveu, junto de Ramalho Ortigão, o romance epistolar *O Mistério da Estrada de Sintra*, antes de se dedicar, em 1888, à publicação em formato de folhetim das cartas de Fradique Mendes que, anos mais tarde, comporiam o livro *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900). O autor nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa do Varzim e faleceu em Paris, em 16 de Agosto de 1900. Formou-se em Direito, em 1866, em Coimbra, cidade onde tivera contato com outros jovens intelectuais que fariam parte, junto dele, da conhecida Geração de 70 e do Cenáculo. Apesar de se tornar um dos mais importantes nomes deste período, não havia participado diretamente da Questão Coimbrã, em 1865. Após se formar, exerce a profissão primeiramente em Évora e, depois, Lisboa. Algum tempo depois se torna Consul, o que lhe propicia uma vida de contato

com a realidade de outros países. Primeiro atuou na América Central, na cidade de Havana, em Cuba, entre 1872 e 1873. Esta sua primeira experiência durou pouco tempo, pois meses depois é chamado para voltar a Lisboa. É enviado à Inglaterra, primeiro para Newcastle, em 1874, e depois para Bristol, em 1878. Por fim, ainda em 1878, é enviado para Paris, onde viveria o restante de sua vida.

Em relação à sua obra, alguns estudiosos optam por dividi-la em três fases, de acordo com a predominância do estilo usado pelo autor. Para Maria Aparecida Ribeiro, estas fases se definem por uma inicial, de predominância do *espírito romântico*, seguida por outra de *olhar realista-naturalista*, tendo, por fim, uma de “modos que marcam sua superação” (REIS, 2000, p.183):

[...] pode-se falar em *três fases* na obra de Eça de Queirós: a que vai dos seus primeiros escritos na *Gazeta de Portugal* (Mar. 1866-Dez. 1867), postumamente reunidos sob o título *Prosas Bárbaras*, até a publicação d’*O Mistério da Estrada de Sintra* (1870); a que se inicia com a participação nas Conferências do Cassino e a colaboração n’*As Farpas* (1871-1872), da qual *O Crime do Padre Amaro* (1880) e *O Primo Basílio* (1878) são romances exemplares; e, finalmente, a que se anuncia com a carta-prefácio de *O Mandarim* (1884) (...) para mostrar-se em pleno n’*A Correspondência de Fradique Mendes* (1888, ed. em livro: 1900), n’*A Ilustre Casa de Ramires* (1900) e n’*A Cidade e as Serras* (1901) (2000, p.183-184)

Massaud Moisés define estes três momentos sendo o primeiro como de inspiração romântica e pouca preocupação formal, entre 1866 e 1874, o segundo mais realista, abrangendo *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio*, *A relíquia* e *Os Maias*. O último apresentaria outras fontes de inspiração e maior preocupação estilística, onde estariam *A ilustre casa de Ramires*, *A cidade e as serras* e *Últimas páginas*. (1994, p.140-141).

Alguns aspectos a se notar na produção de Eça de Queirós são o emprego da ironia e as constantes revisões a que o autor submetia sua obra. No primeiro caso, torna-se uma característica da linguagem do autor, mais presente na segunda fase, mas que acaba por ser menos utilizada em seu último período, quando se volta para as questões espirituais. No que se refere às revisões, Massaud Moisés afirma:

Eça torna-se ao longo de sua vida um artífice da língua. Escreve e reescreve cada página, num incansável trabalho estilístico, documentado pelas edições de seus romances, sempre emendados e melhorados a cada revisão: é o inigualável burilador do discurso [...] (1994, p.141).

Maria Aparecida Ribeiro afirma que isso se deve à reflexão constante, por parte do autor, unida à preocupação realista da busca da verdade. (2000, p.182). Temos, como

exemplo, as revisões em *O Crime do Padre Amaro*, em *O Primo Basílio*, além de *O Mistério da Estrada de Sintra*, *O Mandarin*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *Os Maias*.

Segundo Maria Nazareth Soares (2001), Fradique Mendes é considerado, por alguns leitores e críticos, como alter-ego de Eça de Queirós. Podemos notar em comum, por exemplo, a ironia presente nas cartas de Fradique Mendes e a visão crítica em relação à sua pátria, Portugal. A personagem, embora Eça de Queirós tenha falecido em 1900, ainda é revisitada por escritores contemporâneos com alguma frequência. Em *Nação Crioula*, por exemplo, acompanhamos outra parte da história do dândi português, desta vez através da narrativa composta por um escritor angolano.

José Eduardo Agualusa Alves da Cunha<sup>1</sup> nasceu em Angola, na cidade de Huambo, em 1960 e estudou Silvicultura e Agronomia em Lisboa, Portugal. Como escritor, se beneficiou de três bolsas de criação literária, sendo a primeira em 1997, pelo Centro Nacional de Cultura, para escrever *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, objeto de nosso estudo, a segunda em 2000, pela Fundação Oriente, quando escreveu *Um estranho em Goa*, e a terceira em 2001, quando escreveu *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, cedida pela instituição Deutscher Akademischer Austauschdienst, da Alemanha. É autor de peças de teatro, algumas junto de Mia Couto, como *A caixa preta* e *Chovem amores na Rua do Matador*, além de poesias, romances, contos e crônicas.

O autor escreve crônicas para o portal Rede Angola, para a revista Ler, de Portugal, e o jornal O Globo, do Brasil. Apresenta um programa de música e literaturas africanas para a RDP África, chamado *A hora das cigarras*. Também é membro da União dos Escritores Angolanos. Suas obras são traduzidas e publicadas em vários países, sendo um dos escritores angolanos contemporâneos mais lidos no Brasil, juntamente com Mia Couto. Entre estas obras podemos citar *A Conjura* (1989), *A Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997), *Um Estranho em Goa* (2000), *O Ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002), *O Vendedor de Passados* (2004), *Barroco Tropical* (2009), *Teoria Geral do Esquecimento* (2012) e *A Rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo* (2014).

---

<sup>1</sup> Os dados referentes à biografia do autor foram consultados nos sites [www.agualusa.pt](http://www.agualusa.pt) (acesso em 10/12/2015) e <http://www.ueangola.com/bio-quem/item/832-jos%C3%A9-eduardo-agualusa> (acesso 12/12/2015).

Entre as premiações que recebeu, podemos citar o prêmio Sonangol de Literatura por *A Conjura*, em 1989, Grande Prêmio de Literatura da RTP, por *Nação Crioula*, em 1997, Prêmio independente de Ficção Estrangeira, pelo diário britânico *The Independent*, em 2007 por *O Vendedor de Passados*, entre outros.

O autor faz parte de uma nova geração de escritores angolanos que, segundo Márcia Valéria Zamboni Gobbi, “se seguiu à dos já aclamados José Luandino Vieira e Pepetela, cuja produção literária está marcadamente ligada à guerra colonial e às lutas pela independência” (2012, p.135). A autora ainda observa que:

A geração a que Agualusa pertence, pós-revolucionária, não deixa de estar atenta ao passado de lutas da Nação, mas sua literatura parece adquirir traços menos testemunhais, abrindo-se, em grande medida, a uma realidade que ultrapassa questões mais afeitas à construção de uma identidade própria, autônoma, nacional – à busca, enfim, de um sentido de angolidade. Nela ecoa, por isso, certa necessidade de diálogo com uma tradição cultural e linguística que, parece-lhes hoje, não pode ser negada, ainda que necessite ser redimensionada. (GOBBI, 2012, p.135).

Em algumas de suas obras podemos detectar este caráter de diálogo entre culturas, especialmente a angolana, brasileira e portuguesa, tais como o livro de contos *Manual Prático de Levitação* (2005), composto por vinte contos que se dividem em três partes (Angola, Brasil e Outros lugares de errância) e o próprio romance *Nação Crioula* (1997), no qual o protagonista viaja entre estes três países, entrando em contato com diferentes culturas, seus costumes e tradições.

Em *Nação Crioula* José Eduardo Agualusa retoma a personagem e narra, através de suas cartas, a história de seu envolvimento com a jovem angolana Ana Olímpia, ex-escrava e uma das mais ricas pessoas do país, durante a segunda metade do século XIX, colocando-o frente ao problema do tráfico de escravos entre África e América. E Fradique Mendes, europeu, “representação do homem livre, salvo da tirania das ideias feitas, liberto do modelo de educação servil e livresca que embota o espírito e amortece a curiosidade” (FONSECA, 2001, p.255) entrará em contato com culturas distintas, em terras angolanas e brasileiras, com seu olhar interessado, afeito a aquisição de conhecimento através da inserção em meio a outras sociedades, descreverá suas observações, opiniões e críticas em sua correspondência, enviada à Madame de Jouarre, Ana Olímpia ou Eça de Queirós. O autor se utiliza, para constituir a narrativa, da epistolografia, usada pelo escritor português na segunda parte de *A Correspondência de Fradique Mendes*. E, mesmo se tratando de uma retomada da

personagem, a obra angolana dialoga com o texto queirosiano, recuperando algumas de suas passagens e personagens, como Madame de Jouarre.

A proposta desta pesquisa é o estudo do protagonista de *Nação Crioula*, Fradique Mendes, recuperado por José Eduardo Agualusa quase um século após a publicação do romance queirosiano. A personagem da obra angolana mantém algumas características do dândi d'A *Correspondência de Fradique Mendes*, assim como outras lhe são conferidas. Seu contato com o sistema escravista e, principalmente, sua relação com Ana Olímpia o forçarão a assumir outra postura, revelando-se, segundo Silvio Renato Jorge, “profundamente questionador acerca de suas próprias raízes” (2001, p.364), olhando de maneira diferente para as relações entre Angola, Brasil e Portugal.

Para o desenvolvimento da dissertação, optamos por dividi-la em três capítulos. No primeiro nos dedicamos ao estudo da personagem, iniciando com uma retomada acerca da criação de Fradique Mendes, desde seu aparecimento como poeta satânico até a publicação de *A Correspondência de Fradique Mendes* para, então, passarmos ao estudo do protagonista de *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Achamos interessante, entretanto, discorrer brevemente acerca da forma escolhida por José Eduardo Agualusa para compor a narrativa, em formato de romance epistolar, uma vez que acompanhamos a história por meio das cartas da personagem, onde são expressas suas impressões e opiniões. Cabe ressaltar que há pesquisas sobre este tema, como a dissertação *A proximidade discursiva nas cartas dos romances A Correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queiroz e Nação Crioula: a Correspondência secreta de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa* (2015), de Daniela de Oliveira Lima, que desenvolve um estudo comparativo entre as duas obras. Em seguida, atentamos para a questão da personagem, sua adaptação a outro contexto e suas características. Neste capítulo nos apoiamos em teorias de Antonio Candido, Beth Brait, Roland Bourneuf e Réal Ouellet, E. M. Forster, Donald Schüler, Maria Nazareth Soares Fonseca, Isabel Pires de Lima, entre outros, para o desenvolvimento da análise da personagem.

O segundo capítulo foi dedicado à questão das relações da personagem com Angola, Brasil e Portugal. Destacamos suas impressões referentes aos locais em que se encontra, suas culturas, costumes e tradições, observando como a carga de preconceitos que carregava vai se diluindo conforme se insere nestas sociedades e com elas interage. Observamos também suas características, em que medida estas o diferenciam do Fradique Mendes de Eça de Queirós,

assim como as que José Eduardo Agualusa opta por manter em seu protagonista. Por fim, abordamos seu posicionamento frente a estas diferentes culturas, uma vez que a personagem representa a figura do português em passagem por uma colônia e uma ex-colônia de Portugal. Para este capítulo recorreremos a teóricos como Tânia Macedo, Francisco Salinas Portugal, Albert Memmi, Boaventura Sousa Santos, entre outros.

No último capítulo deste trabalho, optamos por abordar a relação da personagem com a escravidão e do tráfico de escravos, como o português se posiciona frente a esta realidade, através de sua correspondência. Também discutimos a questão do espaço e do trânsito<sup>2</sup> em *Nação Crioula*. No que se refere ao espaço, analisamos sua importância, assim como a maneira como afeta as personagens. Por fim, abordamos como o protagonista observava este constante tráfico de pessoas, em sua grande maioria escravos, entre África e América e qual sua contribuição no desenvolvimento do Brasil. Para o desenvolvimento deste capítulo final, recorreremos a teóricos como Osman Lins, Antônio Dimas e Roland Bourneuf e Réal Ouellet, que foram de grande auxílio para a compreensão dos aspectos referentes ao estudo do espaço, além de Alberto da Costa e Silva e Tania Macêdo.

Desta forma, esta dissertação tem como objetivo o estudo da personagem Carlos Fradique Mendes, protagonista do romance *Nação Crioula*. O autor se utiliza de uma passagem da obra de Eça de Queirós, referente a uma viagem à África, para apresentar sua correspondência secreta que continha parte desconhecida de sua vida. E através desta viagem, narrando a história do amor entre o português e a jovem angolana Ana Olímpia, discute questões relacionadas ao tráfico de escravos e ao colonialismo da segunda metade do século XIX entre Angola, Brasil e Portugal, adaptando a personagem a outro contexto. Buscamos, neste trabalho, discutir questões relacionadas a releitura desta personagem por José Eduardo Agualusa, que confere a Fradique Mendes um olhar crítico acerca das relações entre estes três países, suas características e seu posicionamento frente a estas novas situações.

---

<sup>2</sup> Optamos pela utilização do termo “trânsito” para tratar da constante movimentação de pessoas e mercadorias entre os continentes, como é o caso de Fradique Mendes, por exemplo, que viaja entre África, América do Sul e Europa durante a narrativa, não apenas do tráfico de escravos.

## CAPÍTULO I

### FRADIQUE MENDES – DA POESIA À LUTA ANTIESCRAVISTA

No final dos anos de 1860, em Portugal, surgia das ideias de um grupo de jovens escritores uma das personagens que marcaria presença em diversas obras, não apenas do período em que compreende sua criação, o final do século XIX, mas também em obras produzidas mais de um século depois: Carlos Fradique Mendes. Inicialmente um poeta satânico, a personagem foi criada por Antero de Quental, Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis como autor de duas coleções de poesias publicadas em jornais e, mais tarde, figuraria em mais dois romances de autoria de Eça de Queirós. De acordo com Antônio Campos Matos (1993), três são as personagens que poderiam se considerar:

“A 1.<sup>a</sup> que é um heterônimo coletivo criado entre 1868 e 1869 por Jaime Batalha Reis, Antero de Quental e Eça, nos tempos do Cenáculo de Lisboa; A 2.<sup>a</sup> que surge episodicamente n’*O Mistério da Estrada de Sintra*, em 1870, e finalmente a que Eça retoma individualmente com a publicação da *Correspondência de Fradique Mendes* em 1888-1900” (p.436)

O romance *A Correspondência de Fradique Mendes* marcou a última aparição da personagem pelas mãos de Eça de Queirós, sendo o único de sua exclusiva autoria. Mas Fradique Mendes sobreviveria à morte de seu criador, em 1900, e apareceria em outros romances muitos anos depois da publicação do romance queirosiano. Exemplo disto é *Nação Crioula*, escrito por José Eduardo Agualusa, quase cem anos após a publicação da biografia e das cartas da personagem, e objeto de estudo da presente pesquisa.

Fradique Mendes foi criado com ares de realidade e, durante algum tempo, sua figura foi tratada por muitas pessoas como real. Beth Brait (2006) observa o fato de, muitas vezes, o leitor acreditar na existência das personagens de um romance e se utiliza do exemplo dos livros de Sherlock Holmes para exemplificar este tipo de acontecimento. Segundo a autora há quem destine “um espaço de sua viagem turística à visita a Baker Street, número 221, na esperança de encontrar o laboratório e os velhos livros” (p.8). Assim ocorreu também com o aventureiro português, muito devido às estratégias utilizadas em sua construção e em sua apresentação, desde a publicação de suas poesias até a recolha de sua correspondência, aspectos que serão discutidos a seguir.

Iniciaremos este capítulo com uma breve apresentação dos três Fradique Mendes elencados por Antonio Campos Matos para, então, nos dedicarmos ao estudo do romance *Nação Crioula*, de José Eduardo Agualusa, e, em especial, de seu protagonista, objeto principal desta pesquisa, recuperado pelo escritor angolano e levado a novas aventuras, através de Angola e Brasil, das quais tomamos conhecimento através da leitura de sua correspondência.

## **1.1 – FRADIQUE MENDES:**

### **1.1.1 – O poeta**

O Cenáculo foi criado em 1868, em Lisboa, e acabou sendo instalado na residência de Jaime Batalha Reis. Porém, foi alguns anos antes, em 1866, que Jaime teve o primeiro contato com um dos intelectuais que, junto dele, fariam parte da conhecida Geração de 70 e que se tornaria um de seus grandes companheiros, Eça de Queirós.

Após a conclusão de seu curso de Agronomia e Engenharia Florestal conhece Eça de Queirós que, após sua formatura no curso de Direito, em Coimbra, havia se mudado para Lisboa, onde iria viver com seus pais. Este encontro ocorreu na sede da *Gazeta de Portugal*. De acordo com Joel Serrão, Jaime Batalha Reis era “leitor entusiasta das prosas (mais tarde apelidadas de “bárbaras”)” (1985, p.193) de autoria do futuro romancista. Foi através desta amizade que, em 1868, conheceu outro dos intelectuais daquela geração, o poeta Antero de Quental, com quem desenvolveria, também, grande amizade.

As reuniões do Cenáculo propiciaram, através de Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós, a criação do poeta satânico Carlos Fradique Mendes, entre os anos de 1868 e 1869. Luís Viana Filho afirma que a melhor definição desta personagem, nesta que seria sua primeira fase, é de Jaime Batalha Reis:

Um dia, pensando na riqueza imensa do moderno movimento de ideias, cuja existência parecia ser tão absolutamente desconhecida em Portugal, pensando na apatia chinesa dos lisboetas, imobilizados, durante anos, na contemplação e no cinzelar de meia ideia, velha, indecisa, em segunda mão,

e em mau uso, - pensamos em suprir uma das muitas lacunas lamentáveis criando ao menos um poeta satânico. Foi assim que apareceu Carlos Fradique Mendes. O nosso plano era considerável e terrível: tratava-se de criar uma filosofia cujos ideais fossem diametralmente opostos aos ideais geralmente aceitos... Dessa filosofia saía naturalmente uma poesia, toda uma literatura especial, que o Antero de Quental, o Eça de Queiroz e eu nos propúnhamos a construir a frio... (2008, p.259)

Assim nasceria Fradique Mendes, poeta satânico que, durante algum tempo, se acreditou que fosse real. Sua primeira aparição ocorreu com a publicação de quatro poemas, no jornal *A Revolução de Setembro*, em Agosto de 1869. Joel Serrão afirma que, dentre estes poemas, dois são de autoria de Antero de Quental, um de Eça de Queirós e outro de Jaime Batalha Reis. (1985, p.204). Em Dezembro do mesmo ano, foram publicados no jornal *O Primeiro de Janeiro* mais quatro poemas de autoria atribuída a Fradique Mendes, sob o título de *Poemas de Macadam*. Anexo aos poemas encontravam-se, nas duas ocasiões, de acordo com Carlos Reis, alguns “parágrafos de apresentação” (1999, p.137), com informações biográficas acerca do personagem, por se tratar de uma “personalidade desconhecida do grande público” (1999, p.137).

Fradique aparecia, então, descrito como tendo conhecido pessoalmente os poetas da nova geração francesa, tais como Baudelaire, Leconte de Lisle e Banville. (SERRÃO, 1985, p.257). No texto que antecederia a segunda publicação de seus poemas, é descrito como “um dos poetas mais bem dotados da nova geração”, pertencente a uma nova escola que tenderia a “em parte opor-se à escola romântica” (SERRÃO, p.265-266).

Segundo Roland Bourneuf e Réal Ouellet (1976), haveria quatro maneiras de se apresentar a personagem do romance, que os autores dividem em “por ela própria”, “por uma outra personagem”, “por um narrador heterodiegético” e “por ela própria, pelas outras personagens e pelo narrador” (p.243). Neste caso específico, quando de sua primeira aparição, a personagem é apresentado através das notas que antecipavam a obra propriamente dita. Junto das primeiras poesias publicadas complementava a publicação uma nota com informações acerca do suposto poeta, ainda desconhecido do público leitor, que aludiam à sua amizade com outros intelectuais, à sua obra, que abrangia “três grandes coleções de poesia” (SERRÃO, 1985, p.257), seguido de algumas observações relativas ao estilo literário. O mesmo ocorre quando da publicação dos *Poemas do Macadam*, poucos meses depois. Cabe ressaltar, relativo a esta segunda coletânea, que aquele que apresenta Fradique Mendes se declara seu amigo e crítico, destaca suas qualidades estéticas e seu estilo original, mas se reserva o direito de “protestar amigavelmente, mas energicamente, contra a *ideia mãe* de sua

poesia” (SERRÃO, 1985, p.265). Ele, portanto, elogiava sua criação, mas ao mesmo tempo criticava seu conteúdo, suas ideias.

O personagem, entretanto, não se resumiria apenas ao poeta satânico, resultado de trabalho coletivo dos três intelectuais da Geração de 70. Joel Serrão afirma que mesmo desenvolvido em um “breve lapso de tempo” (1985, p.201), Fradique havia definido seu perfil e deixado uma obra relativamente abundante.

### 1.1.2 – Fradique Mendes e *O mistério da estrada de Sintra*

Publicado entre 23 de Junho e 27 de Setembro de 1870 no jornal *Diário de Notícias*, o romance *O mistério da Estrada de Sintra* se inicia apresentando a história de um médico e seu amigo, identificado apenas como “F”, sendo sequestrados quando retornavam, a cavalo, de Sintra. Durante o caminho encontram uma carruagem parada, parecendo estar com problemas, e três homens a examiná-la, enquanto o quarto, mais distante, parecia procurar algo que pudesse calçá-la. Ao passar por ela, o doutor é atacado por um dos homens que derruba seu cavalo. Ele nota, então, que os indivíduos tinham o rosto coberto por uma “máscara de cetim preto” (QUEIROZ, 1972, p.13). Os dois são então levados a algum lugar desconhecido, apenas informados da necessidade dos conhecimentos do doutor para “prestar auxílio a uma pessoa que precisa dele” (QUEIROZ, 1972, p.22) e acabam por se tornar testemunhas de um crime.

A obra foi escrita conjuntamente por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, em gênero epistolar, sendo as cartas todas publicadas no *Diário de Notícias*. Segundo João Gaspar Simões (1978), a surpresa gerada foi grande e o público, ao menos inicialmente, acreditou na história como sendo real, até que os autores confessassem a autoria da narrativa, em correspondência intitulada “A última carta”. A iniciativa em desenvolver o romance foi, conforme afirma o autor, de Eça de Queirós, assim como foi também ele o responsável pela maior parte dos capítulos.

Fradique Mendes reaparece em breve participação, em *O mistério da Estrada de Sintra*. No sétimo capítulo, em carta, “A confissão dela”, temos a descrição do personagem, durante uma reunião na casa da Condessa de W:

Mas ao pé de mim, sentado num sofá com um abandono asiático, estava um homem verdadeiramente original e superior, um nome conhecido – Carlos Fradique Mendes. Passava por ser apenas um excêntrico, mas era realmente um grande espírito. Eu estimava-o, pelo seu caráter impecável, e pela feição violenta, quase cruel, do talento. Fora amigo de Carlos Baudelaire e tinha como ele o olhar frio, felino, magnético, inquisitorial. Como Baudelaire, usava a cara toda rapada; e a sua maneira de vestir, de uma frescura e de uma graça singular, era como a do poeta seu amigo, quase uma obra de arte, ao mesmo tempo exótica e correta. (QUEIROZ, 1972, p.268).

Segundo Carlos Reis, os traços que caracterizam Fradique em *O mistério da estrada de Sintra* ainda eram parecidos com os do poeta, autor dos *Poemas de Macadam*: “a amizade com Baudelaire, um certo toque de exotismo e dandismo, uma nítida propensão satânica.” (1999, p.138). O que o diferenciava, agora, era o fato de sua expressão não se dar através do verso, da poesia, mas sim de relatos sobre ele, em prosa.

No final do romance, ainda há uma última passagem onde a figura de Fradique aparece:

F... e Carlos Fradique Mendes achavam-se há dias em uma quinta dos subúrbios de Lisboa escrevendo, debaixo das árvores e de bruços na relva, um livro que estão fazendo de colaboração, e no qual – prometem-no eles à natureza-mãe que viceja a seus olhos – levarão a pontapés ao extermínio todos os trambolhos a que as escolas literárias dominantes em Portugal têm querido sujeitar as invioláveis liberdades do espírito. (QUEIROZ, 1972, p.312)

O personagem é, então, retratado elaborando uma obra, juntamente com F..., com a intenção de criticar o movimento literário a que se opunha, o Romantismo. Neste romance, quando a personagem reaparece, novamente temos o ponto de vista de outra pessoa sobre o antes poeta satânico. Mesmo não sendo o protagonista, tendo uma pequena participação e aparecendo apenas na parte final da obra, Fradique Mendes é citado em uma das cartas enviadas à redação do jornal, de autoria da Condessa de W., na qual descreve brevemente algumas de suas características, ressaltando o fato de se tratar de “um grande espírito” (QUEIRÓS, 1972, p.268), além de destacar a “amizade elevada e sincera” que ele a dedicava. Podemos acompanhar a personagem através do olhar de outra personagem, que lhe define as características e traça um breve perfil.

### 1.1.3 – A correspondência de Fradique Mendes

Após a publicação de *O mistério da estrada de Sintra*, Fradique Mendes acaba por ficar esquecido durante algum tempo. Apenas em 1885, Eça de Queirós entra em contato com Oliveira Martins, companheiro de *Cenáculo*, revelando a ideia de retomar o personagem, o “homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, diletante e voluptuoso” (VIANA FILHO, 2008, p.260) agora com a publicação de *A correspondência de Fradique Mendes*. Entretanto, isto só iria ocorrer alguns anos mais tarde, em 1888.

Inicialmente sua publicação se daria em formato de folhetim, ocorrendo simultaneamente no jornal *O Repórter*, de Lisboa, e no *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, sendo a versão em formato de livro publicada apenas em 1900. Em carta enviada a Oliveira Martins, Eça de Queirós apresentava um novo personagem:

Se bem te recordas dele, Fradique, no nosso tempo, era um pouco cômico. Este novo Fradique que eu revelo é diferente – verdadeiro grande homem, pensador original, temperamento inclinado às fortes ações, alma requintada e sensível... Enfim, o diabo! (VIANA FILHO, 2008, p.260)

O romance apresentava uma recolha de cartas escritas por Fradique Mendes, enviadas a vários destinatários, sendo alguns fictícios, como Madame de Jouarre e Clara, a mulher por quem se apaixonara, e outras personalidades que realmente existiram, tais como o próprio Oliveira Martins, Guerra Junqueiro ou Ramalho Ortigão. Mas, anterior às cartas, foi escrito uma apresentação do personagem, dividida em oito capítulos. Através do olhar de um narrador que revelava sua admiração por Fradique e afirmava ter alguma intimidade com ele, conhecemos melhor a personalidade daquele que se afastava do antigo poeta satânico do final da década de 1860. Era descrito por Ramalho Ortigão como

o mais completo, mais acabado produto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetrechado a triunfar na Arte e na Vida. A rosa de sua botoadeira é sempre mais fresca, como a ideia do seu espírito é sempre a mais original (QUEIRÓS, 2013, p.53)

As suas poesias, publicadas no jornal *A Revolução de Setembro*, com o título de *Lapidárias*, foram o motivo de interesse deste narrador pela figura do poeta. Haviam iniciado uma amizade em Paris, em 1880, após o retorno de Fradique Mendes da viagem que havia

feito pela África, apresentados por outro personagem, Marcos Vidigal, que se dizia primo do protagonista.

Como forma de apresentar a personalidade daquele que tanto admirava e que se havia se tornado seu amigo, o narrador decide publicar as cartas escritas por Fradique, para que, como ele “os homens alguma coisa pudessem aprender e amar naquela inteligência que eu tão estreitamente amara e seguira” (QUEIRÓS, 2013, p.97). Ele justifica esta escolha ao relembrar a opinião de seu amigo em relação ao assunto, quando discutiam sobre a leitura de um livro, *A Correspondência de Doudan*, que havia encantado o narrador e que Fradique também havia lido:

Eis aí uma maneira de perpetuar as ideias de um homem que eu afoitamente aprovo – publicar-lhe a Correspondência! Há desde logo esta imensa vantagem: que o valor das ideias (e portanto as escolhas das que devem ficar) não é decidido por aquele que as concebeu, mas por um grupo de amigos e de críticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu julgamento quando estão julgando um morto que só desejam mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos. Além disso, uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável para aqueles que na Terra valerem mais pelo caráter do que pelo talento. (QUEIRÓS, 2013, p.96)

Ainda em 1888, quando se iniciou a publicação de *A Correspondência de Fradique Mendes* em formato de folhetim, se acreditava na existência de Fradique Mendes. Segundo Luís Viana Filho, “o personagem era vivo, palpitante, original, e não faltara sequer quem imaginasse não se tratar de simples ficção, mas de alguém que houvesse existido” (2008, p.260). O autor afirma que o próprio Eça de Queirós, em carta à esposa Emília, descrevia a popularidade alcançada pela personagem:

As senhoras de Lisboa – dizia o criador falando da criatura – estão encantadas com Fradique. De fato Fradique é um sucesso, e ocupa parte de todas as conversações em Lisboa, a ponto de se ouvir esse grande nome por cafés, lojas de moda, peristilos de teatros, esquinas de ruas. O pior é que se crê geralmente que Fradique existiu, e é ele, não eu, que recebe estas simpatias gerais. (2008, p.267).

Diferentemente do romance anterior, em *A Correspondência de Fradique Mendes*, Eça de Queirós revive a personagem e a faz protagonista de uma obra que se divide em duas partes. Neste caso, na primeira temos um narrador que nos conta a forma como conheceu o ilustre português, fala de sua amizade e seu relacionamento com Fradique Mendes. Este narrador conta sua história e, através dela, vamos conhecendo mais sobre a vida da personagem, nos são apresentados detalhes sobre seus gostos, suas características físicas e

psicológicas, sua personalidade. Na segunda parte entramos em contato com sua correspondência e acompanhamos traços da personagem, seus pensamentos, suas opiniões acerca de diversos assuntos. Neste caso, diferente da primeira parte, é a voz da própria personagem que aparece. Há de se considerar que a recolha destas missivas havia sido feita pelo amigo-narrador que tanto o admirava e que nos detalha algumas singularidades de suas cartas, tais como o fato do português não data-las, o que impedia de organizar sua cronologia, além de indicar a não publicação completa da correspondência. Mas, apesar de ter sido organizada por outra pessoa, ainda assim é a voz de Fradique Mendes que acompanhamos.

## **1.2 – NAÇÃO CRIOULA: A LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO**

Após esta breve apresentação acerca do contexto de criação da personagem, como poeta que tinha por objetivo chocar a sociedade e fazer uma crítica ao Romantismo, assim como sua breve participação em *O Mistério da Estrada de Sintra* antes de aparecer como personagem principal em *A Correspondência de Fradique Mendes*, passaremos ao estudo de *Nação Crioula* e da maneira como o autor retoma Fradique Mendes.

### **1.2.1 – A luta contra a escravidão**

Em *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, escrito pelo angolano José Eduardo Agualusa e publicado em 1997, encontramos novamente o personagem, desta vez em uma parte de sua história que era, até então, desconhecida. Fradique Mendes se encontra em viagem pela África, jornada que o escritor angolano certamente se aproveitou, por meio das lacunas deixadas por Eça de Queirós em *A correspondência de Fradique Mendes*, para construir seu romance.

No romance queirosiano, o narrador propõe a Fradique Mendes, durante uma conversa cujo assunto se referia à África e suas religiões, que escrevesse um livro sobre o tempo em que passou viajando pelo continente africano, fato rapidamente desconsiderado pelo português, “- Para quê?... não vi nada na África que os outros não tivessem já visto.”

(QUEIRÓS, 2013, p.93). Diante da insistência do amigo, que alegava a possibilidade de uma observação “diferente e superior” por parte de alguém tão erudito quanto ele, o personagem complementa

- Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma neste mundo, conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registrar... Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens. E então pior! Porque o verbo humano, tal como falamos, é ainda impotente para encarnar a menor impressão intelectual ou reproduzir a simples forma de um arbusto... (QUEIRÓS, 2013, p.93-94)

Seria, portanto, a partir desta negação de Fradique Mendes em revelar o que havia vivenciado durante sua passagem pelo continente africano que José Eduardo Agualusa se utiliza para desenvolver uma nova história, quase cem anos após a publicação, em livro, de *A Correspondência de Fradique Mendes*, e apresentar um conjunto de cartas escritas pelo português entre os anos de 1868, data da carta inicial do romance, e 1888.

No romance, composto pelas cartas escritas pelo personagem, acompanhamos suas observações acerca das sociedades angolana e brasileira, assim como da situação do tráfico de escravos e os problemas que enfrenta ao decidir lutar contra este sistema. O autor retoma e adapta Fradique Mendes a outra realidade, a do colonialismo português. A história de Fradique Mendes e Ana Olímpia nos permite pensar acerca do regime escravista e das relações entre Portugal, Angola e Brasil. A personagem, após fugir com a angolana para o Brasil, opta por expor e enfrentar esta realidade, se aproximando de personalidades importantes na causa abolicionista.

### **1.2.2 – Romance epistolar**

Composto por vinte e cinco cartas escritas por Fradique Mendes, *Nação Crioula* nos apresenta sua história através da visão de seu protagonista, por meio de sua interação com os demais personagens, neste caso a angolana Ana Olímpia, Madame de Jouarre, e o escritor Eça de Queirós, transformado por José Eduardo Agualusa em personagem e destinatário de algumas cartas. A única exceção se faz em relação à última carta do romance, escrita por Ana Olímpia.

Sobre a opção pela forma epistolar do romance, segundo o próprio autor, em entrevista, afirma: “Primeiro, era um desafio grande, achava à partida muito difícil. Depois, a lógica interna de um romance assim construído faz com que o leitor, à medida que vai lendo, sabe tanto como o narrador.” (LEME, 2009)

Em relação a esta escolha, cabe observar que a obra é narrada em primeira pessoa, através do olhar de Fradique Mendes. Segundo Donald Schüller, em relação à voz, o narrador pode eleger a primeira ou terceira pessoas. Ao optar pela primeira, afirma que o narrador está “limitado. Falta-lhe a mobilidade anônima. Não lhe é dado antecipar o futuro.” (1989, p.28). Em *Nação Crioula* sabemos exatamente o mesmo que o protagonista, acompanhamos o desenrolar da trama conforme as cartas são escritas e enviadas, a personagem expressa o que vivencia e presencia naquele momento, como afirma o autor, não lhe é possível antecipar os fatos. Exemplo disto temos quando Fradique Mendes escreve à Ana Olímpia, ao descobrir sobre sua situação naquele momento, ao ser entregue como escrava por Jesuíno à Gabriela Santamarinha (Carta de Lisboa, julho de 1868):

Recebi esta manhã uma carta do velho Arcénio de Carpo expondo a terrível situação em que te encontras. A carta, infelizmente, chegou-me às mãos muito atrasada, pois Smith remeteu-a inicialmente para Coimbra, onde estive alguns dias restaurando afetos e raízes; quando chegou já eu tinha partido, e os correios devolveram-na à procedência. Assim, não sei onde te encontras nem o teu estado, mas se estás a ler este bilhete, que enviei ao cuidado do jovem Arcénio, é porque alguma coisa pode ainda ser feita. (AGUALUSA, 2011, p.55)

Ainda outra passagem, em outra carta, desta vez escrita para Madame de Jouarre (Carta para Madame de Jouarre, Lisboa, agosto de 1868), confirma este aspecto:

Pouco mais sei a não ser que a minha amiga permanece em Luanda, ou pelo menos ali se encontrava ainda dois meses atrás, aparentemente encarcerada na sua própria casa. Parto sem um plano definido, movido mais pela revolta do que pela razão [...] (AGUALUSA, 2011, p.59)

Fradique Mendes expressa o que sente, o que vivencia naquele momento. Beth Brait afirma que, optar pela primeira pessoa “implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados” (2011, p.60), “Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços que a presentificam e presentificam as demais personagens” (2011, p.60-61). Acompanhamos a história por meio da perspectiva do protagonista, da narração dos fatos com os quais está envolvido.

A autora observa que, quando há a expressão da personagem por ela mesma, o romance epistolar pode ser uma das formas assumidas pela narrativa, além do monólogo interior, das memórias e do diário íntimo (BRAIT, 2011, p.61). Da mesma forma, Donaldo Schüller o faz, ao afirmar que “os romances em primeira pessoa podem assumir forma epistolar” (1989, p.31), como podemos acompanhar em *Nação Crioula*. José Eduardo Agualusa cria um narrador em primeira pessoa para nos apresentar sua história, através de uma seleção de cartas de sua autoria, com o objetivo de se fazer conhecer aquela que pode ser chamada, conforme diz o próprio subtítulo do romance, de correspondência secreta.

Como uma das características deste gênero, o epistolar, Beth Brait observa a presença de um “receptor em mira” (2011, p.62), outro personagem a quem aquele que compõe a carta pretende alcançar. Em *Nação Crioula* três são os destinatários do protagonista: Madame de Jouarre, a quem trata por madrinha, recuperada, assim como ele, do romance queiroiano *A correspondência de Fradique Mendes*, Ana Olímpia, jovem angolana que se tornaria sua paixão, criação de José Eduardo Agualusa, e o próprio escritor Eça de Queirós, um dos criadores de Fradique Mendes, transformado também em personagem pelas mãos do escritor angolano. Madame de Jouarre é a principal destinatária das cartas do português, que lhe dedica dez das vinte e cinco que envia durante o romance. Outras nove tem Ana Olímpia como destinatária, enquanto as seis restantes são enviadas ao amigo Eça de Queirós.

Assim como faz Beth Brait, Donaldo Schüller chama a atenção para a questão do receptor, ao afirmar

Através da carta, o narrador se dirige a um destinatário distante, o que lhe impõe um comportamento peculiar: controle dos sentimentos, dosagem das informações, declarações sem resposta imediata, observação dos efeitos a provocar [...] (1989, p.31)

O autor observa o posicionamento daquele que confecciona a carta e seu comportamento em relação ao seu conteúdo, tendo em vista aquele que a irá receber. A correspondência, portanto, não explicita aquilo que quem a escreve não pretende revelar, uma vez que o autor seleciona as informações que serão repassadas de acordo com seu destinatário. Um exemplo encontrado em *Nação Crioula* pode ser observado nas cartas enviadas a Eça de Queirós, cujo conteúdo, em sua maioria, está diretamente ligado à observações críticas ao sistema escravista.

Em relação à composição desta correspondência, Carlos Reis afirma que o ato de escrever uma carta no contexto do romance epistolar

[...] institui um narrador [...] que se coloca numa posição temporal peculiar: no que ao mesmo tempo da narração diz respeito [...], a situação típica no romance epistolar é a narração intercalada [...] pelo facto de esse narrador de circunstância ser normalmente também uma personagem que relata a outra personagem acontecimentos que algum tempo antes viveu; muitas vezes acontece que os papéis se invertem e a personagem que foi destinatário [...] volve-se em narrador, relatando então experiências que entretanto conheceu também. Por isso se diz que a narração (no essencial coincidindo com a escrita da carta) decorre num tempo intercalado entre os episódios vividos por cada personagem-narrador. (2000, p.367).

Em *Nação Crioula* não temos acesso às cartas contendo respostas que Fradique Mendes porventura tenha recebido, acompanhamos a história apenas pelo ponto de vista do protagonista. A questão da narração intercalada, discutida por Carlos Reis, pode ser observada, portanto, através das datas das missivas, considerando-se o período de tempo que há entre seu envio, assumindo, então, ter havido uma resposta durante o período. Tomamos como exemplo o período existente entre duas cartas endereçadas à Ana Olímpia, enviadas em Dezembro de 1872 e Janeiro de 1873, ambas de Paris e com aproximadamente um mês entre elas. Durante este intervalo conseguimos confirmar a presença deste “intercalamento” atentando para o início da segunda carta escolhida, na qual podemos ler: “Enquanto lia tua carta pensava que a podia ter escrito eu próprio há alguns anos atrás, quando era ainda muito jovem e acreditava conhecer tudo sobre as paixões da alma” (AGUALUSA, 2011, p.53). Fradique Mendes afirma, ao responder as questões de Ana Olímpia, a leitura da missiva e, portanto, o seu recebimento.

Por outro lado, em relação à questão tratada por Carlos Reis acerca da inversão de papéis, na qual o destinatário torna-se o narrador, temos, como exemplo, a carta que encerra o romance, escrita por Ana Olímpia. É interessante ressaltar que esta resposta não tem como destinatário Fradique Mendes que segundo nota presente no romance, havia morrido “no inverno de 1888,” (AGUALUSA, 2011, p.167). Enviada de Luanda, é datada de agosto de 1900 e endereçada a Eça de Queirós, tratando da questão da publicação da correspondência do protagonista.

A maneira como se dá esta narração intercalada permite que aquele que a recebeu tenha tempo suficiente para refletir acerca de determinado assunto e elaborar uma resposta. É o que acontece na carta anteriormente citada, de Ana Olímpia para Eça de Queirós. A angolana responde ao pedido do português sobre a possibilidade de publicar a correspondência de Fradique Mendes como forma de homenageá-lo, mas o faz mais de uma década depois (1888 – 1900). Ana Olímpia afirma que, na época, não concordava com tal

proposta, que lhe parecia desrespeito, mas ao reler a correspondência, anos mais tarde, achou acertada a opção do escritor português, enviando mais algumas para juntar à coleção. O personagem Eça de Queirós certamente não teve como acompanhar a reação da angolana naquele momento, mas ela, por outro lado, utilizou um longo tempo para refletir antes de responder.

O autor da carta, portanto, nem sempre receberá uma resposta imediata, como exemplificado anteriormente, uma vez que o destinatário pode se utilizar do tempo necessário para preparar sua resposta, de acordo com as reações que a missiva recebida lhe possam ter causado, como ocorre à Ana Olímpia

Passaram-se os anos, envelheci, voltei a ler aqueles jornais antigos, reli as cartas que Carlos me escreveu, e pouco a pouco comecei a compreender que v. tinha razão. Fradique não nos pertence, a nós que o amámos, da mesma forma que o céu não pertence às aves. (AGUALUSA, 2011, p.170)

Nádia Battella Gotlib (2003) observa, acerca da prática da correspondência, comum no período ao qual se situa o romance, o século XIX, a questão do tempo da resposta, muito diferente dos tempos atuais, onde havia

Uma enorme distância igualmente de tempo, separando a carta da sua resposta, tendo em vista os meios de comunicação da época: o pacote, que navegava alimentando também a expectativa das pessoas envolvidas na correspondência, entre a sua partida e a sua chegada, em que levava ou trazia uma nova mensagem ( p.114)

Temos, portanto, além do tempo utilizado para elaborar a resposta por parte de quem recebeu a carta, o tempo de deslocamento dos meios que, naquele período, transportavam as correspondências, como em *Nação Crioula*, através do Oceano que liga os três continentes, exemplificado na carta que o protagonista envia à Madame de Jouarre (Olinda, dezembro de 1876)

Presumo que tenha recebido a carta que lhe enviei de Novo Redondo, e assim já sabe por que me encontro aqui. Sentado nesta mesa vejo o casario muito branco, os palacetes coloniais, as igrejas barrocas e as palmeiras altas ondular pelos morros em direção ao abismo. Novo Redondo fica do outro lado dessa vasta escuridão, a vinte e cinco dias de barco, três mil e quinhentas milhas, quase no mesmo paralelo em que o fidalgo português Duarte Coelho mandou erguer Olinda três séculos atrás. (AGUALUSA, 2011, p.81-82)

A correspondência, comum no século XIX, tinha grande importância para alguns povos em especial, como é o caso dos portugueses. Conforme observa André Crabbé Rocha (1965) [...] “Povo de descobridores e, mais tarde, de emigrantes, a ausência prolongada

determina nele um largo uso da forma epistolar, e dilata substancialmente a matéria sobre a qual pode especular por escrito [...] (p.15). Usava-se a carta como meio de manter contato com aqueles que se encontravam distantes, como é o caso de Fradique Mendes que, no romance, se mantinha em constante trânsito entre África, Europa e América do Sul. Como observa Michael Foucault, “a carta faz o escritor “presente” àquele a quem se dirige” (2000, p.149). É desta forma que o protagonista se aproxima, se faz presente, ou, como em carta enviada a Ana Olímpia (Benguela, maio de 1872) quando conta sobre a doença que enfrentava e seu encontro com o amigo, o médico Luís Gonzaga, na qual afirma que apenas as palavras da angolana o fariam bem: “Escreva, diga-me que sim, na certeza de só as suas palavras me reanimarão [...] (AGUALUSA, 2011, p.32). A presença da amada se realizaria por meio de sua carta, que teria um efeito amenizador de sua enfermidade.

Assim também o faz, em carta à Madame de Jouarre, (Olinda, fevereiro de 1877), ao pedir que ela o mantenha informado sobre a metrópole e os amigos que havia deixado

[...] Entretanto escreva, vá-me enviando notícias dessa metrópole maligna, os ecos todos das guerras todas, os murmúrios e rumores. Não esqueça as intrigas da corte, incluindo as mais torpes, as polémicas literárias, o vociferar dos políticos, o relato ruidoso dos últimos crimes. Diga-me igualmente o que é feito dos amigos que deixei, vencidos pela vida, nas mesas tristes do Café da Paz. (AGUALUSA, 2011, p.99)

Segundo Michael Foucault, “escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro (2000, p.150). E é o que acompanhamos através da correspondência de Fradique Mendes. Por meio dela ele se mostra, se aproxima de seus destinatários, assim como espera que eles o façam.

Paula Renata Moreira observa (2010), ainda em relação ao Romance Epistolar, que

Se cartas, muitas vezes, são tomadas como fontes históricas, a feitura e um romance de maneira epistolar brinca com o estatuto de verdade desse tipo de suporte, ao mesmo tempo em que dialoga com a tradição literária portuguesa, que conheceu Fradique Mendes por meio de uma dita publicação de suas epístolas por Eça de Queiroz. ( p.81).

A opção pelo formato epistolar permite tal diálogo com a obra queirosiana, especialmente com *A correspondência de Fradique Mendes*, uma vez que, publicada inicialmente em formato de romance de folhetim, Fradique Mendes fora apresentado por meio da publicação de uma coletânea de suas cartas, através das quais suas opiniões, pensamentos e observações foram expressos.

### 1.2.3 – A personagem

Um dos elementos que compõe a narrativa, a personagem desempenha um papel de grande importância em uma obra, seja ela um romance ou conto. Segundo Antonio Candido, “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.” (2009, p.53-54). Ela atua, portanto, em conjunto com os demais elementos constitutivos do texto, como meio de expressão da mensagem que se pretende passar. Para o autor, as ideias completam, juntamente com enredo e personagem, o conjunto dos elementos centrais do desenvolvimento novelístico. Dentre eles, este elemento, em especial, é quem possibilita a adesão intelectual e afetiva por parte do leitor, por meio de alguns mecanismos de identificações, projeção e transferência (2009, p.54). Seria, portanto, por meio dela que os outros dois elementos ganhariam vida, uma vez que é ela quem faz a ligação e, portanto, expressão das ideias presentes na obra em relação ao leitor. Em *Nação Crioula* a personagem Fradique Mendes, voz ativa do romance, por meio de suas cartas, é quem possibilita este pacto com o leitor, intelectual e afetivamente. É ele quem dá vida à narrativa, através de sua história, de suas aventuras vividas em suas viagens intercontinentais.

Embora possa parecer “o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor” (CANDIDO, 2009, p.54), esta não existe sem os demais elementos que constituem a obra. Ela seria, portanto, “o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim das contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia do romance. (CANDIDO, 2009, p.54-55). Portanto, mesmo considerando sua devida importância dentro da narrativa, não seria apenas a sua presença a garantir a qualidade da obra, mas sim o conjunto de todos os elementos que a constituem, a forma como são arranjados dentro dela, sua estrutura. Fradique Mendes só “existe” no romance angolano se considerado dentro do todo que o constitui, personagem, enredo e ideias, que garantem sua “vida” e possibilitam que suas verdades, sua existência (fictícia), sejam aceitas pelos leitores. A opção de José Eduardo Agualusa por narrar a parte “desconhecida” da história da personagem, embora “anunciada” no romance queiroziano *A correspondência de Fradique Mendes*: “A minha intimidade com Fradique Mendes começou

em 1880, em Paris, pela Páscoa – justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à África austral” (QUEIRÓS, 2013, p.15), a sua escolha em construir a narrativa através de um conjunto de cartas de autoria atribuída ao dândi português, mantendo a mesma estrutura da segunda parte da obra de Eça de Queirós, na qual a voz do protagonista aparece para nos apresentar suas opiniões, seus ideais; juntamente do enredo do romance angolano, que faz referências à obra publicada no final do século XIX, permitem a “existência” desta personagem, adaptada a uma outra realidade.

Beth Brait (2006) também faz considerações acerca da construção da personagem, comparando o trabalho de criação do escritor ao do bruxo que, utilizando-se de suas poções e seu caldeirão as dosa enquanto as mistura. O autor utiliza seus próprios elementos, que irão constituir o texto, para dar vida às suas personagens: “a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis seus movimentos.” (p.52).

Sendo, portanto o texto o produto final deste processo, a autora observa que é ele quem pode fornecer dados para que a personagem seja consistente, sendo possível “detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano” (BRAIT, 2006, p.52).

Assim como Antonio Candido, Beth Brait afirma que a personagem necessita dos demais elementos compositores do texto para alcançar seu objetivo, de conquistar a afetividade do leitor e que, somente por meio do texto, do seu todo, teremos a possibilidade de acompanhar o processo utilizado pelo autor para compor suas personagens, que poderiam ser desenvolvidas tendo um ser humano como modelo ou mesmo como objeto de uma construção linguística e literária. O Fradique Mendes de José Eduardo Agualusa, por exemplo, tem como base a personagem queirosiana do final da década de 1880, da qual o escritor se aproveitou para criar uma nova história, mantendo algumas características e lhe inserindo outras, que irão se desenvolver durante a narrativa.

Ainda sobre a relação da personagem com os demais elementos da narrativa, há de se observar as demais relações a que ela está condicionada. De acordo com Roland Bourneuf e Réal Ouellet (1976) a personagem do romance é “indissociável do universo fictício a que pertence: homens e coisas” (p.199). Ela estaria, portanto, ligada às demais personagens do romance, juntamente com os objetos e os lugares, elementos indispensáveis, também, para sua

existência. De acordo com o autor, “as personagens de romance agem umas sobre as outras e revelam-se umas às outras” (p.200). Através do contato com as demais personagens do romance ela demonstra suas características, faz transparecer os traços que a constituem, “levando as outras a revelar uma parte de si mesmas até aí desconhecida, descobrirá a cada uma um aspecto do seu ser que só o contacto numa dada situação podia pôr em relevo” (p.200). Fradique Mendes nos deixa conhecer algumas de suas características, em *Nação Crioula*, através de seu relacionamento com Ana Olímpia, Madame de Jouarre ou Eça de Queirós, por meio de sua correspondência: “Embarco dentro de duas semanas para Luanda, e vou preparado para tudo” (2011, p.55) (Carta a Ana Olímpia – Lisboa, julho de 1876), nos apresenta uma outra face do viajante português que, neste caso, havia decidido tomar uma atitude em relação à situação enfrentada pela mulher amada. Acompanhamos, por exemplo, sua visão crítica em relação ao sistema escravista quando em contato com as cartas enviadas a Eça de Queirós, ou seu caráter observador e detalhista quando lemos as cartas enviadas à Madame de Jouarre.

O estudioso E. M. Forster, em sua obra *Aspectos do Romance* (1969), dedica dois capítulos ao estudo da personagem, neste caso o protagonista, a quem opta por denominar como “pessoas”, uma vez que, segundo ele, embora hajam histórias protagonizadas por animais, pouco se sabe acerca de sua psicologia (p.33). Afirma que há certa afinidade entre o escritor e sua criação, a personagem, o que pode não ocorrer em outras formas de arte, tais como a pintura e a escultura (nestes dois casos, segundo E. M. Forster, os artistas não necessitam representar seres humanos caso assim desejem). Para moldar suas criaturas, segundo ele

o romancista, ao contrário de seus colegas, arranja uma porção de massas verbais, descrevendo a grosso modo a si mesmo (a grosso modo, as sutilezas virão mais tarde), dá-lhes nomes e sexos, determina-lhes gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez comportarem-se consistentemente. Essas massas verbais são as suas personagens (p.34).

A partir desta afirmação o autor discorre acerca da relação das personagens com a vida real. O que poderia diferenciá-las seria o fato de que não temos conhecimento completo das outras pessoas, compreendemos apenas “sinais exteriores”, enquanto a personagem, se assim seu criador desejar, pode ter sua vida, interior e exterior, exposta, permitindo ao leitor compreendê-las completamente. (FORSTER, 1969, p.36). Fradique Mendes tem sua história, ao menos a dita “secreta”, exposta em *Nação Crioula*, suas cartas nos revelam detalhes sobre sua vida e sua personalidade, diferentemente do que acontece quando em relação à outra

peessoa, uma vez que dessa apenas conseguimos perceber traços de sua existência, de sua personalidade, mas nunca em sua totalidade, como ocorre em relação à personagem que, neste caso, é a figura do português.

A opção por retomar Fradique Mendes e contar uma nova história sobre os acontecimentos de parte de sua vida que eram desconhecidos até pelo próprio autor de *A Correspondência de Fradique Mendes*, se deve, segundo José Eduardo Agualusa em entrevista, à necessidade de uma personagem como ele para desenvolver sua narrativa:

Eu precisava, para escrever, “Nação Crioula” de alguém como Fradique! Que fosse, e ele é, um europeu – com toda a carga de preconceitos que tem – e, simultaneamente, um homem aberto ao outro. [...] O Fradique é muito mais aberto do que o Eça de Queirós! É um tipo que se interessa por viajar, por outros horizontes – e um homem adiantado para seu tempo... (LEME, 2009).

A personagem, embora europeu, como no caso de Fradique Mendes, um português viajando pelas colônias, diferia dos demais. Apesar de sua carga de preconceitos ele se insere no cotidiano local, passa a vivenciar esta realidade, muito pelo envolvimento com Ana Olímpia, que permite esta aproximação com a cultura angolana, especialmente de Luanda da segunda metade do século XIX. E é também através desta relação que, durante o decorrer da narrativa, acompanhamos a diluição de seus preconceitos, como discutiremos nos dois próximos capítulos.

Sobre este Fradique Mendes, recuperado por José Eduardo Agualusa, Isabel Pires de Lima comenta sua proximidade com o protagonista do romance queirosiano

[...] o Fradique Mendes desta nova correspondência secreta que Agualusa traz a público tem um perfil humano, social e ideológico que só ganhou espessura naquele último título queirosiano, visto que o autor das cartas de *Nação Crioula*, mais do que o poeta escandalosamente moderno dos poemas publicados no jornal *A Revolução de Setembro*, no fim dos anos 1860, é o dileitante e o dândi que já deixa de si “brotar, tépida e generosamente, o leite da bondade humana”, de que fala Eça de Queirós n’*A Correspondência de Fradique Mendes* [...] (2000, p.83)

A personagem mantém alguma proximidade com o Fradique Mendes de *A Correspondência de Fradique Mendes*, se afastando do primeiro, o poeta do final da década de 1860. É o viajante interessado, em busca de conhecimento, do contato com outras culturas, assim como também é aquele que demonstra seu lado mais humano, que no romance *Nação Crioula* se mostra mais claramente em relação à sua luta contra o sistema escravista. Deslocado da metrópole para a colônia é colocado frente a uma diferente realidade, a

diferentes culturas e costumes, e sua vivência frente a estes novos fatos empreende a possibilidade de uma mudança de comportamento, de atitudes, da maneira de compreender o outro, a sociedade angolana, assim como a brasileira, e as relações que se dão entre elas, como observa Maria Nazareth Soares, “o humanismo tão louvado da personagem queirosiana vai ser colocado à prova e a militância reprovada, no texto de Eça, torna-se a mola que impulsiona o traçado de outras rotas, ligando Portugal, África e Brasil” (2001, p.257). A passividade do protagonista queirosiano é superada no romance angolano, no qual há um engajamento, por sua parte, na luta antiescravista, muito devido a seu relacionamento com Ana Olímpia.

Por outro lado, este deslocamento da personagem também se dá, de certa maneira, temporalmente, uma vez que *Nação Crioula* é publicado em 1997, enquanto o Fradique Mendes de Eça de Queirós tem sua correspondência publicada inicialmente em 1888. Passados, portanto, mais de cem anos de sua aparição a personagem retorna para discutir a questão do colonialismo português. De acordo com Maria Nazareth Soares,

Fica muito claro, entretanto, que o olhar que observa a sociedade angolana, no final do século XIX é produzido fora deste tempo, pois que a visão crítica com que muitos fatos são descritos exhibe um descompasso entre os fatos relatados e a interpretação deles feita pela personagem. A proximidade entre o pensamento do escritor e a visão da personagem sobressai, por isso, em muitas das cartas (2001, p.258).

A personagem de Eça de Queirós foi criada e tem sua obra situada na segunda metade do século XIX. Por outro lado, em *Nação Crioula*, embora a história também se passe durante o século XIX, a obra é escrita no século XX. Isso possibilita que a personagem tenha maior compreensão da estrutura colonial e acerca do comércio de escravos entre Angola e Brasil. A percepção da realidade, suas opiniões e observações nos são apresentadas através da publicação de suas correspondências, que compõe ambas as obras. Temos, portanto, no romance de Eça de Queirós a visão de alguém típico daquela época, que vivenciava tais acontecimentos, enquanto em *Nação Crioula*, embora se situe temporalmente no mesmo período de *A Correspondência de Fradique Mendes*, a percepção acerca da realidade seja outra, uma vez que seu autor a escreveu em outro período, após muitos anos. E tal diferença infere na personagem um outro olhar sobre os acontecimentos, uma vez que, suas cartas, de certa forma, carregam um pouco de cada autor, aproximando-os dos protagonistas.

Lucette Petit observa, em relação ao Fradique Mendes do romance de Eça de Queirós, que o autor, de certa maneira, “entra na pele de seu personagem” (p.118) em algumas de suas

correspondências, “nas numerosas crônicas em que a ironia mais mordaz rivaliza com as críticas mais acerbas, nas cartas rebeldes que arremessa como flechas contra instituições ou práticas deletérias” (p.118). O escritor português utilizaria da personagem para, através de suas cartas, expressar suas opiniões. Maria Nazareth Soares ainda afirma que alguns leitores e críticos consideram Fradique Mendes como alter-ego do autor, “tamanhas são as afinidades podem ser encontradas entre o pensamento de Eça e as reflexões elaboradas com o fino humor que caracteriza sua personagem” (2001, p.254).

Outro aspecto a se observar, em *Nação Crioula*, é a última carta do romance, escrita por Ana Olímpia, pois, através dela somos apresentados a uma visão externa acerca da personagem. A carta (Luanda, agosto de 1900) é enviada a Eça de Queirós e adota um tom mais formal, visto que a angolana não dispunha de intimidade com o português, como podemos notar mesmo em seu início: “Carta da senhora Ana Olímpia, comerciante em Angola, ao escritor português Eça de Queirós” (AGUALUSA, 2011, p.169). Nesta missiva, Ana Olímpia relata sua história e expõe sua visão acerca dos acontecimentos, assim como também escreve sobre Fradique, sobre como o conheceu e seu relacionamento com ele: “Vi Carlos Fradique Mendes, pela primeira vez, numa tarde sombria de maio, em 1868, no cais de Luanda. Eu completava havia pouco dezoito anos e só conhecia o mundo pelos livros” (AGUALUSA, 2011, p.170).

Acerca deste primeiro encontro, Ana Olímpia faz uma breve descrição de Fradique Mendes, que havia chegado de viagem à Lisboa no mesmo navio que seu marido, Victorino Vaz de Caminha

[...] de repente chamou-me a atenção a figura de um velho de cabeleira branca, rosto muito vermelho, enfiado num casaco de abas curtas, com umas calças de xadrez verde e preto e sapatos de verniz. Ao lado dele estava um homem alto, elegante, de bigode curvo, vestido inteiramente de linho branco. [...] (AGUALUSA, 2011, p.171).

O primeiro contato entre ambos se deu na ocasião do Baile do Governador, quando o jovem Arcénio, a pedido da própria angolana, a apresenta Fradique Mendes, logo após este ter conhecido Gabriela Santamarinha: “Vi Fradique tão assustado que tive pena dele. Sorri-lhe e ele sorriu para mim” (AGUALUSA, 2011, p.172). O português havia sido convencido pelo companheiro que conhecer a senhora de escravos era algo próximo a uma iniciação, da qual muitos que lá estavam acreditavam que ele desistiria.

Em outros momentos, a angolana tece comentários acerca da personalidade de Fradique, como quando este, novamente a seu pedido e mesmo contra a vontade de Victorino, é convidado a jantar em sua casa. Em conversa na qual um dos temas era a escravidão, afirma que o português não conseguia compreender como Victorino “podia defender ao mesmo tempo os ideais libertários e o tráfico negreiro” (AGUALUSA, 2011, p.175). O português, segundo ela, irritava seu marido devido à facilidade e propriedade de discutir a realidade de Angola, mesmo estando lá há pouco tempo: “Irritavam-no as opiniões definitivas de Fradique, o seu ceticismo, a facilidade com que, recém-desembarcado, já teorizava sobre todos os grandes problemas de Angola” (AGUALUSA, 2011, p.173).

Assim como observa a facilidade com que Fradique Mendes debatia sobre os mais diversos assuntos, Ana Olímpia também comenta sobre outras de suas características, tais como o espírito aventureiro e a busca por conhecimento. Duas vezes ele a havia procurado com o intuito de conseguir informações que o ajudassem em sua empreitada, sendo a primeira quando pretendia visitar as ruínas de São Salvador, em busca da arquitetura local e, anos mais tarde, em busca da resolução de um enigma, que havia despertado seu interesse após tomar conhecimento das anotações do diário de viagem do italiano Carlo Esmeraldi. Esta carta da angolana, além de confessar para Eça de Queirós, seu destinatário, que após longos anos havia compreendido o motivo que o levou a publicar a correspondência de Fradique, tomando-a, então, por uma decisão correta do escritor, embora isso inicialmente a tenha causado irritação, demonstra outro olhar sobre a personagem, o olhar daquela que foi o amor do português e que havia com ele convivido após a fuga para o Brasil.

## CAPÍTULO II

### FRADIQUE MENDES E SUAS RELAÇÕES COM ANGOLA, BRASIL E PORTUGAL.

*Nação Crioula* nos apresenta às constantes viagens do personagem Carlos Fradique Mendes entre Angola, Brasil e Europa. A personagem inicia sua viagem pelo continente africano ao desembarcar em Luanda, capital angolana, além de algumas passagens por Benguela e Novo Redondo, ponto de partida de sua fuga, junto de Ana Olímpia, para o Brasil, onde transita entre Pernambuco e Bahia, local em que acaba por adquirir uma fazenda com o intuito de se estabelecer, além do Rio de Janeiro. Não deixa também de voltar algumas vezes à Europa, tendo como destinos a França e Portugal.

O romance situa-se na segunda metade do século XIX, com a chegada de Fradique em Angola, em Maio de 1868. A última carta escrita pelo protagonista é datada de Outubro de 1888, remetida a Eça de Queirós, de Paris. Este foi um período de grandes mudanças para estes três países, Angola, Brasil e Portugal.

Portugal vivia uma situação periférica em relação aos demais países do continente europeu. O período conhecido como Regeneração teve início em 1851. Durante ele surgiram, então, dois novos partidos, o Partido Histórico, dos liberais, e o Partido Regenerador, dos conservadores, em um período de estabilidade política, acordados em um sistema de rodízio por eles combinado, o rotativismo (SCOTT, 2010, p.288). Em relação a este sistema, Benjamin Abdala Junior explica que

Nas situações de crise, substituíam-se o partido majoritário e se convocava novas eleições, que seriam totalmente manipuladas pelo novo partido escolhido pelo rei. Os responsáveis pelas crises serão sempre os partidos e não o rei; por outro lado, o novo partido indicado para governar vai ganhar sempre. (1982, p.98).

Ana Sílvia Scott (2010) afirma, em relação à situação em que se encontrava Portugal durante o período

O século XIX reforçou a situação periférica de Portugal, e da península ibérica como um todo. Mesmo tendo conseguido contornar várias das dificuldades que marcaram a primeira metade dos anos oitocentos e proporcionando alguma estabilidade a partir dos anos de 1850, as reformas propostas pelos governos de Regeneração não lograram eliminar o atraso de Portugal em relação ao restante da Europa. Os portugueses continuavam

vivendo em um país agrário, com um processo de industrialização tímido, dominado pelos interesses dos grupos dos grandes proprietários e aos valores da Igreja. (p.288-290)

Tais condições levaram Portugal a um atraso em relação aos demais países europeus. Claro exemplo disto, segundo Rui Ramos, é que “o primeiro trecho de via-férrea, de Lisboa ao Carregado, foi inaugurado a 28 de Outubro de 1856” (2012, p.524). Até então, a mula era o meio utilizado para transporte de carga. Mas, mesmo alcançando certo nível de desenvolvimento, Portugal não havia chegado ao mesmo nível dos países europeus mais prósperos.

Portugal também havia perdido sua principal colônia, o Brasil, que havia se tornado independente em 1822. No período em que se situa o romance, o país se encontrava no Segundo Reinado, iniciado em 1840, quando Dom Pedro II assumiu o trono, aos quatorze anos, após o Período Regencial, e que se estenderia até 1889, ano da Proclamação da República. O tráfico de escravos vindos da África era um meio de manter a produção agrícola brasileira, que estava substituindo a cana-de-açúcar pelo café como principal produto de exportação.

Por outro lado, Angola, como os demais territórios portugueses na África, durante muito tempo não recebeu a mesma atenção da metrópole quanto a antiga colônia da América do Sul. Inicialmente o país tinha como principal função o fornecimento de mão-de-obra escrava para o Brasil, o que desestimulava, segundo a autora, o investimento em outros setores, tais como a colonização, devido ao fato de ser muito lucrativo (p.292). Esta situação mudaria apenas após a Independência do Brasil, quando os portugueses direcionaram, então, sua atenção para o continente africano. Segundo Valentim Alexandre (2000)

O reforço da presença de Portugal em África importava numa verdadeira tarefa de recolonização. As primeiras tentativas de fomentar as relações entre metrópole e as colônias do continente negro surgem nos anos vinte; mas é preciso esperar pelo fim do conflito entre liberais e absolutistas, com a vitória dos primeiros, em 1834, para vermos formular o primeiro projeto global que tem os territórios africanos como centro: trata-se do muito conhecido plano de Sá da Bandeira, expresso já num relatório de Fevereiro de 1836 e prosseguido num conjunto de medidas promulgadas nos anos seguintes. (p.233)

Ao retomar Fradique Mendes e inseri-lo neste novo contexto, segundo Maria Nazareth Soares Fonseca, o romance *Nação Crioula* “ao exhibir um processo de invenção tão válido quanto o texto de que se apropria, é também testemunho de outros modos de se registrar o mundo e é com a intenção evidente de brincar com a história e com a literatura de feição

nacionalista que o romance coloca-se no limite entre isenção e registro. (p.254). O autor se refere a fatos históricos, relacionados aos três países, para desenvolver sua narrativa, assim como também o faz ao transformar pessoas em personagens, como é o caso do próprio Eça de Queirós. O protagonista viajará pela colônia portuguesa na África, conhecerá a realidade do tráfico de escravos, atravessará o Oceano Atlântico a bordo de um navio negreiro para, em terras brasileiras, optar pela luta antiescravagista. Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, observa esta relação entre Arte e realidade, a transposição de real para o imaginário

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (2011, p.63).

Esta transposição, em *Nação Crioula*, se daria através da utilização deste aspecto histórico, no qual fatos relativos à segunda metade do século XIX, ocorridos nestes três países, Angola, Brasil e Portugal, são revisitados por José Eduardo Agualusa. E o autor o faz por meio da história do protagonista, das cartas que envia, durante este seu trânsito intercontinental, de seu relacionamento com a angolana Ana Olímpia, como meio para se discutir questões relativas à escravidão e ao colonialismo português.

Interessante observar, acerca deste Fradique Mendes, retomado por José Eduardo Agualusa, seu caráter cosmopolita. O termo, segundo Jorge Schwarz, “começa a ser usado no século XVI, já com um sentido de cidadania universal, e com ênfase em relação ao estrangeiro” (1983, p.5). Atualmente, ainda segundo o autor, o significado se mantém próximo ao do século XIX, como o “cidadão capaz de adotar qualquer pátria (...) que, em consequência da multinacionalidade, é capaz de falar várias línguas e transportar-se de um país para outro sem maiores dificuldades” (1983, p.6). É esta personagem que viaja por todo o mundo, que se adapta a novas culturas, como quando está em Angola ou Brasil, ao mesmo tempo em que se encontra em Paris ou Lisboa.

## 2.1 - Primeiras impressões

Em *Nação Crioula* Luanda, capital angolana, foi como poderemos ver, o local do primeiro contato de Carlos Fradique Mendes com o continente africano e seus habitantes. É também nesta cidade que o português passa a maior parte de seu tempo enquanto permanece em Angola, onde observa e, através de suas cartas, faz comentários acerca de sua sociedade e do tráfico de escravos.

A cidade, ponto inicial desta suposta história do protagonista, foi de grande importância para o Império português na África, e servia de ponto de partida para as regiões interioranas. Mas sua importância não se resumiu apenas ao acesso a outras partes do país, em busca de mercadorias. Além do comércio, segundo Douglas Wheeler (2012), “no século XIX e inícios do século XX, Luanda tornou-se a única cidade angolana com condições mínimas de conforto e, ao mesmo tempo, no berço de uma cultura crioula única.” (p.113). Para o autor, não era algo simples tentar proporcionar um estilo de vida de acordo com as comodidades encontradas no continente europeu, principalmente se tratando de uma colônia sem muitos recursos e povoada, em grande parte, por condenados. (p.114). Ainda assim, a cidade se diferenciava das demais. “Devido ao seu tamanho, comodidades e importância enquanto sede do governo colonial, Luanda tornou-se o centro cultural, político e econômico da colônia.” (p.114)

A importância adquirida devido a estes fatores políticos, culturais e econômicos, por outro lado também trouxe algumas marcas para a cidade, conforme observa Tania Macêdo (2008)

Sendo a primeira cidade capital europeia ao Sul do Saara, ela é a única, entre as cidades de língua portuguesa, que ostenta o status de capital administrativa desde a sua ascensão à então sede do Reino de Angola. Todas as atuais capitais dos países africanos de língua oficial portuguesa – Bissau (Guiné-Bissau), Maputo (Moçambique), Praia (Cabo Verde), São Tomé (São Tomé e Príncipe), - adquiriram esse status no século XIX. Destarte, Luanda traz inscrita no traçado de suas ruas, nos edifícios mais antigos e na forma de ocupação do espaço urbano, a história do colonialismo português na África. É, portanto, cidade emblemática que permite pensar também o Império colonial português. (MACEDO, 2008, p.14-15).

Ainda de acordo com a autora, há de se considerar que grande parte da história de Luanda foi “alheia ao seu povo” (MACEDO, 2008, p.12), uma vez que a história do

colonizador continua, ainda hoje, presente no cotidiano de seus habitantes, através de marcas em suas ruas e edifícios, por exemplo.

É neste espaço que, durante o tempo em que lá permanece, Fradique Mendes irá entrar em contato com a situação do tráfico de escravos, seja através de personagens como os negreiros Arcênio de Carpo<sup>3</sup> e Victorino Vaz de Caminha, de donos de escravos como Gabriela Santamarinha, ou da angolana Ana Olímpia. É também em Luanda que, após conhecer Ana Olímpia, a angolana por quem se apaixona, e esta ser entregue como escrava após a morte de seu marido inicia a galgar os primeiros passos relacionados ao que mais adiante, já no Brasil, se tornaria um de seus ideais, a luta antiescravagista.

Este período em que a personagem permanece em Angola é marcado por doze cartas, escritas entre os anos de 1868 e 1876. Dentre elas, oito são enviadas a seus destinatários de Angola, entre suas passagens por Luanda, Benguela e Novo Redondo, e as outras quatro enviadas da Europa, duas remetidas de Paris e outras duas de Lisboa. Em sua maioria, são nas cartas enviadas a Madame de Jouarre que Fradique expõe grande parte de suas impressões e opiniões, nas quais observamos as descrições dos locais por onde passa e da população que lá habita. É também a destinatária da maior quantidade de cartas enviadas por ele no romance.

## 2.2 – Angola

Datada de Maio de 1868, a primeira carta do romance tem como destinatário Madame de Jouarre, personagem também recuperada da obra de Eça de Queirós, descrita por Fradique Mendes como “Minha querida madrinha”. A correspondência nos apresenta as primeiras impressões do português após sua chegada em Luanda, sobre o continente e a cidade

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar

---

<sup>3</sup> Arcênio de Carpo – (1792 – 1885) – Envolvido muito cedo em política. [...] Acusado de participação de revolução separatista é degredado para Angola. Ladrihador em Portugal. Taberneiro em Angola. Também comerciante de maior envergadura. Devido a problemas pessoais, instala-se no Brasil. Depois tem de partir para os EUA. [...] Regressa de vez para Angola (1837), rico, importante, elemento influente da Maçonaria. Fundador do jornal *O Futuro de Angola*. Poeta. (GOMES, 1997, p.63)

quente e húmido, cheirando frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África. (AGUALUSA, 2011, p.11).

O português faz transparecer, nesta primeira passagem, seu sentimento de ter se afastado da civilização. Ironicamente, ao afirmar que não deveria ter trazido Smith, o escocês que o acompanha – personagem que também está presente em *A correspondência de Fradique Mendes* – exclama: “- Bem-vindo a Portugal!” (AGUALUSA, 2011, p.12).

Fradique Mendes também descreve o cenário que encontra ao desembarcar, rodeado por uma multidão que ria e gritava, carregando fardos e arrastando animais, em ruas “tortas e mal-empedradas” (AGUALUSA, 2011, p.12) onde os nativos conversavam ou mesmo dormiam à sombra dos muros e pelas quais seguiram caminho até serem recebidos por Arcénio de Carpo, que os hospedaria em seu solar colonial.

Arcénio de Carpo é a primeira figura com quem Fradique Mendes tem contato em Luanda. Descrito como filho de um casal de atores ambulantes e nascido na Madeira, havia sido degredado para Angola por crime comum, de acordo com seus inimigos, embora afirmasse que o caso haveria ocorrido por crime de pensamento. Dono do solar onde o português e seu criado Smith ficam hospedados era uma das figuras mais poderosas da cidade, onde “até o sol lhe obedece” (AGUALUSA, 2011, p.12). É através de Arcénio que o Fradique tem seu primeiro contato com a escravidão.

Nesta primeira carta, podemos notar o aspecto observador de Fradique, que detalhava, assim como não deixava de exprimir sua opinião. Luanda é descrita, após o primeiro contato, através de seu cheiro, do barulho produzido pela população no porto, nas particularidades das ruas e das construções. E este momento inicial o leva a afirmar a distância que se encontra do mundo civilizado. É também por meio dela que podemos acompanhar certa carga de preconceito do protagonista em relação ao seu primeiro contato com a capital da colônia portuguesa. Fradique Mendes certamente o faz tendo como ponto de referência as grandes cidades a que acostumava visitar ou viver, como Paris ou Londres. Mas, durante o romance, o protagonista, em contato com a sociedade angolana especialmente com Ana Olímpia, vai alterando seu olhar e seu sentimento. Também podemos observar sua ironia, característica presente em ambos personagens, o queirosiano e o de José Eduardo Agualusa.

A questão do desembarque, ao chegar a Luanda, quando Fradique Mendes se diz “atirado para a praia, molhado e humilhado”, acompanhado de Smith, é representativo no sentido da afirmação de afastamento do mundo civilizado, é como se, ao se molhar e sujar, a personagem dele se despedisse para entrar em outro, desconhecido e diferente, sobretudo diante ao seu olhar, de um europeu ao chegar à colônia.

Na carta seguinte (Luanda, junho de 1888), a segunda do romance, também endereçada à Madame de Jouarre, o protagonista reafirma o sentimento de estar distante do restante mundo, enquanto Smith o deixa ciente das notícias da capital da colônia, retiradas de seu convívio com a criadagem

Neste convívio recolhe o noticiário da cidade e assim também em Angola posso, todas as manhãs, “ler o Smith”. Ignoro, é verdade, o preço exato do ouro em Londres, desconheço o destino de Livingstone e nem sequer consigo acompanhar as intrigas da corte. Em contrapartida sei que os ratos assados continuam a vender-se muito bem nos mercados de Luanda, a quinze réis a dúzia, enfiados pela barriga em espetos de pau, e que tem havido distúrbios no Sumbe e no Congo. (AGUALUSA, 2011, p.17).

Fradique Mendes ainda mantém o olhar do europeu, do civilizado, em relação ao país, as notícias a que tem acesso diferem muito do cotidiano a que estava acostumado acompanhar e que lhe despertava interesse, como o valor do ouro ou as intrigas da corte. Em Luanda, estas são substituídas por conflitos em outras regiões da África ou mesmo as intrigas da cidade.

Nesta carta também faz uma interessante descrição do que ele intitula por “dramas domésticos” e de como é estruturada a sociedade luandense. Sendo constantemente informado por Smith acerca destes fatos que, segundo ele, alimentavam prodigamente a imaginação dos moradores, Fradique Mendes afirma que não haveria na cidade “um único homem honesto, esposa fiel, donzela recatada” (AGUALUSA, 2011, p.18). Ainda segundo o português, os colonos poderiam ser divididos em duas categorias, sendo primeiro os criminosos que lá estariam a cumprir pena por degredo e os degredados que, após tê-las cumprido, decidiram por ali continuar.

Por outro lado, os “filhos-do-país”, como se designavam alguns mestiços e alguns negros calçados se ocupavam de criar intrigas nos cafés e, enquanto disputavam por cargos menores da Fazenda, tinham seus negócios e terras, assim como esposas e filhas, roubadas pelos colonos que, assim, reforçam seu poder administrativo na colônia. Segundo Douglas Wheeler, é interessante notar que mesmo sendo um grupo em minoria na colônia, os

portugueses eram o grupo racialmente dominante e predominava, entre eles, o sentimento de uma superioridade branca consciente (2012, p.78). O autor afirma que

Nos povoamentos portugueses, especialmente em Luanda, a cor e a raça tornaram-se um fator de estratificação social. Em meados do século XIX, a sociedade luandense estava dividida naquilo a que um almanaque contemporâneo chamava “castas” raciais. Havia a casta superior dos brancos, depois os “pardos” ou “mestiços” (mulatos) e, finalmente, a casta mais baixa, os “pretos” (negros africanos). Embora existisse pouca segregação racial, havia uma série de distinções sociais e econômicas – associadas à cor – na sociedade. (2012, p.80-81).

A personagem, ao descrever a sociedade luandense para Madame de Jouarre, por meio do que ouvia de Smith, parece fazê-lo ainda de maneira negativa, através de um olhar que tem a Europa como modelo. É o criado Smith quem recolhe as notícias da cidade para Fradique, através de seu convívio com a criadagem, é ele quem o informa.

Ainda nesta mesma carta, Fradique Mendes faz observações acerca de relação dos luandenses com o trabalho. Segundo o português, na cidade trabalham apenas os escravos e, fora dela, os chamados “pretos boçais”. “Trabalhar representa portanto para o luandense uma atividade inferior, insalubre, praticada por selvagens e cativos” (AGUALUSA, 2011, p.18). O trabalho seria algo depreciativo na visão dos cidadãos, diretamente ligado à escravidão, uma vez que afirmar que algum sujeito tivera origem em uma família de trabalhadores poderia sugerir que o mesmo havia comprado seu primeiro par de sapatos há pouco tempo, o que indicaria que este fosse descendente de escravos. Tal afirmação seria considerada cruel e até mesmo capaz de destruir reputações.

Fradique ainda afirma que, de acordo com Arcénio de Carpo, os povos do interior eram desprezados pelos mulatos. “Os mulatos”, confidenciou-me Arcénio de Carpo, “desprezam todos os povos do interior porque trabalham, e ainda mais os desprezam porque sendo negros querem continuar assim” (AGUALUSA, 2011, p.19).

O próprio filho de Arcénio, que tinha o mesmo nome do pai, e que é descrito na carta como “inteligente, informado e bem-falante, prefere no entanto a política à filosofia e a maledicência à literatura” (AGUALUSA, 2011, p. 19-20) comprovava, segundo Fradique, tais afirmações. Para ele o grande obstáculo para o desenvolvimento do país estava relacionado aos próprios pretos do mato. Ao se recusarem a falar o português e insistindo em manter suas próprias crenças e superstições, além de não terem noção alguma da ideia de Estado,

atrasariam a rápida modernização de Angola. Apesar de discordar do jovem Arcénio, quando este faz a crítica aos pretos do mato, alegando que “antes de forçar um africano a trocar as peles de leopardo por uma casaca do Poole, ou a calçar umas botinas do Malmstrom, seria melhor procurar compreender o mundo em que ele vive e sua filosofia” (AGUALUSA, 2011, p.20), Fradique acaba por concordar quando o jovem o questiona acerca de sua busca por Filosofia na África. “Dei-lhe razão. Aquilo que os europeus desconhecem é porque não pode existir” (AGUALUSA, 2011, p.20).

Novamente podemos acompanhar o caráter observador do protagonista do romance. Esta característica também está presente na personagem queirosiana. O personagem-narrador de *A Correspondência de Fradique Mendes* observa este seu traço:

Pois bem! Fradique dispunha de uma dessas visões privilegiadas. O próprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e “detalhar em silêncio” – como dizia Oliveira Martins – revelava logo o seu processo interior de concentrar e aplicar a razão, à maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as névoas, a realidade pouco a pouco lhe surgisse na sua rigorosa e *única* forma. (QUEIRÓS, 2013, p.66)

O português traça um panorama da estrutura da sociedade luandense, através de suas observações e do conhecimento obtido por meio de seu relacionamento e contato com os outros personagens do romance, como Arcénio de Carpo e seu filho, entre outros. Descreve a situação dos colonos e dos luandenses, assim como a organização e a relação destes com o trabalho. Nesta carta a personagem, entretanto, nos mostra outra de suas características, quando defende a compreensão do africano através de seu mundo e sua filosofia, a de estar em meio a diferentes culturas, de se inserir e buscar entendê-las por sua própria natureza, por meio da vivência.

Em outra ocasião, em nova carta remetida à Madame de Jouarre (Luanda, junho de 1868), Fradique tece comentários sobre o Baile do Governador, evento ao qual havia sido convidado, assim como sobre àqueles que também estiveram presentes. Segundo o português, frequentemente comparecem ao evento aqueles que, sendo possuidores de algum capital, saibam ler e escrever. Seriam, portanto, comuns nos salões “comerciantes honestos e criminosos a cumprir pena de degredo, filhos do país e louros aventureiros europeus, escravocratas e abolicionistas, monárquicos e republicanos, padres e maçons” (AGUALUSA, 2011, p.23), reunindo os mais variados tipos. O baile, descrito pelo português, era um evento que ocorria frequentemente na capital de Angola.

Os espetáculos públicos só começaram a ser organizados no século XIX, com os concertos semanais no palácio do governador geral na zona alta da cidade e com a organização de várias sociedades musicais, tais como a Filarmônica Africana em 1889. (WHEELER, 2009, p.115).

Assim como faz com as personagens, como Eça de Queirós e Arcénio de Carpo, José Eduardo Agualusa retoma dados históricos para desenvolver sua narrativa. O Baile do Governador é um destes exemplos, evento que ocorria em Luanda e que, assim como no romance, atraía diversos tipos de pessoas. Jean-Luc Vellut, ao estabelecer uma possível hierarquia entre os centros comerciais em Angola, durante a segunda metade do século XIX, ao citar Luanda, que seria o primeiro, observa que

Ali, as fortunas eram feitas e desfeitas rapidamente. Um visitante dos anos 1840 descreveu o baile do governador, no qual se encontrava uma mulher, enfeitada com ouro e joias, vinda a Luanda como escrava, um homem que estava na costa como prisioneiro, a bordo de um navio negreiro, e um outro cuja infância fora passada nas ruelas dos subúrbios populosos de Lisboa. (AJAYI, 2011, p. 361).

Durante o evento Fradique conhece alguns outros personagens que se relacionam diretamente com a escravidão e que serão de grande importância para o desenvolvimento da história. Este é o caso de Gabriela Santamarinha e Ana Olímpia. A primeira, descrita como a “a mulher mais feia do mundo”, a ponto de fazê-lo recordar versos de Gregório de Matos, é senhora de escravas “albinas”, das quais se serve e trata com grande crueldade. Gabriela é descrita de maneira quase cômica, de forma a demonstrar não apenas a ausência de beleza física, “nem entre os aborígenes do continente austral houve alguma vez criatura assim” (AGUALUSA, 2011, p.24), “nunca perdeu o fedor original, e por isso também lhe chamam o Abominável Monstro das Retretes” (AGUALUSA, 2011, p.25), mas também sua essência: “Não há, não pode haver, mulher tão completamente feia e satisfeita de o ser” (AGUALUSA, 2011, p.24), “dizem que os pássaros se suicidam de desgosto à passagem dela” (AGUALUSA, 2011, p.25), “é de uma fealdade natural, sem artificios nem retórica, e exerce-a em cada gesto, em cada frase, no odor corporal, na forma bestial como caminha” (AGUALUSA, 2011, p.24). Segundo Arcénio, havia sido criada por um padre, após ser encontrada, bebê, em uma latrina pública, herdando seu nome e terras. Ser a ela apresentado era algo próximo a um ritual iniciático.

Fradique Mendes também é apresentado a Ana Olímpia, uma das mais ricas mulheres do país e que define como a mais bela mulher do mundo. Este encontro começa a despertar no português um outro olhar sobre Angola, de acordo com sua própria afirmação, “logo naquele

momento me reconciliei com a humanidade e os meus olhos se abriram com outro interesse para este país e as suas gentes” (AGUALUSA, 2011, p.26). Fradique assim descreve a ocasião à Madame de Jouarre:

Momentos houve em minha vida – um certo entardecer nos Alpes, uma tarde em Asmera, em que surpreendi, à minha frente, uma onça a formar o salto -, momentos houve que me fizeram experimentar a evidência de Deus, isto é, da Vida, talvez aquilo a que os monges budistas chamam nirvana. Quando pela primeira vez a vi senti idêntica emoção. Ela dançava, e dançar aqui é um verbo incompleto, ela rodava esplêndida nas voltas da rebita, vestindo os ricos panos das senhoras de Luanda nobremente traçados sobre o peito, trazia a cabeleira alta e trabalhada, um fino colar de ouro a iluminar-lhe o pescoço de gazela. (AGUALUSA, 2011, p.26)

A angolana logo se tornaria o amor do viajante português, aquela pela qual o protagonista decide assumir a luta contra o sistema de escravidão, tanto em Luanda, quando foi levada à condição de escrava de Gabriela Santamarinha, quanto em Pernambuco, após a fuga para o Brasil. Fradique Mendes termina a carta reafirmando a mudança de olhar em relação à Angola, “um país que me surpreende todos os dias” (AGUALUSA, 2011, p.28) e se declara, para Madame de Jouarre, como um “afilhado quase africano” (AGUALUSA, 2011, p.28). Ana Olímpia ocasiona uma mudança no protagonista que, segundo Paula Renata Moreira

Fradique deixa de ser a consciência que olha ironicamente a realidade a sua volta para ser o ativo participante contra as causas que abomina, por impulsos da mente (as posições intelectuais que o fazem contra o tráfico) e do coração (pela relação de comprometimento de Ana Olímpia com sua vida de escrava). (2010, p.84).

Ana Olímpia é um dos motivos dessa mudança de atitude, por mudar a maneira do protagonista de ver Angola e Luanda e despertar novo interesse em relação ao país e seu povo, sua cultura e seus costumes. Ao se apaixonar pela jovem angolana, Fradique Mendes deixará de lado sua passividade, característica presente na personagem queirosiana - “Decerto Fradique não era um santo militante, rebuscando pelas vielas a resgatar, mas nunca houve mal, por ele conhecido, que dele não recebesse alívio” (QUEIRÓS, 2013, p.84) - e passará a lutar pelas causas que defende.

O apego às crenças e superstições, criticado pelo jovem Arcénio na segunda carta que compõe o romance (Carta a Madame de Jouarre, junho de 1868) aparece em algumas outras cartas. Exemplo disto está na quarta missiva, enviada à Ana Olímpia (Benguela, maio de 1872) quando Fradique Mendes, em viagem à Benguela, adoece e se instala na casa de um

antigo companheiro de Coimbra, Luís Gonzaga. Popular entre os amigos, dotado de vigorosa gargalhada, capaz de sacudir lustres e assustar os pássaros, havia se formado médico, embora tenha gasto quase dez anos para isto. Segundo o protagonista, embarcou para a África e se instalou em Benguela, onde montou um pequeno hospital e atendia, em sua grande maioria, soldados, pretos pobres e degredados. Na falta de conhecimentos ou meios, Luís Gonzaga recorria aos serviços de um feiticeiro, instalado a alguns quilômetros mata adentro. Nesta correspondência, o português ainda demonstra seu olhar de europeu em relação aos costumes e tradições africanos

Calculo que para si nada disto seja novo. Eu começo a compreender que em toda parte onde ainda domina a noite, ou seja, onde a luz elétrica ainda não chegou, não há ciências exatas. O que há é isto: a grande escuridão depois que o sol se põe, o alto céu onde navegam estrelas; rumores e medo. Espíritos que dançam. E tudo são inexplicações. (AGUALUSA, 2011, p.31).

O que para Ana Olímpia era algo comum, para Fradique Mendes era algo muito distante do que estava acostumado. De certa forma, o português parece acusar o atraso da colônia, de acordo com as referências que mantinha, tendo em vista a cultura e a tecnologia europeias. Entretanto, afirma também sua tentativa de compreender esta nova realidade “No estado em que me encontro tudo isso me parece fantástico. Estendido nesta cama, ardendo de febre e no entanto trêmulo de frio, procuro entender os segredos de África. E penso em si. Penso muito em si.” (AGUALUSA, 2011, p.31). Fradique Mendes, a esta altura, já buscava entender os segredos daquela terra, como declara à Ana Olímpia.

Em sua última carta enviada de Angola, para Madame de Jouarre (Novo Redondo, outubro de 1867), Fradique Mendes narra os acontecimentos que o levaram, junto de Ana Olímpia e do jovem Arcénio de Carpo a fugir para o Brasil. O velho Arcénio de Carpo havia partido, acompanhado do protagonista, para uma caçada aos jacarés, que tinha como real objetivo vingança contra Jesuíno, cunhado da angolana e que a havia tomado tudo que lhe era de direito e a entregado como escrava a Gabriela Santamarinha. A tentativa, entretanto, é frustrada, pois é o velho coronel quem acaba morrendo. Seu filho, então, resgata Ana Olímpia e após se vingar pela morte do pai, os leva até Novo Redondo, onde um navio estava preparado para transportá-los para o Brasil.

### 2.3 – Brasil

O período em que se estabelece no Brasil, alternando com viagens pela Europa, é composto por treze cartas, enviadas entre dezembro de 1876 e outubro de 1888. Dentre estas cartas, seis são escritas de alguma localidade brasileira, como Olinda, Engenho Cajuíba ou Rio de Janeiro. As missivas restantes são enviadas de Paris ou da Quinta da Saragoça, em Portugal.

A primeira carta enviada por Fradique Mendes, já em terras brasileiras, é endereçada a Madame de Jouarre (Olinda, dezembro de 1876) e trata dos fatos ocorridos durante a travessia de Novo Redondo até Pernambuco. O português fala da festa organizada por Horácio Benvindo, da chegada de um grupo de escravos que seriam embarcados, juntos deles, no *Nação Crioula* o navio negreiro que, contrariando sua vontade, os conduziria até o Brasil.

Nesta carta, Fradique faz observações em relação ao prato a eles servido por Lívia, esposa de Horácio, que consistia em gafanhotos assados, os quais afirma serem “muito bons, com um ligeiro travo a avelã, a consistência de pequenos camarões.” (AGUALUSA, 2011, p.84). Lembra que a iguaria fez parte do cardápio da aristocracia romana, assim como vários outros tipos de inseto também o foram, na Grécia e Europa Central. Por fim, recorda Lisboa, onde há um petisco feito de pequenos caracóis cozidos em sal e orégano. Interessante ressaltar que, ao escrever sobre a refeição servida em Novo Redondo, o português se utiliza de pratos apreciados na Europa como comparação, desta vez não de forma negativa, sem estranhamento. A carga de preconceitos em relação ao continente e sua cultura diminuía conforme ele se inseria nesta nova realidade, na maior parte das vezes devido ao seu amor por Ana Olímpia.

Assim também o faz ao descrever a banda que tocou naquela noite festiva, formada por oito músicos, com batusques e cornetas, estas últimas produzidas de dentes de elefantes e que produziam som muito forte. Ao som da banda ocorria uma dança, onde no meio de uma roda os dançarinos executam seus passos até serem substituídos por outros do círculo, escolhidos através de uma umbigada, chamada semba. O próprio Fradique afirma ter participado, para diversão de Ana Olímpia. O português se inseria em meio àquela cultura, não considerava a culinária como algo distante e já não via a dança com o mesmo olhar

distante que o ocorrera no dia em que conheceu Ana Olímpia, agora ele participava da festividade.

Por fim, Fradique relata que, durante a viagem entre África e Brasil, conhece um escravo a quem chamavam de Conde, que viajava acompanhado de seu manipanso<sup>4</sup>. O português define este artefato como um “boneco esculpido em madeira vermelha”, que o escravo consultava sempre que necessitava tomar alguma decisão. O ritual, por ele descrito, consistia em uma reverência inicial, através de elogios, seguido de seu questionamento, que era alcançado após um período de silêncio com o boneco próximo ao ouvido. Também era utilizado para realizar pedidos e para isso colocavam um prego na pequena estátua. Se este lhe fosse concedido o prego era retirado e ele recebia festa e bebidas, caso contrário permanecia como forma de castigo pela sua incompetência.

Este acontecimento, de certa maneira, é similar ao contido na carta enviada à Ana Olímpia, quando Fradique Mendes visitava o amigo Luis Gonzaga, em Benguela (Benguela, maio de 1872), em que o português comenta sobre o feiticeiro e a falta das ciências exatas. Em *Nação Crioula*, em ambos os casos, o feiticeiro a quem recorre Luis Gonzaga e o escravo que se utiliza do manipanso, há relação com o sobrenatural, com a figura do curandeiro e do adivinho, que se utilizam de forças do além para alcançar soluções e orientações. De acordo com Marina de Mello e Souza (2006), na parte costeira do continente africano que compreende do Senegal a Moçambique, a relação com o sobrenatural era capaz de explicar e resolver quase tudo para os povos africanos, estando à vida ligada ao além. Isto se dava através do trabalho dos curandeiros, adivinhos ou sacerdotes. (p.44). Neste caso, podemos observar a ironia do português em relação ao assunto.

Quanto a mim fiquei impressionado com o Conde e o seu extraordinário manipanso. Se é possível, como me dizem que é, transmitir a voz humana a grande distância através de simples fios de cobre, então por que não há-de ser possível a um boneco ter visões e falar? Imagine, querida madrinha, que se vulgarizava entre nós a utilização de ídolos falantes. (AGUALUSA, 2011, p.89)

Fradique Mendes compara o pequeno ídolo, e sua capacidade sobrenatural de adivinhar, com a invenção do telefone, ironicamente aproximando a crença no manipanso, do escravo, com a tecnologia, do europeu. Embora a personagem já esteja se inserindo neste outro contexto, em uma realidade diversa da sua, o português ainda mantém o olhar europeu em relação a determinados assuntos. Observamos que o protagonista, em determinados

---

<sup>4</sup> Pequeno ídolo africano, utilizado na realização de um culto.

momentos tende a discordar, ao menos inicialmente, de alguns costumes e tradições, distantes do que vivenciava na Europa, os quais tinha, talvez, como modelo ideal.

As primeiras impressões que tem sobre o Brasil também são descritas por Fradique Mendes, assim como o faz quando chega a Luanda. A imagem do crepúsculo é a primeira que ele detalha à sua madrinha, visto dos jardins do palacete de Arcénio, onde se encontram hospedados:

As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que depressa se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão. (AGUALUSA, 2011, p.81).

Interessante notar que, nesta descrição, o por do sol é comparado ao que havia acompanhado no continente africano. Fradique Mendes, desta vez, não usa a Europa como referência, mas sim Angola. É o crepúsculo que presenciava na África que ele espera, sem sucesso, ver. Sua referência, neste momento, era outra.

Na carta seguinte, enviada novamente à Madame de Jouarre (Olinda, fevereiro de 1877), Fradique Mendes comenta acerca da notícia que havia recebido, através de carta enviada por Joana Benvindo, mãe do jovem Arcénio de Carpo, de que em Luanda acreditava-se que todos haviam morrido em naufrágio em um navio que seguia em outra direção, enviado para confundir qualquer um que os quisesse perseguir. O português também continua a descrever suas impressões em relação ao Brasil. Afirma se deslocar frequentemente por Pernambuco:

Pernambuco distribui-se por duas ilhas, que os rios Capibaribe, Beberibe e Pina separam do continente. Nas ruas respira-se o mesmo odor melancólico que me surpreendeu em Luanda, um entorpecimento que se transmite das pessoas para as casas, como se toda a população estivesse já morta e a cidade em ruínas. (AGUALUSA, 2011, p.95)

Nesta passagem pode-se notar uma breve comparação com a cidade angolana. Segundo o português, Pernambuco possui os mesmos odores das margens de lá, que o haviam surpreendido quando de sua chegada. Como na carta anterior, ressalta a melancolia transmitida pela cidade. Nestas duas passagens podemos notar a presença das palavras “melancolia” e “melancólico”, se referindo ao odor presente nas ruas de Pernambuco e ao entardecer. Da mesma forma Fradique Mendes havia definido o odor que sentira ao desembarcar em Luanda, na primeira carta do romance. As sensações descritas pelo

personagem em sua chegada às duas margens do oceano Atlântico se mostram parecidas, marcadas talvez pelo tédio, desgosto. Novamente podemos observar que o ponto de referência da personagem agora estava direcionado à África. O protagonista que anos antes acreditava se afastar da civilização ao chegar a Angola, agora nela pensava ao observar as novas terras em que se encontrava, do outro lado do Atlântico.

Fradique Mendes, nesta mesma missiva, faz observações em relação à sociedade que encontra no Brasil:

Os ricos são odiosamente ricos e ainda mais ricos e odiosos parecem ser por contraste com a extrema miséria do povo. Em Santo António os palacetes ocultam jardins exuberantes, onde à noite se dançam românticos bailes, enquanto os negros dormem exaustos em casebres de palha. (AGUALUSA, 2011, p.95).

O português, mantendo seu ponto de vista crítico e atento, observa o enorme contraste social encontrado durante seus passeios, entre uma minoria rica, que organiza bailes em suas grandes propriedades, e os negros, trazidos da África por navios negreiros, como o Nação Crioula, que viviam em situação degradante. E, assim como em Luanda, Fradique Mendes retoma os bailes realizados nos jardins dos palacetes, onde conhece, assim como no Baile do Governador, em Luanda, figuras interessantes. Um em especial, realizado na casa de seu amigo de infância, Alexandre Gomes, no qual comparece junto de Ana Olímpia. Nele conhece Isabel, esposa do dono da casa, descrita como “feliz e inteligente, com um perigoso sentido de humor, e um não menos afiado espírito crítico” (AGUALUSA, 2011, p.96). Interessa-se também por uma estranha figura, que observa enquanto dançava, um pianista de “extraordinária palidez”, que viera para o Brasil acompanhado de sua esposa. Ela, uma jovem dançarina, havia despertado o interesse de muitos homens, em especial um médico com o qual iniciou um romance que, descoberto mais tarde pelo marido, lhe custou a vida. O marido foi absolvido pelo juiz e retornou aos bailes da aristocracia de Pernambuco, onde se tornou “um monumento”, o qual todos queriam conhecer, e que garantia, com sua presença, o sucesso de qualquer festa. Fradique Mendes descreve as figuras que observa, encontrando até alguma similaridade com as encontradas em Angola. No Brasil também encontra, assim como em Luanda, uma mulher crítica e inteligente, no caso de Isabel, lembrando Ana Olímpia, ou figuras excêntricas, como o “mortalmente pálido” pianista, como a senhora de escravos Gabriela Santamarinha.

Outro fato a destacar é o convite que recebe de Alexandre Gomes para que ambos fossem visitar uma fazenda que lhe despertava interesse. Ele acreditava que esta viagem poderia ser de grande proveito para Fradique Mendes, sendo uma oportunidade de “estudar o Brasil verídico, autêntico, o Brasil brasileiro” (AGUALUSA, 2011, p.98), diferente deste que tentava, naquele momento, “transformar-se num país europeu” (AGUALUSA, 2011, p.98). Após aceitar o convite, a personagem, então, se compromete a remeter cartas à Ana Olímpia (Engenho Cajaíba, março de 1877) detalhando, dia a dia, seus passos, pensamentos e observações. É interessante a maneira como o protagonista segue descrevendo o local: “Esta paisagem não foi ainda inaugurada. Tudo é novo como no primeiro dia. Dei teu nome a uma das ilhas. Era talvez aqui o paraíso, e é certamente entre estas florestas que o Senhor Deus repousa [...]” (AGUALUSA, 2011, p.102). Neste primeiro fragmento, datado como “Segunda-feira”, a paisagem é comparada ao paraíso, como se repetirá mais algumas vezes, “Parece-me este prodígio a prova definitiva de que o Éden se situou nesta região, o que explicaria os outros vestígios de vida eterna que prosperam entre as águas e as árvores” (AGUALUSA, 2011, p.103). Mas, por outro lado, também não deixa de destacar o incomodo que lhe causava esta “ausência de tempo” (AGUALUSA, 2011, p.103), esta falta de “movimento”: “Todas as tardes são a mesma tarde. A vila parece uma gravura”, “Tanta eternidade chega realmente a aborrecer”. Por fim, acaba por compra-la. Fradique Mendes, após a fuga de Angola, país que havia lhe despertado o sentimento de distância do mundo civilizado e que havia imprimido sofrimento à Ana Olímpia, se depara com um local que lhe remetia ao paraíso, que poderia garantir-lhes segurança enquanto permanecessem no Brasil, ao contrário do país africano.

A compra desta fazenda também é o assunto da carta enviada a Eça de Queirós (Engenho Cajaíba, março de 1877). Como descreve Fradique Mendes a seu amigo, a propriedade estava localizada no Recôncavo Baiano, situada a aproximadamente duzentos quilômetros de São Salvador, alcançava vinte mil hectares e possuía cento e cinquenta escravos. O português se diz “transformado em senhor de engenho, os quais por estes vastíssimos sertões, entre Salvador e Pernambuco, exercem desde há séculos a única autoridade, tanto maior e mais temida quando é certo que ninguém aqui conhece o Imperador D. Pedro II” (AGUALUSA, 2011, p.106). Há também informações acerca das antigas revoltas de escravos, dos quais apresenta um em especial, chamado Cornélio, um velho hauçá, vindo da costa da Nigéria, personagem que discutiremos no próximo capítulo. A partir da compra desta fazenda, e de suas decisões em relação aos escravos que nela havia, o português cria

inimizades com outros senhores de engenho que o levarão à uma real tomada de atitude frente à realidade da escravidão. Por fim, afirma também ao escritor português, como o fez a Ana Olímpia, o local paradisíaco em que se encontra, quando comenta acerca do fato de acreditarem que havia morrido no naufrágio:

É um privilégio raro um homem poder ler o seu próprio elogio fúnebre, sobretudo quando o faz no paraíso (e não me refiro a esse frio expositor de almas de que nos falam os novos teólogos, e sim ao autêntico, ao clássico paraíso, com palmeiras altas e um mar de anil, licor de maracujá, uma mulher – a Mulher! – bela como um anjo, mas com todos os outros atributos de que estes foram privados. (AGUALUSA, 2011, p.114).

Fradique mais uma vez compara aquele local ao paraíso, assim como, desta vez, também compara a jovem angolana a um anjo.

## 2.4 – Portugal

Dentre as cartas recolhidas em *Nação Crioula* por Eça de Queirós, há quatro enviadas de Portugal, sendo duas de Lisboa, no período de viagens entre Europa e África, e duas da Quinta da Saragoça, após sua vinda para o Brasil. Dentre elas, apenas a última traz informações sobre sua passagem por sua terra natal. Entretanto, a primeira referência feita por Fradique Mendes a Portugal se refere ao encontro com seu antigo companheiro de república, Luís Gonzaga, descrito em carta enviada a Ana Olímpia (Benguela, Maio de 1872), na qual apresenta as primeiras lembranças a que teremos conhecimento em relação ao tempo em que residiu em seu país, mais especificamente em Coimbra. Fradique chega a afirmar que durante o tempo em que esteve sob os cuidados do amigo médico ambos recordaram o passado na cidade, embora Luís Gonzaga o tenha feito com menos entusiasmo, demonstrando ter perdido o interesse em relação a Portugal.

Em outra correspondência, também destinada a Ana Olímpia, (Quinta da Saragoça, agosto de 1877), Fradique Mendes conta sobre seu encontro com Eça de Queirós, quando de passagem por Lisboa resolvem ir, após o amigo estar vivendo há quatro anos na Inglaterra, saborear um bacalhau à Mouraria. Segundo ele, Eça havia retornado a cidade à procura de Portugal e, não encontrando resquícios desta gloriosa pátria nem no Rossio nem no Chiado, haviam encontrado o que procuravam em uma taverna na Mouraria entre o cheiro e a cantoria típicos do local: “Fomos os dois, e ali encontramos realmente Portugal, sentado entre vadios e

varinas, cantando o fado, cheirando brutalmente a alho e suor.” (AGUALUSA, 2011, p.136). A recordação é tema comum nestas duas cartas. Cabe ressaltar que novamente a personagem usa a descrição de sensações para descrever um local, como já o havia feito em Luanda (ar cheirando a frutas e cana-de-açúcar, odor melancólico) e Pernambuco (o mesmo odor melancólico). O protagonista, em suas cartas, mantém sempre este olhar observador e detalhista.

Além destas duas correspondências, outra carta apresenta uma opinião de Fradique Mendes sobre sua pátria. Datada de outubro de 1888 e enviada de Paris para Eça de Queirós, o personagem faz algumas observações em relação à situação de Portugal naquele momento, em resposta a um pedido do escritor português para que escrevesse um artigo para sua revista, tratando da “Situação atual de Portugal em África”. Esta é, também, a última carta assinada por Fradique no romance, antes do anúncio de sua morte.

Fradique Mendes argumenta em sua defesa, ao negar o pedido do amigo, seu “silêncio patriótico” (AGUALUSA, 2011, p.162). Em sua opinião, não seria interessante para Portugal que o mundo tomasse ciência da situação das colônias portuguesas. Ele defendia que os portugueses estavam em África por esquecimento, fosse este do próprio governo português ou dos governos das outras grandes potências, tais como Inglaterra, Alemanha ou França, “qualquer ruído, mesmo o pequeno rumor de um pequeno artigo na *Revista de Portugal*, e correremos o risco de que a Inglaterra descubra que no território português da Zambézia não há portugueses – e lá ficaremos nós sem a Zambézia” (AGUALUSA, 2011, p.161). De acordo com ele, mantido este silêncio, “pode ser que o mundo, ignorando que não estamos no Congo, na Zambézia ou na Guiné, nos deixe continuar a não estar lá” (AGUALUSA, 2011, p.161-162). Segundo o protagonista, a presença portuguesa em solo africano parecia não obedecer a um princípio nem ter outro fim senão o saque de seus habitantes. Os colonos acabariam, portanto, após terem sido depositados e esquecidos em África, perdendo a memória de sua pátria e abandonariam sua língua e suas roupas, misturando-se aos habitantes locais.

Fradique recorda um episódio que havia presenciado junto de Ana Olímpia, em visita a sua fazenda, para fazer um comparativo com a situação dos colonos na África, quando um homem a cavalo se deixava levar, quase caindo, dando a impressão de estar adormecido ou até mesmo morto. Indagando a angolana sobre a maneira como homem seguia montado, ela respondera que ele estava a seguir “depositado”. Algo parecido poderia se afirmar em relação ao Brasil, segundo o personagem.

O que é que nós colonizamos? O Brasil, dir-me-ás tu. Nem isso. Colonizamos o Brasil com os escravos que fomos buscar em África, fizemos filhos com eles, e depois o Brasil colonizou-se a si próprio. Ao longo de quatro demorados séculos construímos um império, vastíssimo, é certo, mas infelizmente imaginário. (AGUALUSA, 2011, p.163).

Ainda segundo o português, Portugal não colonizava, mas sim espalhava-se

Uma estranha perversão faz com que os portugueses, onde quer que cheguem, e temos chegado bastante longe, não só esqueçam a sua missão civilizadora, isto é, colonizadora, mas depressa se deixem eles próprios colonizar, isto é, descivilizar, pelos povos locais. (AGUALUSA, 2011, p.165).

Observamos nesta correspondência, diferentemente das duas outras anteriormente citadas que recordavam Portugal, um ponto de vista mais crítico em relação a sua pátria. Fradique apresenta sua análise da situação entre a metrópole e suas colônias naquele momento, ressaltando a maneira como se dava a colonização e a pequena presença portuguesa nos territórios que se encontravam sob seu controle. Há de se ressaltar que tal carta fora enviada para a personagem Eça de Queirós no ano de 1888, alguns anos depois da Conferência de Berlim (1884-1885). Já havia sido feita, portanto, a divisão dos territórios africanos entre os países europeus. Segundo José Hermano Saraiva (1999) um dos aspectos da Conferência seria que “o direito à África devia provar-se pela posse presente, atestada por guarnições de soldados, e não por argumentos históricos” (p.341). Certamente era em relação a este aspecto, “o princípio da *ocupação efectiva*” (SARAIVA, 1999, p.341 – grifo do autor) que Fradique havia afirmado ao escritor português acerca da não presença em territórios como o Congo ou a Zambézia.

Em *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*, Boaventura Sousa Santos (1993) afirma que Portugal teria uma posição semiperiférica no sistema mundial

Com exceção de um período de algumas décadas nos séculos XV-XVI, Portugal foi durante todo o ciclo colonial um país semiperiférico, atuando como correia de transmissão entre as colônias e os grandes centros de acumulação, sobretudo a Inglaterra a partir do século XVIII, e este fato teve uma importância decisiva para todos os povos envolvidos na relação colonial, uma importância que, de resto, se manteve mesmo depois de essa relação ter terminado e até os nossos dias. (SANTOS, 1993, p.44).

Diferentemente das outras nações centrais europeias, para o autor Portugal seria, além de colonizador, emigrante em suas próprias colônias. Estava muito próximo delas para ser considerado plenamente europeu e, perante elas, distante demais da Europa para ser considerado um colonizador. Observava os povos de suas colônias considerando-os

primitivos, selvagens, ao mesmo tempo em que era visto da mesma forma, assim considerado por estudiosos e viajantes dos países centrais europeus. (SANTOS, 1993, p.48). Os próprios portugueses divergiam em relação ao colonialismo. Douglas Wheeler afirma que

Enquanto em 1878 o explorador Serpa Pinto escrevia aos principais activistas coloniais que as colônias eram “a única salvação de Portugal”, autores como Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano, Eça de Queirós e Oliveira Martins afirmavam que o país não tinha meios para sustentar as suas colônias e que Portugal seria, como escreveu Oliveira Martins, a sua melhor colônia.” (2012, p.44).

Da mesma forma o faz Fradique Mendes, em *Nação Crioula*, ao criticar este “império, vastíssimo, é certo, mas infelizmente imaginário” (AGUALUSA, 2011, p.163). O protagonista mantém o tom crítico em relação a Portugal.

## 2.5 – Fradique Mendes: um português em trânsito

As viagens de Fradique Mendes, em *Nação Crioula*, ocorrem no contexto da segunda metade do século XIX, período em que Portugal mantinha algumas colônias em continente africano, como é o caso de Angola, local onde se inicia a narrativa. Em solo africano, seja na capital Luanda ou em aventuras no interior do país, como os sertões de Benguela atrás de rumores indígenas, o protagonista entra em contato com uma realidade distinta da sua, um povo com costumes, crenças e tradições distantes de sua vivência europeia. De certa maneira, mesmo residindo em Paris, a personagem é um português, da metrópole, em terras sob domínio de seu país. Fradique poderia representar a figura do colonizador. Albert Memmi, em *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1967), discute o tema do colonialismo e define as figuras que compõem este quadro, o colonizador e o colonizado.

O colonizador, segundo o autor, vive uma situação de *ilegitimidade*, uma vez que “estrangeiro, chegado a um país pelos acasos da história, conseguiu não apenas um lugar, mas tomar o do habitante, e outorgar-se privilégios surpreendentes em detrimento dos que a eles tinham direito” (MEMMI, 1967, p.25), ele possui privilégios porque um colono os perdeu, com a sua chegada, “se seu nível de vida é elevado, é porque o do colonizado é baixo” (MEMMI, 1967, p.25). Do outro lado, há o colonizado. Seu retrato sofre com a mistificação, sendo produzido pelo colonizador. Para ele, a caracterização de seu retrato seria cômoda, pois

“desempenha importante papel na dialética enobrecimento do colonizador-aviltamento do colonizado” (MEMMI, 1967, p.77-78).

Retomemos, então, Fradique Mendes. Sendo o personagem um português em terras africanas sob o domínio de seu país, decidimos fazer este breve comentário acerca destas duas figuras com o intuito de situar a posição do protagonista. Ressaltemos que, ao retomar a personagem queirosiana para o desenvolvimento de seu romance, José Eduardo Agualusa lhe confere algumas características, como o fato de assumir uma posição mais firme em relação ao tráfico escravista, por exemplo, entretanto, algumas características do protagonista do romance de Eça de Queirós são mantidas.

Em *A correspondência de Fradique Mendes* ficamos sabendo do gosto do personagem por viajar. Segundo o narrador da primeira parte do romance, após receber uma herança conjunta, por parte de seu pai e de sua avó materna, “Fradique, livre e rico, saíra do Quartier Latin a começar uma existência soberba e fogosa. Com um ímpeto de ave solta, viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até o Saara” (QUEIRÓS, 2013, p.23). A curiosidade era um dos maiores motivos destas suas empreitadas, em busca de conhecimento, em constante trânsito por todo o globo, e durante elas, “sempre empreendidas por uma solicitação de inteligência ou por ânsia de emoções, achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século” (QUEIRÓS, 2013, p.23).

Na segunda parte do romance, já nas cartas de sua autoria, que haviam sido selecionadas pelo narrador, em correspondência enviada a Oliveira Martins, a própria personagem, quando discorria sobre o motivo que o levou a se dedicar ao estudo da História, fala desta sua necessidade de viajar

Levou-me pois efetivamente à história o meu amor da unidade – amor que envolve o horror às interrupções, às lacunas, aos espaços escuros onde se não sabe o que há. Viajei por toda a parte viável, li todos os livros de explorações e travessias - porque me repugnava não conhecer o globo em que habito até os seus extremos limites, e não sentira contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além. (QUEIRÓS, 2013, p.69).

Da mesma forma o faz, em *Nação Crioula*, o Fradique Mendes de José Eduardo Agualusa. O protagonista está em África devido a esta “solicitação de inteligência”. E o autor, em carta do português para Ana Olímpia (Paris, Dezembro de 1872), utiliza de palavras do

próprio romance queirosiano para reafirmar esta condição da personagem, recuperada em sua releitura

Quando me perguntaste, respirando exausta o mesmo ar que eu – e agora? -, não soube o que responder. Três meses mais tarde ainda não conheço a resposta. Fui nômada a vida inteira. Atravessei metade do mundo, desde Chicago até a Palestina, desde a Islândia até o Saara, e nunca soube que nome dar a essa errância aflita. (AGUALUSA, 2011, p.50-51)

Entretanto, desta vez, o protagonista, apaixonado pela angolana, parece ter encontrado a resposta, como afirma: “Hoje sei que estava à tua procura. Sei que és meu destino, a minha pátria, a minha igreja” (AGUALUSA, 2011, p.51).

Fradique Mendes se distancia, portanto, da figura do colonizador. Primeiro, porque sua estadia em continente africano era temporária, uma vez que sua residência se encontrava em Paris, embora dedicasse parte de seu tempo em suas longas jornadas pelo mundo. Ele não pretendia se fixar em Luanda. Nem mesmo a paixão por Ana Olímpia, que o fez olhar de maneira diferente para o país, despertando seu interesse pela cultura e pelo seu povo, o faz pensar na ideia de lá se estabelecer. Angola, para o protagonista, parece ser apenas um local de passagem, diferente do Brasil, por exemplo, em carta remetida à Madame de Jouarre (Olinda, fevereiro de 1877), quando afirma ter-lhe surgido a ideia de se estabelecer em terras brasileiras “longe do fragor do mundo, vendo pouco a pouco a terra desdobrar-se em frutos” (AGUALUSA, 2011, p.98).

Outro aspecto a se observar é o fato de, no romance, a voz que narra a história através das cartas é, em sua grande maioria, de um português. Exceto pela última carta, onde é a voz da jovem angolana Ana Olímpia que apresenta sua história, conhecemos apenas as outras vinte e cinco missivas enviadas por Fradique Mendes, não temos acesso às respostas. Francisco Salinas Portugal observa, em relação ao colonialismo, a questão da definição do sujeito pelo outro. Segundo o autor, depois de se estabelecer o sistema de exploração, econômica, social e culturalmente, o colonizador necessitava definir a posição do “eu – individual e colectivo – a respeito do outro, dentro dese esquema” (1994, p.42). E este processo, no sistema colonial, tornou-se “imutável e inamovível”, sendo que o “EU (suxeito do conhecimento) é sempre o europeu, a quen cumpre *definir* o OUTRO (obxeto do conhecimento)” (1994,p.42). Portanto

É asi como o europeu colonizador se erixe en suxeito que define, que se define a si próprio na realidade africana en que se inscreve e é el que define o outro sustraindo-o á possibilidade de asumir o seu protagonismo, de ser

suxeito da sua definición, de ser tamén un eu a se definir no outro; é o colono europeu a impedi-lo de ser protagonista da sua história e, consoantemente, a podé-la modificar. (1994, p.42-43).

A definição da identidade caberia, portanto, ao colonizador, que definiria a si próprio assim como ao colonizado, impedindo-o de ser protagonista de sua própria história. Mas no caso de Fradique Mendes, embora seja a figura do europeu a narrar uma história que discute, por meio do amor entre um português e uma angolana, a questão do colonialismo, da escravidão e das relações entre Portugal, Brasil e África, isto não se aplicaria.

Como observa Victor Mancera Viterbo, em *Nação Crioula*,

a hegemonia da voz de Fradique não determina necessariamente a visão do “colonizador” ríspido, violento e autoritário, mas antes a do *sujeito desenraizado* que gradativamente descobre-se *outro* na medida em que se apaixona pela ex-escrava Ana Olímpia (2011).

O protagonista do romance angolano é o “homem aberto ao outro” a que José Eduardo Agualusa se referia, que viaja pela África e descobre seus encantos conforme vai se deixando envolver.

Durante suas viagens, o protagonista, ao se deparar com situações e contextos muito distintos, acaba por mudar seu olhar em relação a estas culturas. A personagem que desembarca em Luanda, no ano de 1868, e se utiliza de ironia para descrever aquela situação, a partir de um olhar eurocêntrico, onde lhe assalta o sentimento de despedida da civilização, é diferente daquele que envia carta, à sua madrinha, vinte anos depois, assim como também se diferencia do Fradique Mendes de Eça de Queirós.

Ao chegar a Angola, Fradique Mendes deixa transparecer, apesar de ser uma personagem “que já fora desenhado pelo próprio romancista português como um homem afeito a novas experiências” (JORGE, 2001, p.364), certa carga de preconceito que carrega, como europeu, em relação à África. Suas primeiras descrições, o olhar em relação à sociedade luandense, o “deixar para trás o próprio mundo”, a humilhação por estar molhado e sujo, a ausência das ciências exatas e da filosofia, dão a impressão de que ele se encontrava em um espaço de barbárie. Mas, com o decorrer de sua estadia pelo continente africano, sua atitude e seus sentimentos vão sofrendo mudanças, e seu preconceito vai se diluindo. Para Paula Renata Moreira, em sua chegada em Luanda

“Fradique despede-se da civilização. É, de maneira metafórica, um despedir-se também do Fradique que fora em Eça, para assumir sua nova feição. Assim como o Fradique de Eça se parece com seu criador, o de Agualusa se

assemelha ao escritor angolano, guardadas as devidas proporções. Prova disto é o fato de que traz avaliações da sociedade escravista não tão plausíveis de serem formuladas no XIX, com posicionamento crítico não só do homem do século XX, mas também do não-europeu.” (2010, p.83).

Este Fradique Mendes, de *Nação Crioula*, observa e descreve suas aventuras, expressa suas opiniões e faz suas críticas com o olhar do homem do século XX, embora sua história se passe no século anterior. No romance, é a voz de José Eduardo Agualusa que fala por meio da personagem, assim como Eça de Queirós faz em seu romance *A Correspondência de Fradique Mendes*.

Em seu projeto ficcional é através de Fradique Mendes que José Eduardo Agualusa pretende discutir as relações entre estes três países, a questão do colonialismo e da escravidão, ao inserir esta personagem em um contexto distante daquele que podemos acompanhar no romance queirosiano *A Correspondência de Fradique Mendes*.

### CAPÍTULO 3

#### **ENTRE ESCRAVOS E NEGREIROS: A ESCRAVIDÃO, O ESPAÇO E O TRÂNSITO EM NAÇÃO CRIOLA**

Os primeiros contatos portugueses em África se deram em 1415, com a conquista de Ceuta, em território marroquino. Havia, por parte deles, o interesse em explorar terras fora do continente europeu em busca de metais preciosos, em especial o ouro. Unido ao interesse econômico havia também o interesse religioso e de sua propagação do Cristianismo. Rui Ramos (2012) afirma que, além do fato de ser uma importante cidade portuária e comercial, a conquista de Ceuta foi também importante para a segurança das navegações portuguesas, uma vez que lá chegavam e de lá partiam as embarcações que atacavam e saqueavam os demais navios. (p.175).

Segundo Ana Sílvia Scott, após Ceuta, os avanços induziram os portugueses até o arquipélago da Madeira (1418-1419) e, mais tarde, aos Açores (1427). Conforme afirma a autora, a “fixação nessas ilhas antes desabitadas iniciou os lusos na prática da colonização ultramarina. Nesses locais, os colonos foram literalmente “pioneiros em um novo mundo”.” (2010, p.101) A construção da fortaleza na ilha de Arguim, em 1445, também foi de grande importância para o comércio com a África. Para a estudiosa, as condições propícias favoreceram a ocupação portuguesa, pois havia abundância de água doce e peixes, e o local fora durante muito tempo um ponto de troca de ouro e escravos por outros produtos.

Outro ponto muito importante em relação ao comércio foi a construção da feitoria-fortaleza de São Jorge da Mina, em 1482, em Gana. Uma das principais vantagens se devia ao fato de os portugueses não necessitarem mais se deslocar ao interior, uma vez que os produtos e os escravos eram trazidos até a feitoria. O comércio de escravos era comum neste momento. De acordo com José Hermano Saraiva (1991), a partir de 1441 os escravos se tornaram “a principal riqueza resgatada pelos Portugueses no litoral africano” (p.139).

Foi também em 1482 que o navegador Diogo Cão percorreu a costa africana, desde o Gabão até Benguela, em Angola. Fez contato com o Reino do Congo, com o qual as relações foram, durante algum tempo, pacíficas. Douglas Wheeler afirma que “os congoleses deram as boas-vindas aos estrangeiros brancos, aceitaram seus padres e mostraram-se desejosos de aprender seus costumes e de adaptar a sua religião” (2012, p.59). O constante tráfico de

escravos e o interesse português por terras mais ao sul, em Angola, foram alguns dos motivos dos conflitos entre portugueses e africanos. Assim como no Reino do Congo, os primeiros contatos com o reino Ndongo foram pacíficos, mas diferente do que havia ocorrido no caso anterior, o rei N'Gola não tinha interesse no Cristianismo, apenas nos produtos portugueses. (WHEELER, 2012). O tráfico de escravos continuava sendo a principal fonte de lucro portuguesa. Embora sendo o principal objeto de lucro da metrópole durante muito tempo, a escravidão era comum, no continente africano, há muito tempo antes da chegada dos europeus. Afirma Ana Sílvia Scott

A escravidão já existia na África muito antes da abertura do comércio atlântico, ainda que em escala bem menor. Em certas áreas, havia grupos especializados na prática de comprar e vender escravos, inclusive “exportando-os” para algumas zonas específicas no norte do continente. Havia rotas definidas por caravanas que levavam escravos entre os diversos produtos que seriam comercializados e exportados da África para o Mediterrâneo. Isso ocorria desde o tempo dos romanos, muitos séculos antes da chegada dos portugueses. (2010, p. 113).

Sobre este fato, Marina de Mello e Souza (2006) explica que a guerra sempre foi a principal fonte de escravos e que, desde muito tempo, o homem escravizava outros homens que considerava inimigos ou inferiores. Mas haviam outros motivos que poderiam levar alguém a se tornar um escravo, tais como crimes cometidos, o fato de não poder pagar o que devia e até mesmo a falta de recursos para sobreviver. Segundo a autora, na África, para evitar a morte por falta de alimento devido à seca ou pragas de insetos, algumas pessoas se entregavam como escravos para salvarem a si e a família. (p.47).

O contingente humano retirado da África, em regime de escravidão, se destinava às colônias portuguesas, fossem estas as ilhas no Atlântico ou, mais tarde, o Brasil. A aquisição de escravos se dava tanto por meio dos europeus quanto dos próprios africanos.

De acordo com Douglas Wheeler,

Os primeiros dois séculos e meio da presença portuguesa em Angola foram a época do comércio de escravos, e qualquer administração tinha como principal objectivo político preservar o monopólio português sobre essa actividade. (2012, p.76)

Várias foram as etapas e tentativas de terminar com o regime de comércio de escravos. Em Portugal, em 1761, o marquês de Pombal decretou a abolição da escravidão no país e nas colônias das Índias, sendo este mantido, entretanto, nas colônias da África e América do Sul. (SCOTT, 2010, p.293).

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, a Inglaterra demonstrava muito interesse no término do tráfico de escravos, pressionando Portugal, e mais tarde o Brasil, países que de alguma maneira mantinham certa dependência em relação aos britânicos, a acabar com este tipo de atividade. Segundo José Hermano Saraiva (1991) isso aconteceu devido tanto à defesa de princípios quanto a impedir a concorrência das regiões onde o sistema tivesse continuidade, depois de abolido pelos ingleses. (p.338). O autor afirma

Os ataques dos Ingleses começaram a propósito da repressão da escravatura. A energia das máquinas a vapor tornara possível dispensar em Inglaterra o trabalho dos escravos; numa fase de transição, a mão-de-obra feminina e infantil proporcionou força de trabalho ainda mais barata do que a dos escravos, com a vantagem de não ter de ser alojada pelos empresários. (SARAIVA, 1991, p.338)

Devido à Revolução Industrial os interesses ingleses haviam, portanto, mudado em relação à manutenção da escravidão, adotando um sistema em que a mão-de-obra se mostrava mais vantajosa, com menor custo para quem empregava.

O governo português havia concordado, segundo Douglas Wheeler, a limitar o tráfico de escravos e o abolir gradualmente nas colônias africanas, através de acordos assinados entre 1810 e 1817. (2012, p.86). Este último dava direito aos ingleses de apreender navios negreiros portugueses ao sul do Equador.

Em 1856 foi assinada, em Portugal, a Lei do Ventre Livre, que garantia a liberdade a filhos de escravos após servirem seus senhores até os vinte anos de idade. Dois anos mais tarde um decreto definiria o tempo de vinte anos para o fim da escravidão em territórios administrados por portugueses, ou seja, até 1878. Finalmente, em 1869, ficava definido o fim da escravidão no Império Português. (SCOTT, 2010, p.293).

No Brasil, após a Independência, houve pressão britânica para o fim da escravidão, assim como havia ocorrido anteriormente em Portugal. Mas para certa parte da população o repentino fim do tráfico causaria problemas para o país, segundo Boris Fausto, por não haver “uma alternativa viável ao trabalhador cativo na grande propriedade” (2001, p.105).

Marina de Mello e Souza afirma que durante 350 anos, entre 1520 e 1870, várias foram as regiões africanas que forneceram escravos para o continente americano. No Brasil primeiro a produção canavieira, depois o tabaco, o algodão, ouro e o diamante e finalmente o café foram produtos do trabalho escravo. (2006, p. 56). Junto do ouro, o escravo ainda era a mercadoria mais valiosa, sendo este tipo de mão-de-obra essencial para suas colônias.

Em 1826 Brasil e Inglaterra firmaram um acordo que visava o fim do tráfico de escravos para o Brasil. Alberto da Costa e Silva afirma que a Convenção de 1826 era “uma reiteração agravada do ajuste firmado entre Portugal e Grã-Bretanha em 1817” (2003, p.16). Interessante retomar o fato que este acordo permitia aos ingleses apreender navios negreiros ao sul do Equador. A Inglaterra passava, portanto, a ter o direito de fiscalizar os navios brasileiros e agir duramente caso as suspeitas se confirmassem. De acordo com Boris Fausto, em 1831, uma lei assinada em 7 de Novembro previa penas mais severas aos traficantes e declarava todos os escravos que entrassem no país após aquela data como livres (2001, p.105). Contudo a lei pouco efeito causou.

Em 1845 o acordo de visita com a Inglaterra terminaria e, diante da negativa brasileira de renova-lo, o que acabaria com seus privilégios, foi aprovado o Bill Aberdeen, que permitia a Marinha da Grã-Bretanha atacar navios brasileiros que transportassem escravos. Mas a lei que determinou realmente o fim do tráfico de escravos para o Brasil foi promulgada pelo Ministro da Justiça Eusébio de Queirós, em 4 de setembro de 1850, e ficou conhecida pelo seu nome. O contrabando terminou, portanto, apenas quando o Brasil assim quis, apesar da pressão de outros países (SILVA, 2013, p.26). Entretanto, o tráfico interno perduraria ainda durante algum tempo.

À Lei Eusébio de Queirós se seguiu a Lei do Ventre Livre, em 1871, que declarava livres os filhos de mulheres escravas nascidos após o decreto, mas que ficariam “em poder dos senhores de suas mães até a idade de oito anos” (FAUSTO, 2001, p.121). Após isto, os senhores podiam escolher entre usar seus serviços até os vinte e um anos ou ser indenizado pelo Estado. Por fim, em 1888, através da Lei Áurea, assinada pela maioria do parlamento e promulgada pela princesa Isabel, em 13 de maio, chegava ao fim a escravidão no Brasil.

### **3.1 A escravidão em *Nação Crioula***

Em *Nação Crioula*, Fradique Mendes se depara com a escravidão e este tipo de comércio entre Angola e Brasil, assim como entra em contato com escravos, escravistas e também com aqueles que pretendiam acabar com o tráfico, especialmente quando se encontra em terras brasileiras. A personagem acompanha e denuncia esta realidade através de sua correspondência, seja para sua madrinha Madame de Jouarre ou seu amigo Eça de Queirós.

Enquanto permanece em Angola, o protagonista conhece personagens que, de alguma maneira, carregavam esta marca em suas histórias. Entretanto, neste caso, Fradique Mendes se atém às suas observações, este é seu primeiro contato “real” com esta situação, por meio de sua inserção em meio à sociedade angolana.

São em cartas enviadas à Madame de Jouarre que suas observações tomam tom mais confessional, enquanto as missivas a Eça de Queirós seguem uma linha de denúncia, especialmente quando já se encontra em terras brasileiras, uma vez que a única carta enviada ao “escritor” português, de Angola (Benguela, maio de 1872), trata de outro assunto, relativo ao fazer literatura. Por outro lado, após terem se instalado no Brasil, quando adquire uma fazenda, Fradique Mendes entra em contato com outra face desta situação, na qual senhores de engenho produzem sua riqueza através do trabalho escravo de africanos que, retirados de suas terras natais, são vendidos como mercadoria e enfrentam uma realidade oposta às suas antigas vidas. Em terras brasileiras, Fradique Mendes opta por não apenas observar e denunciar, mas decide também tomar partido da causa antiescravista, é em contato com Eça de Queirós que o protagonista descreve a situação dos escravos e pede auxílio para sua revolução.

José Eduardo Agualusa se utiliza de fatos históricos como pano de fundo para desenvolver sua narrativa. Há nas cartas de Fradique Mendes, alusões à tentativa britânica de cessar o tráfico transatlântico de escravos, entre as costas africanas e americanas, às revoltas de escravos ocorridas no país, como a de 1835, na Bahia, por exemplo, assim como o lucro obtido pelos comerciantes de escravos com a diminuição do tráfico. Da mesma forma transpõe, para o romance, personagens que fazem referência a pessoas que, de alguma forma, estiveram relacionadas com este sistema, como Arcénio de Carpo, Luís Gama ou José do Patrocínio. Maria Nazareth Soares atenta para esta retomada que o autor faz destes fatos históricos, deste diálogo com a História destes três países com a Literatura.

Ainda que a todo momento seja reiterado o estatuto literário do romance e seu intencional vínculo com a criação de Eça de Queirós, o texto produz-se com deliberado diálogo com a História e, por esse motivo, as cartas fazem-se documentos de um período datado. Por elas, o leitor tem acesso à intimidade da sociedade luandense e, a partir da fuga de Fradique e Ana Olímpia para o Brasil, passa a conviver com episódios característicos da fase pré-abolicionista, no Rio de Janeiro, e com personagens do porte de José Patrocínio, Luiz Gama e outros ligados à história do país. (2001, p.260-261)

José Eduardo Agualusa dialoga com a obra de Eça de Queirós, ao retomar seu protagonista, assim como o faz com a História, ao coloca-lo frente a situações relacionadas à

escravidão, durante parte do século XIX. Da mesma forma o faz em relação às personagens, revisitando personalidades que estiveram de alguma forma relacionadas com este sistema, fossem elas a favor ou contra.

### 3.2 – Escravos e negreiros

Ao desembarcar em Luanda, Fradique Mendes é recebido por Arcénio de Carpo, a primeira figura relacionada à escravidão com quem o português terá contato durante sua viagem entre Angola e Brasil. Descrito pelo personagem como “um velho alto, leve, rosto estreito, nariz adunco e olhos redondos e brilhantes” (AGUALUSA, 2011, p.12), afirma ser um homem em “evidente evolução para ave”. Intitulava-se coronel, embora não fosse militar. Arcénio é uma destas personalidades que realmente existiram e que foram introduzidas por José Eduardo Agualusa para seu romance. Segundo Mário Antônio Fernandes de Oliveira (1997), Arcénio Pompílio Pompeu do Carpo foi um “madeirense de origem humilde”, mas também foi escritor, autor do livro *Dedo do Pigmeu*, de poesias, além de escravista. Assim como em *Nação Crioula* tinha um filho, Arcénio do Carpo, proprietário de um jornal, *O Futuro de Angola*. Ironicamente, o madeirense, anteriormente ator de teatro, era escravista ao mesmo tempo em que colaborava na luta contra a escravidão com o *Cruzeiro Britânico*. (1997, p.35).

No romance Fradique Mendes fica hospedado na residência de Arcénio durante sua passagem por Luanda. Em carta à sua madrinha Madame de Jouarre (Luanda, maio de 1868), o protagonista, além de apresentar a personagem e sua fama, de que na cidade “até o sol lhe obedece. Quase nada sucede na cidade sem a concordância do velho” (AGUALUSA, 2011, p.12), também faz outras observações em relação ao madeirense. Sua residência é descrita como tendo um amplo quintal ocupado com armazéns cheios de marfim, borracha e cera, além de habitações para escravos. Em relação aos itens encontrados nos armazéns da residência, segundo Tania Macêdo, inicialmente a cidade dependia de “três produtos importantes: escravos, marfim e cera” (2008, p.89). A exploração e exportação de matéria-prima eram características do regime colonial, assim como a prestação de serviços.

Fradique afirma que Arcénio de Carpo acreditava que, através do tráfico, estaria trabalhando para o crescimento do Brasil. A dependência de escravos no Brasil se devia,

conforme afirmava o madeirense, ao reduzido número de colonos europeus na colônia sul-americana e o seu envio evitaria um possível colapso na agricultura brasileira devido à falta de mão-de-obra. Segundo Alberto da Costa e Silva (2003), “como a crescente demanda de mão-de-obra servil não podia ser satisfeita pela via da natalidade, o Brasil necessitava da importação para renovar e ampliar a sua escravaria.” (p.157).

Arcênio de Carpo justificava, no romance, o tráfico de escravos como meio de desenvolvimento do Brasil, especialmente em relação à agricultura, uma vez que a população não conseguia suprir a necessidade de braços para este trabalho. Além disso, acreditava também que o movimento emancipador seria organizado por americanos e britânicos, com o intuito de impedir que a colônia portuguesa na América do Sul se consolidasse como uma nova potência:

A América inglesa está superpovoada. Todos os anos chegam milhões de agricultores europeus aos estados do interior. Assim é fácil ser humanista e gritar contra o tráfico. Mas o Brasil, onde o número de colonos europeus é muito reduzido, depende inteiramente dos escravos. Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso. Ao mesmo tempo a Inglaterra pretende arruinar as elites que amanhã poderiam governar Angola, e a prova de tal aleivosia é que a armada britânica não se limita a apresar e afundar os navios negreiros – tem feito o mesmo a embarcações carregadas com diversos gêneros de troca. (AGUALUSA, 2011, p.14)

Em relação a esta questão da tentativa britânica de tentar proibir o trânsito de escravos entre África e Brasil, Alberto da Costa e Silva afirma que

Nas primeiras décadas do século XIX, passaram de um extremo ao outro os interesses econômicos da Grã-Bretanha. De grande mercadora de escravos, transformara-se em advogada ardorosa e militante da abolição do tráfico. A própria existência da escravidão começava a contrariar seus novos objetivos políticos e econômicos, ditados pelo avanço da chamada Revolução Industrial. (2003, p.13).

O tráfico negro, embora tivesse sido parte importante no crescimento do capitalismo britânico, neste momento divergia de seus interesses, agora voltados não mais para um sistema colonial, mas para um mercado europeu e mundial aberto. Como forma de fortalecer sua posição comercial no continente africano, a Inglaterra defendia a apreensão de navios negreiros.

Segundo Fradique Mendes, o ódio que o coronel tinha dos ingleses se devia a um episódio em que o capitão do cruzeiro “Water-Witch” apreendeu um de seus navios negreiros,

o “Herói dos Mares”, carregado de escravos que seriam enviados para o Brasil, e o enviou para Serra Leoa. A venda de escravos era, portanto, uma das maneiras de obtenção de lucro de Arcénio de Carpo, junto da comercialização dos outros produtos que estocava em seus armazéns, como a cera e o marfim.

Além de Arcénio de Carpo, Fradique Mendes acaba por conhecer outro comerciante de escravos, Victorino Vaz de Caminha. O português, em carta enviada a Madame de Jouarre (Luanda, agosto de 1872) o descreve como

Um homem notável, nascido na Bahia mas que preferiu após a independência do Brasil continuar português em terras de Angola. Alto, magro, rosto comprido, uma barba longa e selvagem, muito branca, caindo-lhe pelo peito. (AGUALUSA, 2011, p.42)

Victorino Vaz era brasileiro e marido de Ana Olímpia, que havia sido sua escrava até completar quatorze anos. Passando dos sessenta anos e sem a expectativa de uma vida longa, devido aos efeitos causados pelas “águas de África e a forte cachaça do Brasil” (AGUALUSA, 2011, p.42) decidira viver para a sua esposa, segundo Fradique Mendes.

Assim como Arcénio de Carpo, Victorino havia conseguido sua fortuna através do comércio de escravos. Era proprietário de três navios negreiros, batizados ironicamente de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Para Fradique, o personagem era um “espírito excessivo e contraditório”, pois já havia presenciado o brasileiro “defender ao mesmo tempo e com igual fervor o escravismo e a revolução libertária” (AGUALUSA, 2011, p.42). E da mesma forma que ocorreu com o madeirense, sua fortuna o havia feito respeitado em Luanda: “Enquanto escravocrata fez uma grande fortuna, tornando-se muito respeitado no país. Enquanto anarquista assinou meia dúzia de panfletos anticlericais” (AGUALUSA, 2011, p.42). Victorino havia atravessado o Atlântico para buscar outra vida, neste caso, após a independência do Brasil.

Ainda com relação aos comerciantes de escravos, podemos encontrar no romance outro fato apresentado por José Eduardo Agualusa, relacionado às consequências da apreensão dos navios negreiros pela esquadra britânica. Como resultado, houve o aumento do valor pago por eles. “Durante o período da perseguição inglesa, o tráfico negreiro chegou até mesmo a aumentar. Os riscos do negócio ignóbil ampliavam os preços de venda dos escravos e incentivavam os ambiciosos” (SILVA, 2011, p.26). No romance isto aparece em carta de Fradique Mendes enviada à Madame de Jouarre (Olinda, dezembro de 1876), quando já se encontra no Brasil.. Recorda ele que, na noite que passaram em Novo Redondo, quando

Horácio Benvido promovia um festejo, viu chegar, ao meio da noite, com as mãos amarradas atrás das costas, um pequeno grupo de homens que logo foram soltos e liberados para se misturar com aqueles que festejavam, mas que durante a madrugada foram novamente reunidos e embarcados. Segundo o protagonista, o comandante do Nação Crioula, descrito como um homem sombrio, de olhos muito azuis e grossa barba ruiva, havia afirmado, apontando àquele grupo: “cada um deles é um hectare de boa terra que vou comprar no Sul do Brasil. Com o fim do tráfico trinta cabeças valem hoje tanto quanto trezentas há vinte anos atrás” (AGUALUSA, 1998, p.69). Mais tarde, após a chegada ao Brasil, tais escravos são rapidamente vendidos e encaminhados a fazendas ao Sul do país.

Através da história destas três personagens, Fradique Mendes apresenta e discute a questão do tráfico de escravos e os meios que recorriam para realiza-lo, assim como suas maneiras de justificar tal empreendimento, mesmo que, de certa forma, estes se mostrassem contraditórios, como é o caso de Arcénio de Carpo que defendia estar auxiliando no desenvolvimento do Brasil.

Fradique Mendes também apresenta, em suas cartas, personagens que se encontram do lado oposto deste sistema, como é o caso do velho Cornélio e, de certa forma, de Ana Olímpia, a jovem por quem o português se apaixona e que tem uma história marcada por reviravoltas durante todo o romance. Quando Fradique a conhece, a angolana estava casada com Victorino Vaz de Caminha, sendo herdeira de toda a fortuna do negreiro. Porém, sua vida, antes de se tornar esposa do brasileiro, havia sido muito diferente. Ela havia nascido escrava, embora seu pai fosse um príncipe congolês. Este havia sofrido uma emboscada das tropas portuguesas e quando foi preso teve as três esposas que o acompanhavam vendidas como escravas. Victorino comprou uma, que estava grávida, e quatorze anos mais tarde casou-se com a filha, Ana Olímpia.

A educação que Victorino lhe proporcionou a fez, segundo Fradique, “lúcida, forte e com opiniões, enfim, uma mulher como é difícil encontrar um homem” (AGUALUSA, 2011, p.44). Anos mais tarde, após a morte de seu marido, afogado quando sua embarcação naufragou, Ana Olímpia tornou-se uma das pessoas mais ricas de Angola. Entretanto a angolana volta à posição de escrava, mais uma vez, quando Jesuíno, seu cunhado, se apropria de tudo que a pertence

Aconteceu como num pesadelo. No dia 26 de maio de 1876 eu era uma das pessoas mais ricas e respeitadas de Angola. Possuía propriedades na cidade e nos musseques, arimos, bois, grande número de serviçais. O governador

recebia-me no Palácio, quase todas as semanas, para discutir questões ligadas ao comércio e à administração da província; presidia a várias comissões, tinha uma cadeira alugada no Teatro da Providência. E no dia seguinte um aventureiro entrou em minha casa acompanhado pelo chefe da polícia (meu amigo), esbofeteou-me, e eu soube que era sua escrava. (AGUALUSA, 2011, p.192)

Jesuíno havia se aproveitado do fato da angolana, por esquecimento de seu marido ou mesmo pela maneira que havia morrido, não ter recebido sua carta de alforria. Em carta a madame de Jouarre, Fradique Mendes menciona que o decreto que extinguiu a escravidão na África de nada serviu para garantir sua liberdade:

Nem um generoso decreto do Marquês de Sá da Bandeira, que há oito anos determinou a abolição da escravatura em todas as colônias e a passagem dos escravos à condição de libertos, serviu de defesa a Ana Olímpia, considerando o tribunal que exatamente por ser liberta (!) devia ela prestar serviço ao seu senhor por mais seis anos, só então alcançando a condição de mulher livre. (AGUALUSA, 2011, p.58)

Ana Olímpia só retorna a liberdade após ser resgatada pelo jovem Arcénio de Carpo, que a retira da propriedade de Gabriela Santamarinha e organiza a fuga, primeiro a cavalo até o largo de Novo Redondo e de lá até o Brasil a bordo do navio negreiro Nação Crioula.

Situação diferente da vivida por Ana Olímpia, que alterna durante o romance a posição de escrava, está o velho Cornélio. Após chegar ao Brasil, Fradique Mendes visita, a convite de seu amigo Alexandre, uma fazenda em Engenho Cajaíba que acaba por adquirir. Em carta enviada a Eça de Queirós (Engenho Cajaíba, março de 1877), fala sobre a aquisição e faz uma breve descrição da propriedade

Comprei uma fazenda! Vinte mil hectares de boa terra no Recôncavo Baiano, a uns duzentos quilômetros de São Salvador, com todos os seus cento e cinquenta escravos, um rico solar, sanzala (ou senzala, como aqui lhe chamam), enfermaria, terreiro ladrilhado, duas máquinas a vapor, uma turbina, uma máquina de fazer fubá e outra de cevar mandioca, caldeiras e prensas, alambiques, tonéis e demais utensílios para a fabricação de açúcar. (AGUALUSA, 2011, p.105)

Em meio aos cento e cinquenta escravos que habitavam a fazenda, havia um em especial, um velho chamado Cornélio, que lhe desperta interesse devido à sua história. Vindo embarcado da costa da Nigéria em 1828, entre outros duzentos escravos, o hauçá assegurava ter sido o único sobrevivente deste carregamento, acometido de um surto de doença que atingira o navio:

Conta ele que dois dias depois do embarque todos os escravos começaram a morrer de uma estranha e horrível moléstia, uma espécie de lepra fulminante,

que no espaço de horas abria feridas por todo o corpo, apodrecia os membros, levava os homens à loucura (AGUALUSA, 2011, p.107).

Durante sua viagem, o escravo havia presenciado situações horríveis, como o sofrimento de todos aqueles que haviam contraído a doença, que eram atirados ao mar, fossem escravos ou marinheiros. Ele, então, quando conseguiu sair com vida, “teve certeza de que era imune a morte” (AGUALUSA, 2011, p.108).

José Eduardo Agualusa retoma outro fato relacionado à escravidão no Brasil, as revoltas de escravos que por aqui ocorriam, e o insere junto à história de Cornélio. Segundo Fradique Mendes, tais revoltas ocorriam “à boa maneira portuguesa” (AGUALUSA, 2011, p.106), sendo pequenos conflitos rapidamente resolvidos, que resultavam em um ou outro fazendeiro esfaqueado. Ainda de acordo com o protagonista, tais conflitos falharam devido ao fato de os africanos terem de confrontar, além da força dos brancos, a desconfiança dos negros crioulos que, nascidos aqui, tinham a escravidão como única forma de vida conhecida e o Brasil sua verdadeira pátria. Cornélio, afirma Fradique, havia participado em todas as revoltas de escravos ocorridas em Salvador e havia sobrevivido a diversos tipos de castigo antes de chegar à fazenda, fossem por meio do açoite ou do chicote, acorrentado em uma cela alagada pelo pescoço ou pendurado, de cabeça para baixo, exposto ao sol. Em uma dessas revoltas, ocorrida na Bahia em 1835, pretendiam queimar as imagens dos santos católicos, degolar os brancos e levar para África, como escravos, os mestiços e crioulos aqui nascidos,

No romance, Fradique Mendes observa e descreve a atuação daqueles que se utilizaram do comércio de escravos para conseguir sua fortuna em terras angolanas, assim como dos que sofreram com a escravidão. Hospedado na residência de Arcénio de Carpo, vai tomando conhecimento em relação ao funcionamento e estrutura do sistema escravista, dos discursos empregados para justificá-lo, no caso dos que defendiam sua continuidade, ou dos que argumentavam a favor de seu fim. Fica claro através de sua correspondência o fato de discordar de tal sistema. Podemos notar isto, na primeira carta do romance, quando afirma a madame de Jouarre que o velho madeirense havia enriquecido “comprando e vendendo *a triste humanidade*” (AGUALUSA, 2011, p.14 – grifo nosso). O protagonista também exprime sua opinião contrária em outra carta (Carta a Madame de Jouarre, Luanda, setembro de 1876), quando volta à Luanda, ao saber da situação em que se encontrava Ana Olímpia. Ao relatar que Jesuíno tentava encontrar meios para que o coronel, que o havia recebido e hospedado na primeira vez que viajou a Luanda, fosse preso e degredado para a ilha de São Tomé, afirma a sua madrinha: “É claro que Arcénio de Carpo já deveria ter sido preso e degredado há muito

tempo” (AGUALUSA, 2011, p.62). Há, ainda, outro momento no qual tal fato fica claro, que se dá durante a fuga para o Brasil. Ao saber que a travessia seria feita em uma embarcação que traficava escravos “Olhei-o perplexo. Um navio negreiro? Disse-lhe que não contasse comigo.” (AGUALUSA, 2011, p.76). Este posicionamento pode nos recordar o humanismo e a bondade da personagem queirosiana, um “homem todo de paixão, de ação, de tenaz labor” (QUEIRÓS, 2013, p.88), segundo o narrador de *A Correspondência de Fradique Mendes*, embora não fosse um “santo militante”, característica que, em sua releitura pelo autor angolano, é colocada a prova quando afeta a mulher que amava.

O personagem também demonstra, durante o romance, algumas atitudes em favor daqueles que haviam sido transformados em mercadoria, como quando um grupo oferece, na última noite em que passam em Angola, um garoto escravo para que comprassem. Inicialmente Fradique recusa, indignado, tal oferta, antes de saber, por meio de Arcénio, que ele poderia ser morto se não fosse vendido, então decidem leva-lo junto. Durante a viagem para o Brasil, a personagem novamente atua a favor dos escravos, ao solicitar ao comandante do Nação Crioula que liberasse os escravos, que se encontravam nos porões da embarcação, para subir ao tombadilho de modo que pudessem se exercitar e tomar sol. Mas é quando se encontra no Brasil que o português assume sua posição em relação à causa antiescravista, o que o diferencia, portanto, do Fradique de Eça de Queirós, tão humano quanto o de José Eduardo Agualusa, mas menos disposto à tomada de atitudes. Isto fica mais claro quando decide libertar todos os escravos que viviam em sua fazenda, como descreve em correspondência enviada a Eça de Queirós (Engenho Cajaíba, maio de 1877)

Houve a semana passada grande festa na minha propriedade. Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores do engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora, que trouxe a São Francisco do Conde algumas das maiores figuras do crescente movimento social contra a escravatura. (AGUALUSA, 2011, p.115)

Nesta carta Fradique comenta sobre as festividades e os convidados. Entre aqueles que compareceram, vindos de variadas localidades, como Rio de Janeiro, Salvador ou Pernambuco estavam presentes duas figuras importantes no movimento que lutava a favor do fim do regime escravista, José do Patrocínio e Luís Gama. O primeiro, jornalista, descrito pelo português como terror dos senhores de engenho, era filho de um padre escravocrata e fazendeiro com uma negra crioula que vendia frutas. Junto dele, viera um advogado, Luís Gama, filho de uma negra livre e um fidalgo português, que foi vendido pelo pai, ainda

criança, mesmo sendo portador do direito de liberdade. Novamente José Eduardo Agualusa se utiliza de figuras reais para construir suas personagens. José do Patrocínio (1854 – 1905)

[...] era filho de uma negra quitandeira e do vigário local [...] Iniciou sua carreira jornalística em 1877, quando ingressou na *Gazeta de Notícias*. Com a morte de Ferreira de Meneses, diretor-proprietário da *Gazeta da Tarde*, adquiriu este jornal [...] ali iniciando em 1881 a campanha abolicionista da qual seria um dos maiores vultos (BANDECCHI, 1970, p.455).

Assim como ele, Luís Gama (1830 – 1882) era

filho de uma africana, Luísa Mahin, e um branco da sociedade baiana (jogador, que o vendeu a mercadores de escravos quando ele tinha 9 anos de idade), foi levado ao Rio de Janeiro e depois São Paulo, onde aos 17 anos obteve alforria. [...] jornalista, advogado, provisionado, poeta satírico e orador, fêz da abolição da escravatura o principal objetivo de sua vida”(BANDECCHI, 1970, p.293)

Em *Nação Crioula* ambos são transformados em personagens, defensores do fim da escravidão, com os quais Fradique Mendes passa a ter contato quando adquire sua propriedade. Devido a este fato, Fradique havia desagradado aqueles que eram a favor da continuidade do sistema, como Frutuoso Vicente, conhecido como Barão do Rio das Contas, que o visitou acompanhado de Alexandre Gomes, o mesmo que havia convidado o protagonista a conhecer a fazenda que agora era sua propriedade, com o intuito de alertar o personagem em relação à imprudência, segundo eles, de organizar uma festa que tinha contado com a presença de “um grupo de perigosos anarquistas” (AGUALUSA, 2011, p.119) e da decisão de conceder a liberdade aos escravos. É a partir deste momento que Fradique Mendes assume com firmeza sua posição.

[...] fiquei a vê-los embarcar na certeza de que tinha assinado com aquele episódio uma declaração de guerra. Percebi no mesmo instante que acabara de fazer a minha *opção de classe* (Santo Antero, o nosso querido poeta, gostaria desta expressão. Ou seja, parece-me que encontrei neste país uma nova causa com que entreter o espírito e afastar o ócio. (AGUALUSA, 2011, p.121)

A nova causa a que Fradique passaria a se dedicar o levaria a sofrer uma tentativa de assassinato, por meio de um procurador de Cristo, quando se deslocava de Niterói ao Rio de Janeiro. O português pretendia seguir para a Europa, iniciando a viagem por Lisboa, passando por Paris e Londres. Tinha por objetivo, como confessa em correspondência ao amigo Eça de Queirós (Rio de Janeiro, junho de 1877), além de se encontrar com amigos e tratar de seus negócios, conseguir apoio entre governos e instituições europeias a favor da causa antiescravagista.

No romance, podemos acompanhar toda a capacidade de observação de Fradique Mendes, a forma detalhista como descrevia em sua correspondência os locais que visitava, seu povo e costumes, assim como a situação da escravidão, através de sua “percepção extraordinária da sociedade”, característica que o narrador de *A Correspondência de Fradique Mendes* havia definido como sua “suprema qualidade intelectual” (QUEIRÓS, 2013, p.65) e que José Eduardo Agualusa mantém em sua releitura da personagem. O protagonista analisa o sistema escravista e se posiciona contra ele, denunciando a seus destinatários, especialmente Eça de Queirós, a crueldade imposta a aqueles que são vítimas deste regime. E, uma vez que a mulher que amava acaba se tornando uma destas vítimas, decide agir e atuar contra, uma vez que “amar Ana Olímpia significa envolver-se com sua história que é também a história do tráfico de escravos e das rotas traçadas pelos navios negreiros que cruzaram o Atlântico Negro” (FONSECA, 2001, p.260). É a história da jovem angolana que atua para que Fradique faça sua “opção de classe”, deixando de ser aquele que apenas observa para se tornar uma voz ativa contra a escravidão.

### 3.3 – O espaço em *Nação Crioula*

Em *Nação Crioula* acompanhamos o lado aventureiro de Fradique Mendes, em suas viagens pelo Atlântico entre África, América e Europa, durante os vinte anos em que decorre a narrativa. Segundo afirma Ana Sílvia Scott “falar de portugueses é falar de movimento” (2010, p.91), ao se referir ao pioneirismo das grandes navegações, o que permitiu a construção do império que envolvia, além de América do Sul e África, a Ásia. E tal afirmação certamente cabe a personagem principal do romance, afeito as viagens. Esta necessidade de estar em movimento é característica conhecida da personagem queirosiana, que José Eduardo Agualusa mantém em sua releitura de Fradique Mendes. No romance de Eça de Queirós, o narrador da primeira parte nos fala sobre o interesse da personagem pelas viagens e a forma com que ele as empreendia, segundo nos conta, se diferenciando do viajante comum

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino era a sua rápida e carinhosa simpatia por todos os povos. Nunca visitou países à maneira do detestável *touriste* francês, para notar de alto e pecamente “os defeitos” – isto é, as divergências desse tipo de civilização mediano e genérico donde saía e que preferia. (QUEIRÓS, 2013, p.72).

Tais viagens, para Fradique Mendes, afirma utilizando-se de ironia o narrador, eram mais do que simples turismo em outras localidades, eram um meio de estar em contato com outros povos e costumes, descobrir novas culturas.

Fradique amava logo os costumes, os preconceitos dos homens que o cercavam; e, fundindo-se com eles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição direta e viva de cada sociedade em que mergulhava. Este eficaz preceito – em Roma sê romano – tão fácil e doce de cumprir em Roma, entre as vinhas da colina Célia e as águas sussurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o ele gostosamente trilhando com alpercatas rotas os desfiladeiros do Himalaia. (QUEIRÓS, 2013, p.72)

No romance angolano o autor retoma esta característica de Fradique Mendes, este espírito aventureiro, que o havia levado também ao Saara ou a Sibéria, para construir sua narrativa acerca de sua passagem pelo continente africano, onde conhece Ana Olímpia e se depara com realidades e culturas diferentes. E o mar foi o meio que possibilitou a personagem transitar entre os três continentes onde se desenvolve a sua história. Tania Macêdo observa a importância do mar para os portugueses, que haviam sido os pioneiros das grandes navegações

O mar foi, sem dúvida, a estrada líquida pela qual Portugal avançou rumo à aquisição de um espaço privilegiado entre as nações europeias do século XV, na medida em que os caminhos abertos pelas caravelas – repletas de sonhos de “dilatar a Fé e o Império” – acabaram por se transformar em rotas de conquista, expandindo os horizontes europeus por novos portos, novas terras. (2008, p.69).

O mar é um dos espaços pelos quais transitam as personagens no romance. É aquele que apresenta a possibilidade de uma nova vida, de um recomeço, mas que também serviu como meio de enriquecimento através do comércio de seres humanos, o único meio disponível para realizar tais viagens em pleno século XIX.

Roland Bourneuf observa a importância do espaço no romance, uma vez que “longe de ser indiferente, o espaço num romance exprime-se, pois, em formas e reveste sentidos múltiplos até constituir por vezes a razão de ser da obra”. (1976, p.131). Assim como os outros elementos que constituem a obra, o espaço pode ter grande importância para seu desenvolvimento, que não seja apenas a função de situar as personagens. Ainda segundo o autor, as narrativas podem variar quanto ao espaço presente, indo desde um ponto fixo durante toda sua extensão até não ter limites que não apenas a imaginação do autor.

Se procurarmos a frequência, o ritmo, a ordem e sobretudo a razão das mudanças de lugares num romance, descobrimos a que ponto eles são importantes para assegurar à narrativa simultaneamente a sua unidade e o seu movimento, e quanto o espaço é solidário dos outros elementos constitutivos. (1976, p.135)

Em *Nação Crioula* o espaço não se restringe a um único ponto, o protagonista viaja constantemente e a história se desenvolve, de certa forma, no deslocamento a que ele e as demais personagens se entregam, mesmo que a travessia de Angola para o Brasil não seja algo realizado à maneira como acostumadamente faria o protagonista, mas ocorre devido a uma necessidade.

Para o autor, “a viagem está ligada estreitamente à noção de mudança de terra, capital no romance em geral. As personagens que partem [...] vão à conquista do poder, da paixão, da felicidade; as que vagueiam – do René de Chateaubriand ao Perken de Malraux – procuram extinguir ou satisfazer alguma paixão devoradora.” (BOURNEUF, 1976, p.167-168).

No Brasil, Osman Lins em seu livro *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) apresenta um estudo acerca deste elemento e a função que desempenha na narrativa, que ele define como um “breve introdução teórica” e que compreende três capítulos. O autor atenta, em relação ao fato de que embora a narrativa seja “um objeto composto e inextricável” (p.63), há a possibilidade de se isolar seus elementos para estudá-lo, mas sempre em relação aos demais, no qual

[...] o espaço, no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para o zero [...] (1976, p.72)

Outro aspecto a ressaltar é que o autor observa que o “estudo do tempo ou do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a esse universo romanesco e não ao mundo. Vemo-nos ante um espaço ou um tempo inventados, ficcionais, reflexos criados do mundo e que não raro subvertem – ou enriquecem, ou fazem explodir – nossa visão das coisas” (1976, p.64). Devemos considerar, portanto, que o espaço a que se refere *Nação Crioula*, embora ligado a lugares, personagens e fatos históricos, estes são uma representação da realidade, uma ficção.

O autor ainda diferencia os termos espaço e ambientação

Por ambientação entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos em conta nossa concepção de mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa. (1976, p.77).

Poderíamos pensar o espaço, então, como parte da ambientação. Antônio Dimas, em relação a esta diferenciação, comenta que isto exige do leitor “perspicácia e familiaridade para que o espaço puro e simples (o quarto, a sala, a rua, o barzinho, a caverna, o armário etc.) seja entrevistado em um quadro de significados mais complexos, participantes estes da ambientação.” (1985, p.20).

Mas um aspecto, em especial, interessa em relação a este estudo desenvolvido por Osman Lins em relação ao espaço no romance, sua funcionalidade

Não se pode, a rigor, estudar isoladamente a funcionalidade de um elemento espacial (como também de uma personagem, de uma estrutura temporal etc.). Deve-se mesmo admitir a hipótese, digamos, de o espaço ser perfeitamente funcional em determinada sequência e esta sequência mesma constituir um corpo estranho no conjunto da obra. (1976, p.95)

Este aspecto é discutido por Osman Lins e diz respeito às funções, quando se trata do tema do espaço e da ambientação. Acena para a importância de sua função caracterizadora, que pode nos apresentar informações em relação ao personagem antes mesmo de acompanhar suas ações. Segundo o autor, “o espaço caracterizador é em geral restrito – um quarto, uma casa -, refletido, na escolha dos objetos, o modo de ser da personagem” (1976, p.98).

Em *Nação Crioula* há, logo na primeira correspondência, a descrição do solar colonial em que vive Arcênio de Carpo. Os detalhes observados por Fradique Mendes nos dão algumas dicas sobre o coronel, especialmente quando se trata do amplo quintal

[...] largo e fecundo, que está em parte ocupado com as habitações dos escravos e com armazéns cheios de marfim, de borracha e de cera. Presas aos altos muros veem-se cadeias de ferro e no centro do pátio existe mesmo um pelourinho que o coronel garante nunca ter utilizado. (AGUALUSA, 2011, p.14)

Estes objetos, como as cadeias de ferro ou pelourinho, antecipam a revelação feita pelo português logo a seguir, de que Arcênio era um negreiro e que utilizava aquele local como passagem para os negros que trazidos do interior e que seriam enviados para o Brasil.

Há, por outro lado, segundo Osman Lins, o espaço que influencia a personagem, levando-a a uma tomada de ação. Neste caso, sua função caracterizadora é “quase sempre limitada e a influência que exerce restringe-se por vezes ao psicológico” (1976, p.99). Este tipo de espaço leva a personagem transformar a pressão que o espaço exerce sobre si em ação. O autor ainda faz uma distinção entre duas possibilidades que se apresentam, os casos em que o espaço *provoca a ação* e em que *a propicia*. No primeiro caso, quando provoca a ação, normalmente o espaço está relacionado com algo imprevisto ou uma surpresa, enquanto o espaço que propicia a ação está quase sempre relacionado ao adiamento, a algo já esperado que se torna possível na narrativa.

No romance angolano o espaço exerce, de certa maneira, influência sobre as personagens. Ana Olímpia, por exemplo, se vê obrigada a fugir de Angola para recuperar sua liberdade. Caso diferente do de Fradique, que justifica suas viagens afirmando ter sido “nômada a vida inteira” (AGUALUSA, 2011, p.50), para a jovem, optar por permanecer em Luanda possivelmente a faria tornar à posição de escrava, uma vez que seu cunhado Jesuíno havia conseguido alguma influência na cidade, inclusive conseguindo se apossar de toda a fortuna e bens que o marido, Victorino, havia deixado para ela. O próprio tribunal a condenara a servir, durante mais seis anos, como forma de se ver novamente livre. Ana Olímpia encontra no Brasil, como opção apresentada pelo jovem Arcénio de Carpo, um lugar para se recuperar, fugir daquele espaço que, a partir da chegada de Jesuíno, se tornara opressor. Em carta enviada à Madame de Jouarre (Olinda, dezembro de 1876), Fradique descreve a chegada ao Brasil e sua estadia no palacete colonial de Arcénio, onde observa Ana Olímpia a cantarolar pelos jardins, enquanto tentam se recuperar e superar os acontecimentos passados. Mas, segundo ele, a voz da angolana lhe parecia “espantosa, carregada de sombras e ao mesmo tempo clara e quente como se fosse feita de lume líquido” (AGUALUSA, 2011, p.92). A angolana, aos poucos, se recuperava em terras brasileiras do sofrimento que havia enfrentado em Luanda.

Porto seguro para Fradique Mendes e Ana Olímpia, onde o português adquire uma fazenda com o intuito de servir de abrigo, o Brasil, por outro lado, não tem o mesmo significado para os escravos trazidos da África. O caso do velho Cornélio, descrito pelo protagonista, nos servirá para exemplificar tal afirmação. Embarcado na costa da Nigéria, o hauçá fora enviado para a América do Sul como escravo. Sua presença, em terras brasileiras, representa a perda de sua liberdade. Na tentativa de recuperá-la participa de rebeliões e acaba por sofrer diversos tipos de castigo.

A posição de Cornélio se mostra inversa a de Ana Olímpia. Assim acontece também com os outros escravos, de acordo com o que somos informados pelas observações feitas por Fradique. Neste caso, temos o ponto de vista do personagem em relação aos escravos que por aqui se encontram. Há dois exemplos interessantes apresentados pelo português (carta a Eça de Queirós, Engenho Cajaíba, março de 1877), os moçambicanos e os trazidos do Gabão. No primeiro caso, ele os define como “uma pobre e feia raça de seres languídos, preguiçosos e propensos à melancolia” (AGUALUSA, 2011, p.109). Da mesma forma, os enviados do Gabão sofrem com a saudade da África, levando isso ao extremo, ao ato de cometer suicídio por deixar de se alimentar ou mesmo por ingerir grandes quantidades de terra. Para os escravos o Brasil seria, portanto, um espaço que oprime, marcado pela ausência da liberdade que, na maioria das vezes, seria possibilitada através das rebeliões, como as que participou Cornélio nas quais estes haviam de enfrentar, além da força dos brancos, “a desconfiança dos negros já nascidos no país, os negros crioulos, para os quais o Brasil é a verdadeira pátria e a vida em escravidão, a única existência que conhecem.” (AGUALUSA, 2011, p.107). Outra opção seria comprar sua carta de alforria, para os escravos de ganho, como observa Fradique, o que era conseguido por eles após vinte ou vinte e cinco anos de trabalho.

Cornélio acaba por conseguir sua liberdade quando Fradique Mendes decide alforriar todos os escravos de sua fazenda, optando por contratá-los por valores iguais aos recebidos pelos colonos europeus no Sul, garantindo-lhes educação para os filhos e saúde para todos. O velho escravo, ao contrário dos demais, decide não ficar, pretende voltar a sua terra natal, partindo, como ele mesmo afirma a Ana Olímpia, à procura de si. Tal retorno, entretanto, não se realiza. Em viagem para a Europa, Fradique encontra a cabeça de Cornélio dentro de uma mala que havia sido trocada pela sua. Segundo o português, esta era a forma com que os favoráveis à continuidade do regime escravista tentavam lhe amedrontar. Este, então, lança a cabeça do velho escravo ao mar.

Lancei a cabeça de Cornélio ao mar. Foi numa noite baixa, sem lua, ao largo das ilhas de Cabo Verde. Iemanjá, as quiandas, todas as poderosas divindades das águas quentes de África hão-de acompanhar o seu espírito de volta à terra dos hauçás. (AGUALUSA, 2011, p.133).

Nas palavras de Fradique o mar é o espaço onde Cornélio iria encontrar o caminho de regresso para sua terra natal. Havia sido, também, o meio que permitiu ao protagonista e a Ana Olímpia deixar Luanda para se livrar da perseguição de Jesuíno, em busca de sua liberdade. A angolana trata deste espaço em carta enviada ao personagem Eça de Queirós, na

última correspondência do romance (Luanda, agosto de 1900), já após a morte de seu companheiro e o nascimento de sua filha, Sophia. A angolana recorda ter ouvido de um velho que conhecera no navio Nação Crioula, durante a vinda para o Brasil, e que afirmava ter conhecido seu pai, que o mar, na sua língua e em quase todas as da África Ocidental, tem o mesmo nome que a morte, Calunga. Enfrentar a travessia pelo mar seria, portanto, algo como renascer.

Para a maior parte dos escravos, portanto, aquela jornada era uma passagem através da morte. A vida que deixavam em África era a Vida: a que encontravam na América ou no Brasil, um renascimento. (AGUALUSA, 2011, p.199)

O mar que, segundo Ana Olímpia, poderia significar a morte e a vida, o renascer, representa no romance, também, a mudança, a possibilidade de outra vida e de novas experiências. Representa a liberdade para a jovem e lhe oferece a oportunidade de um futuro diferente, do qual Sophia é o fruto, assim como a mudança de uma vida de liberdade para a sua perda, como no caso dos escravos enviados para a América.

### 3.4 – Trânsitos e valores

O mar também fora, afirma Alberto da Costa e Silva, espaço para as trocas entre Brasil e África. Segundo o autor, estas se deram “nas duas direções, e a cada um dos lados do Atlântico não era de todo desconhecido e indiferente o que se passava no outro.” (2003, p.54). Exemplo disto foi o impacto gerado em Angola pela notícia da Independência do Brasil, uma vez que os contatos entre os dois continentes eram constantes. Além da troca de mercadorias, entre elas o escravo, havia também a influência da cultura africana, inserida em terras brasileiras pelo contingente de pessoas oriundas das colônias portuguesas na África.

Em *Nação Crioula* o tráfico de escravos, como tinha afirmado Arcénio de Carpo para Fradique Mendes, ajudava no crescimento do Brasil, a agricultura dependia de sua mão de obra uma vez que havia poucos colonos europeus nas lavouras brasileiras. O protagonista, em carta a Eça de Queirós (Engenho Cajaíba, março de 1877), retoma esta observação do madeirense em relação ao trabalho desenvolvido pelos negros em terras brasileiras, ao descrever a situação dos escravos na antiga colônia sul americana, quando faz uma

comparação entre o ofício de carregador de pianos, exercido normalmente pelos nascidos na Costa da Mina, e a sua importância em relação ao desenvolvimento do país:

O ofício de carregador é aliás o mais comum entre os chamados escravos de ganho. São estes que carregam as cadeirinhas, as mercadorias, a pedra para as construções. Enfim, do norte ao sul, ou, como aqui se diz, do Oiapoque ao Chuí, os negros carregam o Brasil. Nas cidades nada se move sem eles, nada se faz ou constrói, e nos campos coisa alguma se cultiva sem sua força. (AGUALUSA, 2011, p.110)

Este constante trânsito entre os dois continentes proporcionava, com a vinda de trabalhadores, a introdução de seus costumes e valores em terras brasileiras. Alberto da Costa e Silva, em relação a isto, observa que “a importação continuada de escravos fazia com que a África reinjetasse permanentemente a sua gente e, com elas, os seus valores no Brasil.” (2003, p.158). Além do trabalho, os negros vindos da África traziam, junto de si, costumes, tradições e crenças que acabaram por se integrar, com o tempo, na sociedade e na cultura brasileiras. Um exemplo disto Fradique Mendes apresenta ao se referir às festividades, quando descreve as congadas ou cucumbis (carta a Eça de Queirós, março de 1877). Segundo o português, o evento atraía uma grande multidão de negros, que faziam uma representação da Corte do Congo e todos os seus personagens, em que dançavam e cantavam misturando o português e um idioma originalmente africano. Eles utilizavam vestimentas adornadas de penas e colares, ao mesmo tempo em que usavam botinas, manto, cetro e coroa. Estas festividades se realizavam nas proximidades de uma igreja de negros. A representação, afirma Fradique, narrava a morte do filho mais novo da Rainha, que se utilizava dos serviços de um feiticeiro para tentar revive-lo. O protagonista compara a peça aos autos de Natal representados em Portugal, que retratavam a história da vida de Jesus Cristo, seu nascimento, morte e ressurreição.

Para Alberto da Costa e Silva, o africano “justapôs ou sobrepôs as suas formas culturais às que provinham da Europa” (2003, p.163), através da dança, da culinária e da música, mas também se apropriou delas, como no caso das orquestras de escravos que tocavam pelo Brasil. Entretanto o autor observa que a mescla dos valores africanos, em terras brasileiras, com os europeus e ameríndios havia sido o mais comum. Isto se deu em relação tanto a organização familiar, quanto ao compadrio ou nas roupas, por exemplo. (2003, p.163). Afirma, ainda, a ação civilizadora do africano no Brasil, “o livre, o liberto, mas sobretudo o escravo” (2003, p.164). Por fim recupera uma frase dita por Bernardo Pereira de Vasconcelos,

no ano de 1843, que afirmara, de acordo com o autor, no Senado: “A África civiliza o Brasil” (2003, p.164).

Em *Nação Crioula*, Fradique Mendes apresenta Manuel Querino (carta a Madame de Jouarre, outubro de 1878), que havia conhecido durante festa organizada em comemoração ao nascimento de sua filha com Ana Olímpia, Sophia. Junto de personagens importantes na luta contra a continuidade do regime escravista, tais como José do Patrocínio, Luís Gama ou André Rebouças, teria vindo de uma cidade próxima, o baiano, que ele considerava ser o primeiro historiador do Brasil a demonstrar interesse pela história dos africanos trazidos como escravos. De acordo com o português, Manuel Querino estudava há muito tempo “os rituais, as festas, as artes e a culinária dos negros” (AGUALUSA, 2011, p.156). O historiador, afirma Fradique, acreditava que a originalidade do Brasil, sua nacionalidade, seria resultado da influência dos escravos africanos, assim como da mestiçagem, e que seu povo, estaria destinado a dominar o Brasil.

No romance, o português também faz observações em relação ao trânsito entre Angola e Brasil, a situação dos escravos antes do embarque no negreiro *Nação Crioula*, a travessia feita, por eles, dentro dos porões do navio, sua chegada e desembarque, assim como o direcionamento para as fazendas do Sul do país e os valores e crenças que, com o passar do tempo e com o contato com outros indivíduos, escravos ou não, vão sendo inseridos na sociedade. Assume, no Brasil, a luta contra o sistema escravagista. Suas atitudes demonstram total negação a este regime, desde suas afirmações em relação ao assunto até as atitudes tomadas, como acompanhamos quando pede ao comandante do navio para que permita aos escravos subir ao tombadilho para tomar sol, ao libertar seus escravos e contrata-los ou ao discordar do Barão Frutuoso Vicente, que lhe rendera uma tentativa de assassinato. Discute também a contribuição do negro para o desenvolvimento do país, através do trabalho nas lavouras e da sua cultura. Afirma, em carta para Eça de Queirós (Engenho Cajaíba, outubro de 1878) que o fim da escravidão no Brasil se dará por meio dos filhos dos escravocratas, uma vez que a juventude despertou para a verdadeira face desumana deste tipo de sistema, defendido pelos seus pais que acreditavam este “ser eterno (e abençoado pelo criador)” (AGUALUSA, 2011, p.158). Porém, seu pensamento difere de Manuel Querino, uma vez que acredita na continuidade dos costumes e tradições trazidos pelos africanos para terras brasileiras, mas não no domínio da terra pelos africanos que aqui viviam e nos negros aqui nascidos:

O que ele ainda não compreendeu é que com o fim do tráfico negreiro, e em consequência do constante aumento do número de colonos europeus e da mistura de sangues, este país ficará inteiramente branco dentro de quatro ou cinco gerações. Assim, a abolição da escravidão há-de assinalar também o princípio do fim do homem negro no Brasil. Permanecerão talvez as danças, e veremos senhoras de pele branca a praticar a umbigada nas rodas do batuque; hão-de continuar os velhos deuses africanos, cultuados por um povo que esqueceu de África, e ficará uma vaga, distante, memória da escravidão. O resto será apenas cinza e sombra. (AGUALUSA, 2011, p.156-157)

Esta inserção de valores, aqui enumerados por Fradique Mendes, como a dança e a religião, segundo Alberto da Costa e Silva, não se deu apenas em uma direção, mas chegou também à outra margem do Atlântico. Segundo o autor

O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver no sentido estético do Brasileiro. Por sua vez, em toda a outra costa atlântica se podem facilmente reconhecer os brasileirismos. Há comidas brasileiras na África, como há comidas africanas no Brasil. Danças, tradições, técnicas de trabalho, instrumentos de música, palavras e comportamentos sociais brasileiros insinuaram-se no dia-a-dia africano. É comum que lá se ignore que certo prato ou determinado costume veio do Brasil. Como, entre nós, esquecemos o quanto nossa vida está impregnada de África. (2003, p.72)

É, portanto, através desta travessia constante de pessoas entre as margens do Atlântico, deste espaço que adquiria diferentes significados para as personagens, representando para alguns o caminho da fortuna, para outros a possibilidade da liberdade, ou até mesmo a sua ausência, que acompanhamos, pelas observações feitas por Fradique Mendes, o desenvolvimento e a construção do Brasil por meio do trabalho e dos valores e crenças do africano, que se mesclou com as outras aqui encontradas, a europeia e a ameríndia: “Dessas justaposições, recriações, somas e misturas, há evidências por todo o lado. Nas urbes brasileiras, a cidade africana se incrusta na europeia. Na música popular, embaralham-se instrumentos africanos e europeus” (SILVA, 2003, p.163). Através da personagem principal, e de sua correspondência, José Eduardo Agualusa apresenta esta mistura de crenças, valores e costumes entre diferentes povos que contribuíram para a constituição deste país, por meio do constante trânsito entre estes três continentes, seja ele motivado pela busca de novas oportunidades, pela necessidade ou mesmo contra a própria vontade, pelo sistema do tráfico de escravos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos ajuda a pensar sobre como um autor angolano, José Eduardo Agualusa, discute e, mais, propõe um outro olhar acerca das relações entre três países durante a segunda metade do século XIX. O autor retoma uma personagem criada entre 1868 e 1869, em Portugal, e a insere em outro contexto, em continente africano, para desenvolver seu romance, que através de uma história de amor discute questões relativas à escravidão e as relações que se desenvolveram entre Angola, Brasil e Portugal durante os séculos de tráfico de escravos.

Fradique Mendes, criado pelo grupo do Cenáculo de Lisboa, pelas mãos de Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós, como um poeta que tinha por objetivo chocar a sociedade e criticar a escola literária daquele momento, o Romantismo, dos quais seus criadores então discordavam, ganhou ares de realidade, sendo considerado real por muitos, durante algum tempo. Após a publicação de algumas poesias em jornais como *A Revolução de Setembro* ou *O Primeiro de Janeiro*, ambos de Portugal, às quais lhe foram atribuídas a autoria, reaparece em outra obra, desta vez um romance epistolar de autoria conjunta entre Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, *O mistério da Estrada de Sintra*, em 1870, obra que, através de cartas enviadas a um jornal apresentavam informações acerca de um crime. Fradique Mendes aparece apenas em algumas passagens, onde alguns "traços de sua personalidade" são descritos. Entretanto a obra da qual José Eduardo Agualusa retoma esta personagem teria sua publicação iniciada somente em 1888, alguns anos após Eça de Queirós decidir escrever uma espécie de biografia que antecedia um conjunto de cartas de Fradique Mendes recolhidas pelo narrador da obra, que se dizia seu amigo, e que tratavam dos mais diversos assuntos. Em *A Correspondência de Fradique Mendes* conhecemos algumas características do português através do olhar de um personagem-narrador que dizia terem iniciado sua amizade após retorno do protagonista de sua viagem pelo continente africano, da qual, apesar de sua insistência, não consegue que o amigo escreva suas opiniões sobre aquilo que havia visto e vivenciado enquanto por lá esteve. José Eduardo Agualusa certamente se aproveita desta negativa da personagem para, em 1997, escrever *Nação Crioula*, retomando Carlos Fradique Mendes e publicando um conjunto de cartas que este havia escrito entre os anos de 1868 e 1888 durante viagens que haveria feito entre Europa, África e América do Sul.

José Eduardo Agualusa retoma a personagem e acrescenta alguns aspectos em sua biografia que estariam ausentes no romance de Eça de Queirós, uma parte desconhecida de sua história, que havia se passado durante suas viagens para Angola, onde conheceria Ana Olímpia, por quem se apaixonaria e com quem teria uma filha, Sophia, e entraria em contato, através da jovem angolana e de outras personagens, como Arcénio de Carpo, com a questão do tráfico de escravos entre África e Brasil. Este Fradique, que como o protagonista da obra queirosiana, era um rico português que conhecia o mundo por meio de suas viagens, sempre com o intuito de estudar outras culturas e alimentar sua curiosidade, que amava a todos os povos e costumes e que se inseria em meio a eles para apreender seus valores e tradições, em *Nação Crioula* acaba por encontrar uma realidade muito distante daquela que vivenciava na Europa. Um dandi português, que embora fosse um homem aberto a novas experiências, carregava consigo certa carga de preconceitos que, com o passar do tempo e com o decorrer das experiências que acompanha e enfrenta, em solo africano, vai se diluindo conforme se envolve com as demais personagens, através de seu trânsito pelo território angolano, seja pela capital Luanda ou por outras localidades como Benguela ou Novo Redondo.

No entanto, embora Fradique acabe por desconstruir estes preconceitos conforme interage com a sociedade angolana, algumas vezes ainda deixa transparecer seu olhar europeu, sua visão do “civilizado” em contato com uma sociedade “atrasada”, onde a filosofia, as ciências exatas ainda não estão presentes e “tudo são inexplicações”. A personagem analisa a cultura e as tradições angolanas, e mais tarde a brasileira, com seu olhar voltado para a Europa, para o que considera “civilização”. Interessante notar que muito desta diluição destes preconceitos, desta aproximação com o povo angolano, mesmo sendo característica presente já no protagonista de *A Correspondência de Fradique Mendes*, se deve ao seu amor por Ana Olímpia. É por meio da jovem angolana que o protagonista passa a se interessar por aspectos da sociedade luandense, a olha-la com outros olhos e outros interesses, se afirmando “quase africano”.

Entretanto, embora tenha despertado seu interesse pela África, Fradique Mendes não fixa residência em Luanda. Em suas viagens até a capital angolana fica hospedado na residência de Arcénio de Carpo. Angola, de certa forma, parece um local apenas de passagem para a personagem, ao contrário do que aconteceria mais tarde no Brasil, quando compra uma fazenda com o intuito de servir de moradia para ele e a jovem angolana. Sua primeira impressão em relação ao Brasil é descrita a sua madrinha, Madame de Jouarre, em comparação com Angola. Quando desembarcou em Luanda tinha a sensação de ter se

afastado da civilização, do próprio mundo, sentimento que vai sendo superado conforme desenvolve sua relação com Ana Olímpia. Sua referência era a Europa, possivelmente Paris, cidade em que morava. Já no Brasil suas comparações são feitas em relação a Angola, não mais ao continente europeu. O português havia se habituado àquela cultura e seus costumes, compreendido suas tradições. Por outro lado, ao visitar Engenho Cajaíba, fazenda localizada no Recôncavo baiano, descreve o local comparando-o ao paraíso, diferente do que havia feito em relação a Angola. Neste caso, considera a possibilidade de viver em um local como aquele e acaba comprando a propriedade. Há, também, suas opiniões em relação a Portugal. Como em *A Correspondência de Fradique Mendes*, no qual o narrador afirma que “o mais puro e íntimo de seu interesse deu-o sempre aos homens e às coisas de Portugal” (QUEIRÓS, 2013, p.72), de maneira crítica, faz uma avaliação sobre a situação do colonialismo português, em 1888, vinte anos após o início de suas aventuras, assim como relembra seu encontro com o amigo Eça de Queirós, em Lisboa, quando estavam “em busca de Portugal”.

O espaço mostra-se influente na decisão da tomada de atitudes das personagens. Angola, país natal de Ana Olímpia, e distante da civilização para Fradique, torna-se um espaço de opressão a partir da chegada de Jesuíno, cunhado da jovem, que se apossa de tudo que ela havia herdado do marido e a entrega como escrava. A opção que lhes surge é fugir para o Brasil, onde a angolana se recupera do sofrimento que havia enfrentado, e que acaba se tornando o porto seguro de ambos, seria algo como o “paraíso” descrito pelo português. Entretanto é também um local de opressão considerando-se a posição dos escravos trazidos da África para as terras brasileiras. Poderia representar, portanto, liberdade para alguns, como é o caso de Ana Olímpia, ou o seu fim, no caso dos escravos, como Cornélio. E o mar era o meio que propiciava o trânsito entre estes países. Representaria a morte e a vida, o renascimento. Garantia liberdade para alguns, lucro para outros e sofrimento para os negros embarcados nas costas africanas.

O autor retoma a personagem queirosiana e a adapta a uma nova situação. Mantém características do protagonista de *A Correspondência de Fradique Mendes*, como sua ironia, presente no texto todo, seu apreço pelas viagens, sua inteligência e seu senso crítico, seu olhar de homem europeu, sua extraordinária percepção da realidade, mas também lhe confere outras em seu romance, que lhe permitem se inserir em uma outra realidade, diluir seus preconceitos e apresentar um outro posicionamento frente a adversidades, a decisão de se tornar ativo em relação a uma causa, não apenas o humanismo “apático” de antes. É por Ana Olímpia que o Fradique Mendes de José Eduardo Agualusa se tornará um defensor ativo da luta contra a

escravidão. Mas esta personagem também difere do protagonista queirosiano em relação ao seu olhar, mais crítico e consciente quanto a questão do colonialismo português e da escravidão, uma vez que *Nação Crioula* é publicado no século XX, sendo mais próximo daquele que lhe confere a voz. E, assim como Eça de Queirós fez ao utilizá-lo para, através de suas cartas, expor suas ideias, opiniões e pensamentos, o autor angolano dele se utiliza para repensar as relações entre Angola, Brasil e Portugal, também por meio da correspondência.

### Referências Bibliográficas:

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1982.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011. (Coleção Ponta de Lança)
- ALEXANDRE, Valentim. **Velho Brasil Novas Áfricas: Portugal e o Império (1808 – 1975)**. Porto: Edições Afrontamento, 2000. (Coleção Biblioteca das Ciências do Homem / História / 19)
- AJAYI, J. F. Ade. **História Geral da África: África do século XIX à década de 1880**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. v.6.
- BANDECCHI, Brasil; ARROYO, Leonardo; ROSA, Ubiratan. **Nôvo dicionário de história do Brasil: ilustrado**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8.ed. – São Paulo: Ática, 2006 (Princípios; 3).
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 12.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio... [et. al.]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 1. ed. – São Paulo: Ática, 1985. (Princípios)
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro”. In: OLIVEIRA, Paulo Motta; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). **Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.253-263.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Trad. de Maria Helena Martins. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- FOUCAULT, Michel. A escrita em si. In: **O que é um autor?** 4. Ed. Veja: Alpiarça, 2000. p. 129-160.
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. “A construção do espaço da escrita em *Nação Crioula*.” In: CAMARANI, Ana Luiza; MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. **Espaço e tempo na narrativa**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- GOMES, Aldônio; CAVACAS, Fernanda. **Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

GOTLIB, Nádya Battella. Hibridismo e o gênero epistolográfico. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs). **Literaturas em movimento**. Hibridismo cultural e exercício crítico. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. P. 113-123.

JORGE, Sílvia Renato. Fradique Mendes em viagem: Eça de Queirós e José Eduardo Agualusa. In: OLIVEIRA, Paulo Motta; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs). **Os Censtenários**: Eça, Freyre e Nobre. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. P.361-369.

LEME, Carlos Câmara. **O quintal da minha casa ocupou o mundo**. Coleção Mil Folhas, 2009. Disponível em: <[www.static.publico.clix.pt](http://www.static.publico.clix.pt)>. Acesso em: 01 jul. 2015.

LIMA, Daniela de Oliveira. **A proximidade discursiva nas cartas dos romances A Correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós e Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa**. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015.

LIMA, Isabel Pires de. “Pontes queirosianas: Angola, Brasil e Portugal”, In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. (Org.). **Ecos do Brasil**: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas. São Paulo: SENAC, 2000. p. 69-88

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora Unesp; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MATOS, A. Campos. **Dicionário de Eça de Queirós**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

MOREIRA, Paula Renata. História que se conta é história que se inventa: Agualusa, criador de Fradique Mendes. Cadernos CESPUC. Belo Horizonte – n.20 – 2000. p. 80-86. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7872/6894>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa em perspectiva**. v.3. São Paulo: Atlas, 1994.

OLIVEIRA, Mario Antonio Fernandes de. **A formação da literatura angolana (1851 – 1950)**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

PETIT, Lucette. A propósito de A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (Orgs). **Prezado Senhor, prezada senhora**. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.113-120.

PORTUGAL, Francisco Salinas. **Rosto Negro**: O contexto das Literaturas Africanas. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1994.

QUEIRÓS, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. – prefácio de Mônica Figueiredo. – 1.<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

QUEIROZ, Eça de; ORTIGÃO, Ramalho. **O mistério da estrada de Sintra**: cartas ao Diário de Notícias. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1972.

RAMOS, Rui; VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo; MONTEIRO, Nuno Gonçalo. **História de Portugal**. 7.<sup>a</sup> ed. A Esfera dos Livros, 2012.

REIS, Carlos. **Estudos queirosianos**: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

\_\_\_\_\_. **História crítica da literatura portuguesa**. V.6 2.ed. realismo e naturalismo. Lisboa: Editorial Verbo, 2000.

REIS, Carlos; Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.

ROCHA, Andrée Crabbé. **A epistolografia em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1965.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Modernidade, identidade e cultura de fronteira**. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S.Paulo, 5 (1-2); 31-52, 1993.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 14.<sup>a</sup> ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1991.

SCHWARTZ, Jorge. A Cosmópolis: do referente ao texto. In: \_\_\_\_\_. **Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20**: Oliveira Gironde e Oswald de Andrade. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros e Jorge Schwartz. São Paulo: Perspectiva, 1983.

SERRÃO, Joel. **O primeiro Fradique Mendes**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

SCOTT, Ana Silvia. **Os portugueses**. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHÜLER, Donald. **Teoria do romance**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico**: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFJR, 2003.

SIMÕES, João Gaspar. **Eça de Queirós – a obra e o homem**. Lisboa: Editora Arcádia, 1978.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.

THIMÓTEO, Maria Natália Ferreira Gomes. **Fradique Mendes e o ideário da “Geração de 70”**. *Analecta*. Guarapuava, Paraná. V.2, n.2, p. 23-30, Jul./Dez. 2001.

VIANA FILHO, Luís. **A vida de Eça de Queiroz**. São Paulo: Editora da UNESP; Salvador: Ed. Da UFBA, 2008.

VITERBO, Victor Mancera. A epístola revisitada – identidade, hibridismo e linguagem. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 11., 2011. Salvador, BA. *Anais eletrônicos...* Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

WHEELER, Douglas; PÉLISSER, René. **História de Angola**. Lisboa: Tinta da China, 2012.